



Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto

**Vivências de idosos num jardim público do Porto -
processos de socialização e de aprendizagem em torno
do jogo da sueca**

Dissertação apresentada na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, no domínio Educação, Comunidades e Mudança Social.

Sob a orientação da Professora Doutora
Teresa Medina.

Luís Manuel da Silva Gouveia

Porto – 2016

Resumo

O envelhecimento demográfico inusitado, na contemporaneidade, é um fenómeno marcante nas Sociedades Ocidentais. O envelhecimento e a velhice passaram a ser equacionados a partir de um outro olhar, fruto de um desenvolvimento médico-científico sem precedentes que potenciou de forma muito significativa, o aumento da esperança média de vida.

A dissertação de Mestrado que se apresenta pretende ser um contributo para a compreensão de vivências de idosos num jardim público da cidade do Porto e dos processos de socialização e de aprendizagem que resultam das partilhas intersubjetivas em torno de um jogo de cartas.

A partir de uma experiência etnográfica, com cerca de seis meses de duração, na qual se utilizaram as técnicas de observação participante, o registo de notas de terreno (principal material empírico), conversas prolongadas e a recolha de narrativas biográficas, deu-se corpo a este trabalho com pessoas idosas não institucionalizadas.

Utilizando a análise de conteúdo como técnica de tratamento dos dados recolhidos, efectuaram-se as inferências interpretativas decorrentes da experiência etnográfica.

Como principais conclusões da pesquisa efetuada destaca-se a heterogeneidade dos frequentadores do espaço, a forma eficiente e autónoma como conseguem organizar-se no espaço de jogo, as frágeis condições de vida que suportam um considerável número deles e a importância das redes de sociabilidade que o jardim e o jogo lhes permite construir.

Insere no domínio Educação, Comunidades e Mudança Social, a dissertação que se apresenta encerra o 2º Ciclo de Estudos em Ciências da Educação.

Palavras-Chave: Socialização e Aprendizagem - 3ª/4ª Idades; Velhice/Envelhecimento;

Abstract

The unusual demographic ageing in contemporary times, is a remarkable phenomenon in Western Societies. Aging and old age began to be addressed from a different view, the result of a medical and scientific development without precedents that potentiate very significantly, the increase in average life expectancy.

The Master's thesis we present aims to be a contribute to the comprehension of the elders' experiences in a public garden in the city of Porto as well as of the sociability and learning processes that result from the intersubjective shares around a game of cards.

From an ethnographic experience, that lasted for about six months, in which we used the techniques of participant observation, field notes (main empirical material), long conversations and the collection of biographic narratives, we constructed this project with non-institutionalized seniors.

Using the content analysis as treatment technique of the data collected, we made interpretative inferences resulting from the ethnographic experience.

The main conclusions of the research carried out there is the heterogeneity of the visitors from space, the efficient and autonomous way they can organize themselves in the game space, the fragile living conditions that support a considerable number of them and the importance of social networks that the garden and the game allows them to build.

Included in the Education, Community and Social Change domain, the present thesis concludes the Master's course in Studies in Education Sciences.

Keywords: Socialization and Learning in Mature Ages; Elderly/Ageing.

Résumé

Le vieillissement démographique exceptionnel, dans l'époque contemporaine, est un phénomène remarquable dans les Sociétés Occidentales. Le vieillissement et la vieillesse a commencé à être abordée à partir d'un point de vue différent, le résultat d'un développement médical et scientifique sans précédent qui potentialisent de façon très significative, l'augmentation de l'espérance de vie moyenne.

La dissertation de Maîtrise qu'on présente prétend être une contribution à la compréhension des expériences des personnes âgées dans un jardin public de la ville de Porto et à la compréhension des processus de socialisation et d'apprentissage qui résultent des partages intersubjectifs autour d'un jeu de cartes.

À partir d'une expérience ethnographique, qui a duré environ six mois, dans laquelle on a employé les techniques d'observation participante, l'enregistrement de notes de terrain (principale matière empirique), les discussions longues et la collecte de récits biographiques, on a donné corps à ce travail avec des personnes âgées dés institutionnalisées.

Utilisation de l'analyse du contenu, comme technique de traitement des données collectées, on a fait des inférences interprétatives découlantes de l'expérience ethnographique.

Comme conclusions principales de la recherche faite, on souligne l'hétérogénéité de ceux qui fréquentent cet espace, la manière efficace et autonome comme ils réussissent à s'organiser dans l'espace du jeu, les conditions de vie fragiles qui prennent en charge un nombre considérable d'entre eux et l'importance des réseaux sociaux qui le jardin et le jeu leur permet de construire.

Insérée dans le domaine Éducation, Communautés et Changement Social, la dissertation qu'on présente ferme le Second Cycle d'Études en Sciences d'Éducation.

Mots-Clés: Socialisation et Apprentissage aux 3ème/4ème Âges; Vieillesse/Vieillessement;

Agradecimentos

Um percurso acadêmico só é passível de se alcançar com a colaboração de inúmeras pessoas e situações de vida relacionadas. Constitui-se em momentos únicos de partilha e significados inestimáveis, onde ocorrem intercâmbios de excelência que refletem a construção do conhecimento na plausibilidade da dialética instituída. Em simultâneo advém a presença da família e amigos que testemunham e apoiam esse desiderato. Desta simbiose, que promoveu o meu desenvolvimento dentro de uma perspectiva crítica e reflexiva, resultou o consolidar desta etapa da minha vida. Assim, no espaço exíguo que utilizo, não me é possível, como gostaria, de agradecer e saudar todos e todas que contribuíram para que esta dissertação fosse uma realidade. Reservolhes um ***Bem Hajam*** sentido.

Não obstante, desejo manifestar o meu especial agradecimento a quem me acompanhou de perto neste trilhar:

- A todos e todas os/as ***Professores e Professoras*** que me acompanharam no processo acadêmico e que me ajudaram a construir novos horizontes.

- A todos e todas os/as ***Companheiros e Companheiras*** da FPCEUP que comigo colaboraram e cooperaram no sentido de atingir esta meta.

- À ***Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação*** que me acolheu e fez sentir bem, daí a designar com carinho a minha segunda casa.

- À minha ***Mãe Júlia***, que desde sempre deu sentido à minha existência, com amor e perseverança.

- À minha mulher ***Marieta*** que me apoiou de forma incondicional e cuidou carinhosamente para que este objetivo fosse possível.

- Aos meus filhos ***Raquel e André*** que estiveram sempre presentes em todos os momentos desta fase da minha vida.

- A todos os ***Idosos*** frequentadores do jardim público onde decorreu a minha pesquisa, porque foi graças a eles que este trabalho foi elaborado.

- À minha orientadora ***Professora Doutora Teresa Medina*** por me aconselhar e guiar a minha formação académica e científica. As reflexões e orientações prestadas, no desafio que me propôs, foram determinantes para a consolidação deste projeto.

Estareis sempre presentes no meu coração!

Siglas e Abreviaturas

CAPI – Cidades Amigas das Pessoas Idosas

CCE – Carta das Cidades Educadoras

CE – Ciências da Educação

CEB – Ciclo do Ensino Básico

CED – Cidade Educadora

EBE – Estado de Bem Estar

EU 28 – União Europeia com 28 Estados Membros

FFMS – Fundação Francisco Manuel dos Santos

FPCEUP – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto

GE – Gerontologia Educativa

LBSS – Lei de Bases da Segurança Social

OMS – Organização Mundial de Saúde

INE – Instituto Nacional de Estatística

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

SS – Segurança Social

Índice

RESUMO	3
ABSTRACT	4
RESUMEE	5
AGRADECIMENTOS	6
SIGLAS E ABREVIATURAS	7
INDICE	9
INTRODUÇÃO	13

CAPÍTULO I

ANALISANDO O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO DEMOGRÁFICO: ESTATÍSTICAS, RESPOSTAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS	15
1. O envelhecimento acelerado nas Sociedades Ocidentais	17
1.1 - O fenómeno da ancianidade na Sociedade Portuguesa	18
1.2 - As novas categorias sociais: A Terceira e Quarta idades	22
1.3 - A importância do surgimento de um novo campo científico: A Gerontologia Educativa	23
2. O conceito de envelhecimento ativo e as respostas sociais às pessoas idosas	25
3. Os idosos não institucionalizados e a ocupação dos espaços públicos ..	27
4. O movimento das Cidades Educadoras e os idosos	28
5. Cidades amigas das pessoas idosas	30

CAPÍTULO II

DESVENDANDO OS CAMINHOS DA ETNOGRAFIA COMO ESTRATÉGIA INTEGRADA NAS METODOLOGIAS QUALITATIVAS	37
--	----

1. Um processo de descoberta	37
2. A importância dos princípios éticos na pesquisa	40
3. A opção por uma metodologia qualitativa	41
3.1 - A pertinência do paradigma fenomenológico-interpretativo	41
3.2 - Ao encontro do método etnográfico	43
4. A entrada no terreno	45
4.1 - A observação participante e as notas de terreno	47
4.2 - As narrativas biográficas	48

CAPÍTULO III

COMPREENDENDO O CONTEXTO PELA VOZ DOS PARTICIPANTES - VIVÊNCIAS CONSTRUÍDAS NAS INTERAÇÕES QUOTIDIANAS	53
1. Apresentação do espaço público	53
2. O jogo da sueca	54
2.1 - A zona de jogo: um espaço de sociabilidade e comunicação	54
2.2 - A organização do espaço de jogo	55
2.3 - A organização de grupos	57
2.4 - As aprendizagens no jardim	59
3. Temas de conversa	61
3.1 - As abordagens em torno do jogo da sueca	61
3.3 - Estigmas de guerra	63
3.4 - Representações Políticas	67
3.7 - Conversas do feminino	74
3.8 - Terra natal	76
4. Os frequentadores do jardim, histórias e percursos de vida	78
4.1 - Narrativas Biográficas	79
4.1.1 - Leonardo Dias	79
4.1.2 - Eduardo Costa	81
4.1.3 - Fernando Silva	85
4.1.4 - Artur Rodrigues	87
4.2 - Diálogos complementares com outros frequentadores do espaço	89
4.2.1 - Diálogo com o Fe	89
4.2.2 - Diálogo com o Am	90
4.2.3 - Diálogos com o J e o F	94
4.2.4 - Diálogo com o F	95

4.2.5 - Diálogo com o Ma	96
4.2.6 - Diálogo com o Ag	97
4.2.7 - Diálogo com o Q	98
4.2.8 - Diálogos com o Lo e o Q	99
4.2.9 - Diálogo com o Ml	101
5. Contributo das narrativas biográficas e das conversas complementares para melhor conhecimento do grupo e de cada um	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
BIBLIOGRAFIA	113

Introdução

O envelhecimento demográfico é uma realidade inquestionável na atualidade, decorrente do crescente envelhecimento da população, em função do aumento da esperança média de vida e das baixas taxas de natalidade. Resultantes destes pressupostos estão a acontecer “mudanças importantes [não só] sob o ponto de vista demográfico [mas] também social e educativo” (Osorio,1998:251).

Desde os princípios deste século, “Portugal aparece como uma das populações mais envelhecidas da Europa, assimilando-se aos países latinos de Mediterrâneo” (Gaspar,2009:63). Um fenómeno que tenderá a evoluir nos anos vindouros, em que “as cidades vão envelhecer muito mais rapidamente e isso, tem consequências na sua estrutura, na sua forma, no seu funcionamento” (Idem:72).

A partir destes indicadores, este trabalho combina-se com os meus propósitos de estudo situados na área da ancianidade e na sua relação com o social, em função do aumento progressivo da longevidade das populações, particularmente nas Sociedades Ocidentais. É do meu interesse investigar, de forma mais aprofundada, a problemática do envelhecimento no exterior das diferentes respostas sociais existentes na atualidade, nomeadamente em espaços públicos, no sentido de acompanhar e perceber uma realidade a que ninguém deve ficar indiferente, pela importância do tema em análise.

As vivências de idosos não institucionalizados, que frequentam regularmente jardins públicos da cidade do Porto, os seus processos de socialização e aprendizagem em torno do jogo da sueca são o objeto de estudo deste trabalho. Para tal, visitei a maior parte desses espaços e constatei que, em dois deles, a frequência era maior, porque a aproximação das pessoas é feita através de estratégias de sociabilidade que têm como mote comum o jogo de cartas. As aprendizagens resultantes dessas vivências são potenciadas por processos de educação informal presente nesses contextos, marcados por regras e normas tacitamente instituídas, bem como pelo poder da decisão e pela vivência democrática. Estas pessoas procuram fugir ao isolamento social e à solidão, aproximando-se de «outros/as iguais» a fim de interagir, promovendo saudável convívio «entre pares».

Das observações efetuadas, surgiu a vontade de corporizar este estudo, centrando-me no jardim da praça Marquês de Pombal, no qual um número significativo de gerontes se reúnem diariamente para jogar ou ver jogar a sueca. Este espaço foi literalmente «invadido» e apropriado por estes idosos, apesar de a autarquia

portuense não o conceber especificamente como zona de lazer e convívio de idosos da cidade.

O paradigma fenomenológico/interpretativo orienta-me em termos epistemológicos, no qual contextualizo sócio historicamente as vivências dos sujeitos, observo as múltiplas construções sociais da realidade e constituo-me como o principal instrumento da investigação porque utilizo a etnografia como método de investigação. Em função destes pressupostos, opto pela investigação qualitativa, porque sei que a construção do conhecimento emerge dos dados empíricos e a partir das intersubjectividades construídas.

Neste sentido, esta Dissertação de Mestrado encontra-se estruturada da seguinte forma: no primeiro capítulo, com o título “*Analisando o processo de envelhecimento demográfico: estatísticas, respostas sociais e políticas públicas*”, aparece a problemática/ enquadramento teórico, local onde apresento o tema e a sua importância como objecto de estudo, contando com os contributos de autores/as reconhecidos/as nesta área do conhecimento. O capítulo metodológico aparece num segundo momento, com o título “*Desvendando os caminhos da etnografia como estratégia integrada nas metodologias qualitativas*”, em que me insinuo na estratégia etnográfica, onde reside “a expectativa de nos confrontarmos com o inesperado” (Silva,2010:70). A epistemologia da escuta vai acompanhar-me ao longo da investigação, envolvendo-me “na ordem do aparecimento e desenvolvimento dos fenómenos a que nos tornamos sensíveis” (Berger,2009:189). No terceiro capítulo, denominado “*Compreendendo o contexto pela voz dos participantes - vivências construídas nas interações quotidianas*” estará contemplado o tratamento de dados recolhidos e produzidos no contexto, procurando identificar os modos de pensar e de organizar o mundo dos sujeitos. Aqui, também apresentarei os resultados, tendo presente que um conhecimento é sempre uma prática e uma relação, um trabalho de interpretação sobre os modos de pensar e compreender os/as outros/as.

Nas *Considerações Finais* faço uma reflexão sobre o percurso da pesquisa, sendo minha intenção, de igual forma, pensar sobre a cientificidade em Ciências da Educação e os desafios que se lhes coloca na abordagem da problemática do envelhecimento e dos modos de vida dos idosos.

A partir do domínio Educação, Comunidades e Mudança Social, é concebida esta dissertação que tem como objetivo concluir o 2º Ciclo de Estudos em Ciências da Educação.

CAPÍTULO I
ANALISANDO O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO
DEMOGRÁFICO: ESTATÍSTICAS, RESPOSTAS SOCIAIS E
POLÍTICAS PÚBLICAS

Capítulo I – Analisando o processo de envelhecimento demográfico: estatísticas, respostas sociais e políticas públicas

1. O envelhecimento acelerado nas Sociedades Ocidentais

As sociedades ocidentais estão a envelhecer vertiginosamente na contemporaneidade. Sendo o envelhecimento demográfico¹ um processo relativamente recente na história da humanidade, as projeções do Eurostat, até 2050, prevêem que se vai acentuar esse fenómeno (Eurostat, 2009). O alerta já fora anunciado na segunda Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento (2002), em Madrid, prospetivando um envelhecimento demográfico inusitado, ao divulgar que, no ano de 2050, a população idosa quadruplicará nos países em desenvolvimento, evidenciando preocupação com as oportunidades e desafios que a situação levanta, na construção de uma “sociedade para todas as idades”.

Constituindo-se como um processo com características consideradas irreversíveis, em que se denotam alterações profundas na estrutura de idades das populações, importa compreender o fenómeno, na sua complexidade, no sentido de encontrar um equilíbrio entre natalidade e envelhecimento, que permita vislumbrar nova orientação do fenómeno. Na esteira de Fernandes, “o problema demográfico do envelhecimento (...) configura-se associado ao declínio da natalidade e às migrações internacionais” (1997:33). As transformações sociais decorrentes do envelhecimento demográfico estão, assim, diretamente relacionadas com o aumento da esperança de vida, a diminuição da natalidade e o movimento (êxodo) migratório, o que obriga à adoção de políticas sociais suscetíveis de fomentar a natalidade, e de assegurar a todos os idosos condições de vida dignas e com qualidade. Haja vontade política e novos olhares sobre o problema do envelhecimento, sendo:

“convicente avançar para uma análise das pessoas idosas enquanto fenómeno social entendido não só a partir dos gastos que pode gerar (saúde, assistência, pensões, etc.), como também a partir do problema do reconhecimento do seu papel social” (Osório,2007:24-25).

¹ “O conceito de envelhecimento demográfico designa, no essencial, a progressiva diminuição do peso das gerações mais jovens a favor das gerações mais velhas” (Bandeira,2014:17).

A aceitação de que o processo de envelhecimento se inicia no útero materno e nos acompanha ao longo da evolução ontogenética, ajudará a esbater o exacerbar da cultura de juventude, fomentada e difundida nas sociedades capitalistas em que vivemos. Esta perspectiva, implica considerarmos a pessoa idosa como alguém em constante formação (construção), até porque o ser humano é um ser inacabado, deixando o idoso de ser “considerado como ser-para-a-morte (...) [reconhecendo-se] agora que ele (...) é um ser-para-a-vida” (Pinto,2007:84). Esta interpretação é, sem dúvida, ousada, mas em conformidade com os propósitos das pessoas idosas de recuperarem “o sentido antropogénico da formação ao longo da vida: descobrir e realizar as suas próprias possibilidades” (Idem:87). Como propugna Salselas, “o objetivo é atingir a (re) valorização da velhice face à sociedade e dos velhos perante si próprios, propiciando as condições e os espaços para a sua afirmação social e, simultaneamente, da sua auto-estima e autonomia” (2007:23).

No sentido de inverter as tendências atuais, as políticas demográficas a implementar devem promover o apoio à maternidade e imigração, uma vez que

“o principal fator natural responsável pelo envelhecimento demográfico das populações humanas foi o declínio da natalidade a partir dos anos setenta [do século passado] – altura em que a generalidade dos países desenvolvidos deixaram de renovar as gerações” (Fernandes, 1997:XIV).

A sensibilidade e empenho que os governantes, e a sociedade em geral, demonstrarem nesse sentido, ao criarem as condições necessárias para inverter o fenómeno, determinará, ou não, a sua reversibilidade. É por isso que é de vital importância “que tanto os indivíduos (...) como os governos (...) compreendam a realidade das questões demográficas, [sabendo que o fenómeno pode ser abordado] por medidas políticas, tendo em conta a vontade política e económica” (Harper,2009:84).

1.1 - O fenómeno da ancianidade na Sociedade Portuguesa

O envelhecimento das populações no contexto Europeu é um facto incontornável, dentro do qual Portugal assume particular relevância, como o revelam as projeções estatísticas demonstradas neste âmbito. Segundo uma investigação da

Fundação Francisco Manuel dos Santos (FFMS), “o envelhecimento da população portuguesa começou na década de 1960 (...) sob o efeito de dois tipos de emigração: movimentos externos para países europeus e movimentos internos para o litoral urbano” (Bandeira,2014:17), o que, desde logo, provocou desequilíbrios na estrutura das populações onde o êxodo se acentuou mais.

De acordo com os dados disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), e apoiado nos Censos de 2011, comprova-se que, nesse ano, por cada 100 jovens existiam 128 pessoas idosas, prevendo-se para 2060, por cada 100 jovens, 156 pessoas idosas. A esperança média de vida, à nascença, foi estimada em 79,45 anos. Numa população de 10 562 178 habitantes, 19% eram pessoas idosas, constatando-se um aumento de 3%, relativamente ao ano de 2001. O índice de longevidade, que relaciona a população com 75 ou mais anos com o total da população idosa com 65 ou mais anos era, em 2011, de 48, face a 41 em 2001 e 39 em 1991.

Baseado noutra estudo, realizado em 2015, para assinalar o Dia Mundial da População (11 de julho), o Instituto Nacional de Estatística (INE) elegeu a análise de alguns indicadores demográficos relativos ao envelhecimento da população, em Portugal e no contexto da União Europeia (UE 28). Os resultados mostraram que o envelhecimento demográfico traduz alterações na distribuição etária de uma população, expressando uma maior proporção de pessoas em idades mais avançadas e indicando que, dentro da população idosa, o ritmo de crescimento é mais forte nos/as idosos/as mais velhos/as.

Esta dinâmica é consequência dos processos de declínio da natalidade e do aumento da longevidade e é entendida internacionalmente como uma das mais importantes tendências demográficas do século XXI.

Ainda segundo os dados fornecidos pelo INE, Portugal, em 2013, apresentava uma das estruturas etárias mais envelhecidas entre os 28 Estados Membros da União Europeia: a proporção de pessoas com 65 e mais anos era de 18,5% na UE 28 e de 19,9% em Portugal, valor apenas ultrapassado pela Grécia (20,5%), Alemanha (20,8%) e Itália (21,4%); a proporção mais baixa verificava-se na Irlanda (12,6%).

Em 2014, a população residente em Portugal era constituída por 14,4% de jovens, 65,3% de pessoas em idade ativa e 20,3% de idosos. Este aumento significativo de pessoas idosas num espaço de um ano vai situar, neste estudo, Portugal como o 4º país da UE 28 com maior proporção de idosos.

Em função dos dados apresentados, sem dúvida se depreende que, no nosso país, o envelhecimento acelerado é uma realidade inquestionável, que merece de todos/as os/as cidadãos/cidadãs uma legítima preocupação, face às mudanças estruturais e globais que a situação coloca, porque “é indubitável que as sociedades são confrontadas com problemas indesejáveis quando a população envelhece” (Rosa,2012:14) e a natalidade diminui drasticamente.

O desenvolvimento científico verificado ao longo das últimas décadas permitiu que as pessoas atingissem grande índice de longevidade. Este fenómeno espectacular, em que a esperança média de vida aumentou substancialmente, nem sempre tem sido acompanhado pela adoção de políticas que permitam assegurar uma vida digna e com qualidade a todas as pessoas idosas. As respostas sociais são declaradamente insuficientes, tendo-se agravado a situação nos últimos anos, o que tem acentuado as desigualdades e exclusões profundas no tecido social. Neste quadro, a população idosa tem sido manifestamente lesada (porque já não pertence ao aparelho produtivo), tendo-se enfatizado a degradação de apoios diversos (pensões de reforma, cuidados de saúde, habitação, alimentação), contrariamente, aliás, ao consignado na Constituição da Republica Portuguesa. De acordo com Fernandes (2007:7),

“ [a] Política Social da Velhice, enquanto conjunto de intervenções públicas dirigidas às pessoas idosas, desenvolve-se no quadro de um Sistema de Segurança Social universal, mas que tem vindo a enfraquecer e degradar-se, reforçando a perda de estatuto dos seus destinatários e desvalorizando a categoria social que abrange – neste caso, a velhice.”

Decorrente destes pressupostos, o envelhecimento das populações tende a aparecer associado a visões negativas, como o despertar da “sociedade em risco” (Rosa,2012:14), culpabilizando os/as idosos/as pelas sucessivas crises com que nos temos defrontado. É em função de lógicas inquietantes que, diversos agentes e analistas políticos, se autorizam a considerar as pessoas idosas como responsáveis por diferentes problemas sociais, particularmente os relativos à situação dos jovens que tendem a proliferar na atualidade.

Desde logo, afirmam que os encargos acrescidos com esta população provocará uma situação caótica para a economia e um aumento na «despesa», que

acarretará desequilíbrios orçamentais insuportáveis. Todo o sistema financeiro entrará em colapso, “como consequência dos custos para responder às necessidades sociais e de saúde dos idosos” (Costas,2013:127). Nesse sentido, o problema social que equacionam é derivado da sobrecarga que os/as idosos/as impõem ao Estado Social e, particularmente, aos trabalhadores ativos, omitindo que os/as reformados/as “estão a receber verbas que anteciparam através das deduções feitas sobre os respectivos salários” (Pinto,2007:78), durante os anos em que contribuíram e cumpriram as suas obrigações fiscais, pelo que a questão assume um carácter falacioso. Na realidade, o problema resulta de que

“ há cada vez menos pessoas a trabalhar para garantir o pagamento das reformas, mas isso tem a ver com a baixa natalidade. Tem que ver com o desemprego e a precariedade que rege o mercado de trabalho” (Bandeira,2014:424).

Este tipo de análises alarmistas tem o condão de reforçar o fenómeno do «Idadismo»², quando a verdadeira questão passa, por repensar o papel dos indivíduos na sociedade, orientando para uma organização social diferente que saiba “tirar real proveito do capital humano existente” (Rosa,2012:16).

Urge, em consciência, procurar uma mudança de paradigma “como prenúncio de rupturas radicais” (Santos, 2005:95-98), assente numa “nova cultura e de novas políticas em relação aos idosos, (...) que possibilitem a sua autonomia pessoal e que os faça sentir-se úteis e integrados na sociedade” (Costas, 2013:132).

Para conseguir esse desiderato, importa reconhecer que o capital cultural e a experiência de vida representam uma valorização para o sucesso coletivo, assumindo que o envelhecimento deve ser visto como um tempo positivo, identificando nas pessoas idosas um papel essencial para o desenvolvimento comunitário e em que os/as mais velhos/as “podem constituir um potencial humano decisivo” (Rosa,2012:13). Donde se infere que as pessoas idosas devem ser estimuladas de forma a promover o seu desenvolvimento, despertando-lhes novos interesses e novas atividades, otimizando os recursos de que são detentoras e revitalizando-as.

² Idadismo – Atitudes preconceituosas com base na idade, sobretudo em relação aos mais velhos.

1.2 - As novas categorias sociais: A Terceira e Quarta idades

Em função do processo democrático do 25 de abril de 1974, em Portugal, a velhice, até então conotada com a mendicidade e a indigência, no que alguns autores designaram de “velhice invisível” (Fernandes,2007;Velo,2011), passou a ser considerada como uma “categoria social autónoma” (Velo,2011:27) e, dessa forma, constituiu-se como um problema social. As políticas sociais emergentes do Estado Providência³ evoluíram pela implementação dos sistemas de reforma⁴, introduzindo uma política de velhice que se traduziu no que se denominou “velhice identificada” (Fernandes,2007;Velo,2011), dando origem à noção de Terceira Idade, coincidente com a idade estabelecida para a reforma. Em consequência, a velhice passou a constituir-se como um “problema de todos que atravessa as classes sociais (...) uma causa de interesse geral a defender” (Salselas,2007:23).

Com o progresso médico e científico que ocorreu nas últimas décadas, o aumento da esperança de vida passou a fornecer indicadores etários inimagináveis até há pouco tempo. Importa sublinhar, deste ponto de vista, que “a ausência de crescimento demográfico é uma condição necessária mas que não chega para provocar o envelhecimento, pois também é necessária uma longa esperança de vida” (Wilson,2009:39). O grande aumento da esperança média de vida levou à emergência de um novo conceito, o de Quarta Idade, correspondendo aos idosos que vivem, para além da idade da reforma, mais “17 anos para os homens e de 20 anos para as mulheres” (Rosa,2012:30).

Não obstante os pressupostos, Providência e Estado de Bem Estar (EBE), continua a existir uma percentagem muito significativa de idosos/as que dificilmente pode considerar-se portadora dos direitos e do reconhecimento devidos. Reporto-me principalmente às minorias étnicas, aos/às sem-abrigo e a todos/as aqueles/as idosos/as, que, por não se enquadrarem determinados requisitos «legais», são ignorados/as, condenados/as ao ostracismo e à exclusão social e remetidos inapelavelmente para as margens da sociedade.

O envelhecimento e a velhice tornaram-se, desta forma, no decorrer do século passado, um problema social com importantes repercussões que avançarão neste

³ Em Portugal, apenas “no período pós 25 de abril (...) [foi reconhecido] o direito à reforma como um direito social [onde] esteve presente o princípio da universalidade” (Velo,2011:68).

⁴ Segundo Fernandes (2007:18) “a reforma é a componente eminentemente social da unidade aparente que constitui a noção de *peças idosa*. Do outro lado o envelhecimento, ou velhice, que constitui o elemento biológico.”

século XXI: seja na formulação e implementação de políticas sociais, que sustentem uma velhice autônoma e ativa, promotora do seu desenvolvimento, ou pelo contrário, derivado de processos de desestatização do Estado, no contínuo descomprometimento com uma população em crescendo, retirando-lhes sistematicamente direitos e condições para uma vida digna.

Efetivamente, no atual quadro político internacional, as políticas sociais conotadas com o Estado Providência⁵ tendem a entrar em falência, em consequência das políticas neoliberais que proliferam na contemporaneidade, as quais assentam em lógicas e pressupostos que nada têm a ver com o Estado Social.

Consciente desta injunção, que não é alheia a uma vontade política, assente numa ideologia capitalista, neoliberal de promoção “da autonomia e do individualismo possessivos” (Santos,2014:8), o envelhecimento é perspetivado como um acontecimento da vida associado à improdutividade, o que fomenta o preconceito e a marginalização. Qualquer coisa de obsoleto e estagnado que emperrou a máquina de produção, impedindo-a de fluir e criar novas oportunidades de riqueza e crescimento. Nesta ambivalência, em que predomina a aceleração do envelhecimento, fruto de um desenvolvimento médico-científico inquestionável, concomitantemente, prevalece todo um conjunto de factores anti democráticos que oprimem muitos idosos/as, não contribuindo de todo para o seu bem-estar e qualidade de vida.

1.3 - A importância do surgimento de um novo campo científico: A Gerontologia Educativa

A preocupação de estudar o processo de envelhecimento e os fatores correlacionados, permitiram o desabrochar da Gerontologia, a qual oferece “o enquadramento adequado para abordar o estudo e a intervenção na velhice e no envelhecimento humano” (Martín,2007:47). A partir de uma perspetiva multidisciplinar, entre as Ciências Sociais e as Ciências da Educação⁶, em que estas desempenharam um papel central na investigação, interpelando o fenómeno de forma reflexiva e ativa, constitui-se a Gerontologia Educativa, “como um campo de estudo e

⁵ “A crise financeira do Estado Providência, bem como o diagnóstico de um funcionamento sectorizado e desarticulado dos serviços institucionais que promovem a ação social, são apontados como os fatores que contribuem para a situação da crescente vulnerabilidade dos idosos” (Salselas,2007:23).

⁶ As Ciências da Educação são “um espaço de convergência de uma pluralidade de matrizes disciplinares e, portanto, um espaço potencialmente propenso à interdisciplinaridade (...) um espaço social apelante para a articulação metódica do individual com o social” (Correia,1998:19).

prática desenvolvido na interface da educação de adultos e da gerontologia social” (Peterson cit in Veloso, 2011:176), o que visa

“integrar as instituições e os processos de educação, com o conhecimento do envelhecimento e as necessidades das pessoas idosas [...]; o estudo sobre os idosos, a sua educação e o envelhecimento, assim como a prática educativa para a população idosa e para os profissionais em gerontologia [...]; evitar o envelhecimento precoce e possibilitar o crescimento psicológico [...]; investigar as alterações intelectuais que ocorrem com a idade, as adaptações que os alunos mais velhos requerem, e as motivações que poderão conciliar a participação e a não participação” (Peterson cit in Veloso,2011:176).

A partir destes pressupostos, a GE “abriu-se às teorias críticas da sociologia, da ciência política e das CE, privilegiando a compreensão e interpretação da construção e reconstrução de contextos/culturas da velhice/envelhecimento nas 3^a/4^a Idades” (Rocha,2015:73).

Embora no contexto português ainda não esteja presente “um processo de institucionalização da GE” (Ibidem), faz todo o sentido criar “um campo autónomo e legítimo no espaço social das CE (...) determinado pela procura de «relações multidisciplinares» com todas as ciências sociais e naturais” (Ibidem), instituído a partir da “educação e formação de adultos” (Ibidem), como área específica das CE. Deste modo, a ênfase será na “construção de intervenções formativas que tenham sentido na construção de sentido pelos próprios formandos [idosos] ” (Correia,1998:145), o que se deverá na “conscientização das desigualdades sociais que vivenciam e que conduzem à sua marginalização” (Veloso,2011:196).

Ser idoso/a, sofrer de isolamento e deixar de se sentir com um papel ativo na sociedade, é evidentemente promotor de exclusão social, pelo que é fundamental a definição de estratégias capazes de promover “novos interesses e novas atividades, de estimular e treinar a vitalidade física e mental e de ocupar, utilmente, os grandes tempos livres disponíveis” (Osorio,1998:252).

2. O conceito de envelhecimento ativo e as respostas sociais às pessoas idosas

Na sequência da Constituição Portuguesa de 1976, foi aprovada, em 1984, a Lei de Bases da Segurança Social (LBSS). Esta constitui um ponto de viragem na assistência e inserção comunitária dos idosos, que “vai ter implicações decisivas para a definição e a criação de uma nova representação social da velhice” (Salselas,2007:23). A imagem da pessoa idosa deixa de ser considerada negativa e excludente, “partindo do pressuposto de que é possível retardar o envelhecimento (físico e mental) através de diferentes atividades culturais, recreativas e desportivas” (Velo,2011:78).

A preocupação sentida neste âmbito, refletiu-se na construção e implementação de instituições que diariamente acompanham e prestam apoios diversificados a todos/as aqueles/as que as frequentam ou recebem. Reporto-me aos Centros de Dia, Lares de Idosos, Serviços de Apoio Domiciliário, Centros de Convívio, etc. Estes equipamentos oferecem diversas respostas à população idosa, segundo normas estabelecidas pela Segurança Social, através de prestação de serviços específicos (higiene, alimentação, cuidados de saúde e convivência social), e de promoção de atividades culturais, artísticas e desportivas, influenciando e reforçando a ideia de uma velhice ativa e com qualidade de vida, “através da sua participação na vida económica, social e cultural do país” (Salselas,2007:23). É nesse sentido que Alexandre Kalache, director do Programa da Organização Mundial de Saúde sobre Envelhecimento e Saúde, entre 1995-2008, considera que o envelhecimento ativo⁷ afirma que “é o processo de otimizar as oportunidades de saúde, de participação e de segurança, para que se possa aumentar a qualidade de vida das pessoas, à medida que envelhecem” (Kalache,2009:216).

Efetivamente para a OMS (2002), O conceito de «Envelhecimento Ativo», pressupõe uma visão centrada na pessoa como agente capaz, participativa e protagonista da sua própria vida, de uma forma otimista. Para tal, é necessário que existam respostas sociais, que orientem e ajudem as pessoas idosas e as suas famílias, principalmente aquelas que se encontram em risco de maior vulnerabilidade social, em função das necessidades apresentadas.

Não obstante esta perspectiva, o «Envelhecimento Ativo» confunde-se com a ideia expressa em determinados documentos da União Europeia,

⁷ “Para os reformados, o envelhecimento ativo significa ter ainda objetivos na vida e permanecer interessado na vida, nas questões sociais, no estreitar de relações e em cuidar da saúde física e mental” (Jacob,2013:17).

“de «políticas ativas», segundo as quais os Estados financeiramente pressionados se propõem estimular a pró-atividade dos cidadãos objeto dessas políticas, no sentido de, por assim dizer, «eles se ajudarem a si próprios», responsabilizando-os em derradeira instância pelos seus fracassos” (Moreira,2012:5)

São desta forma justificadas medidas políticas que têm vindo a ser implementadas, como o aumento da idade da reforma, prolongando o tempo laboral das pessoas, com o argumento de melhorar as suas condições de saúde, numa altura da vida em que já contribuíram para o desenvolvimento económico do país nos muitos anos de trabalho efetuado.

O processo de envelhecimento não é igual para todas as pessoas, não o sendo também os seus contextos e as suas condições socioeconómicas, o que implica equacionar diferentes tipos de apoio e de respostas sociais aos idosos, combatendo situações de isolamento social⁸ e solidão⁹, de angústia e depressão que, muitas vezes, acompanham estas pessoas, de forma deveras dramática no outono da sua vida. É importante, nesse sentido, atentar nos “contextos em que os fenómenos se desenvolvem, as representações que vão adquirindo forma e os problemas que vão surgindo (Fernandes, 1997:33).

As cruéis notícias de idosos/as que são encontrados/as mortos/as, após períodos mais ou menos longos de ausência, deviam alertar-nos para a perturbante situação e sensibilizar-nos para a questão social que emerge desta problemática, porque “a solidão é tida como uma das principais ameaças com que se defrontam, de forma muito particular, as pessoas mais idosas” (Leuschner,2009:327), o que obriga a alterar o rumo destes acontecimentos, na procura de uma humanidade que parece ter-se esvaído dos nossos horizontes.

Se o 25 de abril de 1974 permitiu uma alteração muito significativa das condições de vida dos mais velhos, a degradação do Estado Social que se tem verificado desde os finais das décadas de 80 e 90 do século passado, em consequência das políticas neoliberais implementadas, tem agravado a situação de muitos idosos. Num quadro de incumprimento e de alienação dos princípios consagrados na

⁸ “A situação de isolamento social é uma condição de ausência de contactos sociais” (Paúl,2012:33).

⁹ Caracteriza-se a solidão “como um estado no qual os indivíduos têm potencial para interagir com outros mas não o fazem” (Paúl,2012:33).

Constituição Portuguesa, a desigualdade e a exclusão foram sendo acentuadas, com graves repercussões na qualidade de vida de muitos idosos, para os quais o sentido de sua existência é esvaziado e o empobrecimento cresce, o que os afeta gravemente a nível das “dimensões material, social e cultural” (Salselas,2007:15), no seu todo. As pensões de reforma assustadoramente baixas, os direitos removidos e a assistência ineficiente, traduzem o desespero e a desigualdade crescente que afeta franjas significativas de idosos, como nódoa incrustada em tecido social deteriorado.

3. Os idosos não institucionalizados e a ocupação dos espaços públicos

Para além das respostas sociais dirigidas a idosos, importa ter presente que muitos não se encontram institucionalizados. Assim, a questão do envelhecimento, é um fenómeno que diariamente é observado quando visitamos as cidades e aldeias do país. Ao percorrer as ruas, praças, jardins, cafés ou determinadas áreas em grandes superfícies, cruzamo-nos cada vez mais com pessoas idosas, muitas delas detentoras de autonomia e vitalidade que apraz registar. No interior da urbe, a par dos centros comerciais e das grandes superfícies, “os jardins, as praças e as praias constituem os únicos espaços públicos gratuitos da cidade, permitindo, desse modo, aos aposentados uma frequência mais assídua, ou seja, a manutenção de um contacto quotidiano com os parceiros desse espaço” (Peixoto,2009:22).

Os espaços públicos são hoje um espaço privilegiado de encontro de idosos/as heterogéneos/as, com histórias e percursos de vida muito diversos. Os jardins, em particular, tornaram-se lugares especiais que foram literalmente ocupados pelos seniores, de forma a passarem um tempo de lazer e estabelecerem laços de proximidade com outros semelhantes. É nesta lógica que se inspira (Rocha,2015:39) quando propugna que “os jardins públicos das cidades contemporâneas são *lugares de reformados* (...) «inventados» pelos/as idosos/as”.

Efetivamente, estes constituem espaços de socialização, onde ocorrem manifestações diversas decorrentes das interações produzidas em contexto, nos quais o «jogo da sueca» se consigna como uma variável sustentada, que mobiliza uma afluência significativa de pessoas à procura de convívio e interação, sendo “a assiduidade dos aposentados que cria um sentimento de pertença a esse espaço, associado a uma identificação com a categoria de não-trabalhadores” (Peixoto,2009:129).

4. O movimento das Cidades Educadoras e os idosos

O movimento das Cidades Educadoras teve início em 1990, com a realização do I Congresso Internacional, em Barcelona, tendo o Município do Porto aderido nesse ano.

Ao discorrer sobre o Futuro da Educação, o relatório da UNESCO para o ano 2000, apresenta o conceito de Cidade Educadora, como “um enquadramento teórico que surge como expressão da nova sensibilidade e concepção que se vem desenvolvendo sobre as funções, os recursos e as potencialidades dos núcleos urbanos” (Villar, 2001:14). Os propósitos da Cidade Educadora sublinham a importância da dimensão relacional entre a cidade e os seus cidadãos, na construção de uma identidade de pertença à comunidade, pela participação ativa dos intervenientes, procurando em simultâneo o seu bem-estar.

A Carta das Cidades Educadoras (CCE) de novembro de 2004, diz no ponto 2, alínea 10 que:

“o governo municipal dever dotar a cidade de espaços, equipamentos e serviços públicos adequados ao desenvolvimento pessoal, social, moral e cultural de todos os seu habitantes, prestando uma atenção especial à infância e à juventude.” (Carta das Cidades Educadoras,2004).

Num tempo marcado pelo envelhecimento «acelerado» das populações, será oportuno reconhecer a atenção que os gerontes merecem, devendo as cidades adotar e implementar estratégias que permitam a estes conviver, expressar sentidos de vida em comum e ser reconhecido o seu direito a uma vida digna e de qualidade. Todos os cidadãos e cidadãs merecem tratamento igualitário, especialmente os mais vulneráveis dentro do espaço urbano. Se os jovens e adolescentes necessitam de acompanhamento adequado, os mais idosos precisam de continuar a participação que lhe dê voz dentro da cidade, não podem ser «segregados» e, conseqüentemente, esquecidos. Segundo Lefebvre (2012:101), “o caráter *democrático* de um regime [distingue-se] pela sua atitude em relação à cidade, às “liberdades” urbanas, à realidade urbana e, por consequência, à *segregação*”. Porque, se constituem os idosos como foco central desta pesquisa, é pertinente perspetivar que a Cidade Educadora deve

“difundir a consciência de todas as possíveis repercussões mútuas que as pessoas e grupos exercem entre si dentro do espaço público da cidade e [procurar] descobrir todas as potencialidades positivas em ordem ao progresso pessoal e social de todos os seus componentes” (Pozo,2013:25).

Nesta perspetiva, urge acentuar uma noção de Cidade Educadora que atente ao desenvolvimento integral de pessoas e comunidades (Villar, 2002). Para tal, esta autora evoca a necessidade de programas de utilização didática do meio que, centrados na Administração Local, evocarem ao território todas as suas dimensões educativas de forma a “fazer convergir os diferentes agentes formativos da cidade” (Villar, 2002:39). Neste quadro, a participação das pessoas deve ser orientada pela realidade existente, no sentido de transformar a cidade no espaço ideal desejado, até porque “a cidade educadora é, ao mesmo tempo, uma proposta e um compromisso necessariamente partilhados, basicamente, pelos governos locais e pela sociedade civil” (Bellot,2013:20).

Nesta ótica, o conceito de Cidade Educadora implica acolher e dar voz a todos e todas aqueles/as que a frequentam, em especial os mais vulneráveis, sendo necessário reconhecer estes grupos na vida social e repensar a requalificação dos espaços públicos no sentido de os transformar em locais de convívio ao gosto dos/as que os frequentam, designadamente a população idosa.

A questão primordial é que a Carta das Cidades Educadoras também não contempla os desejos e necessidades das pessoas idosas em toda a sua importância e significado, resumindo-se a integra-las no conjunto de cidadãos e cidadãs que podem beneficiar de projetos coletivos a partir de instituições e organizações civis e sociais.

É neste enquadramento que importa equacionar se o Município do Porto trabalha, no sentido de gerir a cidade de forma solidária, em relação aos idosos, dotando-a de oportunidades de vida pessoal e democrática com qualidade, e de espaços públicos significativos e dignificados para poderem desenvolver em plenitude a sua cidadania (Pozo,2013:30), o que implica criar as condições necessárias para a integração plena de todos os seus habitantes.

Por essa razão, importa analisar como uma cidade dita educadora responde às pretensões de reformados que diariamente ocupam diferentes espaços públicos,

designadamente os jardins, tendo como motivação o jogo da «sueca», assim como às condições existentes (ou não), para proporcionar uma melhor qualidade de vida de todos/as os/as frequentadores/as do jardim.

Ao mesmo tempo, sabendo que o ensino/aprendizagem não se define apenas a partir da educação formal, importa compreender de que modo a sabedoria e o conhecimento dos idosos são mobilizados no decurso das suas vivências nos jardins, até porque,

“pode dizer-se que toda a ação humana individual ou de grupo tem sempre um valor educativo ou deseducativo porque toda a ação humana não tem um resultado neutro ou indiferente para o desenvolvimento humano e cívico das pessoas”(Poço,2013:25).

5. Cidades amigas das pessoas idosas

“A OMS lançou, a 29 de junho de 2010, uma Rede Mundial de Cidades Amigas das Pessoas Idosas. Esta iniciativa visa responder ao rápido envelhecimento das populações e criar ambientes urbanos que permitam às pessoas idosas uma maior participação cívica na sociedade. O convite de adesão foi alargado a todas as cidades do Mundo.”¹⁰

O Município do Porto aderiu à Rede Mundial de Cidades Amigas das Pessoas Idosas em 1 de outubro de 2010. No âmbito desta iniciativa foi elaborado o Guia Global das Cidades Amigas das Pessoas Idosas¹¹, que estipula na sua introdução:

“Uma cidade amiga das pessoas idosas estimula o envelhecimento ativo através da criação de condições de saúde, participação e segurança, de modo a reforçar a qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem.

Em termos práticos, uma cidade amiga das pessoas idosas adapta as suas estruturas e serviços de modo a que estes incluam e sejam

¹⁰ In <http://www.cm-porto.pt>

¹¹ Por orientação da OMS, ao Guia Global das Pessoas Idosas (2007) estão subjacentes os princípios de Envelhecimento e Ciclo de Vida, Saúde na Família e na Comunidade.

acessíveis a pessoas mais velhas com diferentes necessidades e capacidades” (Guia Global das Cidades Amigas das Pessoas Idosas, 2007:1).

Daqui se infere a preocupação de ajustar os diferentes tipos de equipamentos sociais, estruturas e serviços públicos, no sentido de melhorar as condições de vida dos seniores.

Os princípios centrais apresentados no Guia Global das Cidades Amigas das Pessoas Idosas asseveram que:

“Numa cidade amiga das pessoas idosas, as políticas, os serviços, os cenários e as estruturas apoiam as pessoas e permitem-lhes envelhecer ativamente, ao:

- Reconhecer que as pessoas mais velhas representam um alargado leque de capacidades e recursos;
- Antecipar e dar respostas flexíveis às necessidades e preferências relacionadas com envelhecimento;
- Respeitar as suas decisões e escolhas de estilo de vida;
- Proteger os mais vulneráveis
- Promover a sua inclusão e contribuição em todos os aspectos da vida comunitária.” (Guia Global das Cidades Amigas das Pessoas Idosas, 2007:5).

As autarquias subscritas, ao comprometerem-se com estes procedimentos, assumem a preocupação com a vida das pessoas idosas, comprometendo-se a apoiar-las no processo de envelhecimento, de forma a dar resposta às diferentes necessidades e solicitações apresentadas, tendo como objetivo otimizar a qualidade de vida desta população, tendo em atenção que

“A participação em atividades de lazer, sociais, culturais e espirituais realizadas no âmbito da comunidade e da família permitem aos idosos continuar a exercer as suas competências, a ser objeto de respeito e estima e a manter ou estabelecer relações de apoio e de afeto” (Guia Global das Cidades Amigas dos Idosos,2007:38).

Relativamente ao Município do Porto, segundo um artigo publicado no Jornal de Notícias (2012)¹², da autoria de Tiago Alves e apoiado nos Censos de 2011, na cidade do Porto existiam 55 mil idosos, 60% dos quais viviam sozinhos, ou seja, mais de metade viviam sós. Uma situação deveras preocupante, até porque as tendências indicavam o aumento significativo do número de idosos nos anos seguintes e certamente acompanhadas de crescentes condições de precariedade e isolamento.

O ano de 2016 é consagrado pela autarquia portuense aos idosos, tendo como lema: Porto-Cidade Amiga das Pessoas Idosas.

Neste âmbito, a Câmara Municipal do Porto promoveu uma série de seis *Workshops* Temáticos, entre fevereiro e abril do corrente ano, a fim de abordar diferentes assuntos relacionados com a população sénior, designadamente: “Espaços Exteriores e Habitação”; “Respeito e Inclusão Social”; “Participação Social, Participação Cívica e Emprego”; “Comunicação e Informação”; “Suporte Comunitário e Serviço de Saúde” e “Transportes”.

O objetivo dos eventos foi promover o envelhecimento ativo, incentivando as relações intergeracionais, apelando à participação dos seniores na vida comunitária e convocando a comunidade em geral para a abordagem da problemática do envelhecimento, de “modo a criar uma cidade solidária, ativa, coesa e assente numa via de desenvolvimento sustentável”¹³ Os interlocutores debateram questões como o aumento de população idosa em função do decréscimo da natalidade, e o acentuar da taxa de desemprego (12%) entre os 55-64 anos de idade, num quadro de grandes dificuldades encontradas para a reentrada no mercado de trabalho. Entrementes,

“Ao lado das **oportunidades de emprego no grupo com idades compreendidas entre 55-64 anos, etariamente próximo de passar a fronteira institucionalizada da entrada na reforma**, coexistem as **ameaças** sobre a velhice - «morte social», como a denominaram já na década de 70 [do século passado] - daqueles que entram na reforma após prolongada e dolorosa experiência do desemprego, o chamado desemprego de longa duração (Esteves,2010:265).

Num quadro em que, de acordo com Cabral & Silva, (2012:85), em Portugal,

¹² In Jornal de Notícias *on line* de 8 de março de 2012.

¹³ In portal de notícias do Porto de 2016-02-12.

“não existem políticas educativas para os idosos, em especial a chamada «educação ao longo da vida» que não deve ser confundida com as «universidades seniores»; também não há políticas de habitação e urbanismo, na «linha das «cidades amigas das pessoas idosas»; e tem faltado articulação efectiva entre os departamentos da Saúde, da Segurança e da Ação Social, confiando-se retoricamente nas «iniciativas da sociedade civil»,

importa refletir sobre o papel que um município, como o do Porto, pode desempenhar, no delinear de políticas municipais verdadeiramente amigas das pessoas idosas. Como é que o Município Portuense se vai posicionar e que medidas concretas vai implementar no sentido de inverter aspetos preocupantes e centrais na vida dos idosos da cidade?

A palavra de ordem que emana do Guia Global das Cidades Amigas das Pessoas Idosas é *capacitação*,¹⁴ sendo compreendida como o processo de tornar os ambientes, espaços, comunidades urbanas e indivíduos em agentes e contextos sociais, onde se consagram os princípios nele expressos.

¹⁴ In Guia Global das Cidades Amigas das Pessoas Idosas (2007).

CAPÍTULO II
DESVENDANDO OS CAMINHOS DA ETNOGRAFIA COMO ESTRATÉGIA
INTEGRADA NAS METODOLOGIAS QUALITATIVAS

Capítulo II – Desvendando os caminhos da etnografia como estratégia integrada nas metodologias qualitativas

1. Um processo de descoberta

Na cidade do Porto, cidade particularmente envelhecida, é possível encontrar em espaços públicos, grupos de idosos a jogar cartas. A partir da pesquisa efetuada constatei que os jardins são os locais privilegiados para esse efeito. Deste modo, as vivências de idosos num jardim público do Porto – processos de socialização e aprendizagem em torno do jogo da «sueca», constituiu-se como o meu objeto de estudo. O meu interesse é relevante, no sentido de compreender quem são os idosos que frequentam os jardins públicos, que motivações têm para frequentarem esses espaços e que tipo de interações são produzidas em contexto a partir das intersubjetividades constituídas. De igual modo, é importante conhecer como usam e se organizam no espaço de jogo e que aprendizagens significativas resultam das relações que partilham. Após visitar vários jardins da cidade, optei pelo jardim da praça Marquês de Pombal, porque é diariamente frequentada por elevado número de idosos que jogam as cartas nas quatro mesas em pedra existentes, cada qual rodeada por quatro bancos da mesma matéria. Para além desses aspetos, situando-se «na parte alta» da cidade, constitui um local privilegiado para esses encontros quotidianos.

Quando encetei este estudo, no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação, interrogava-me sobre o tipo e características das pessoas que iria encontrar no contexto escolhido para o efetuar, as conversas que decorreriam e os laços vincutivos constituídos, tendo como mote o jogo da «sueca». Tendo presente a importância da 1ª rutura epistemológica, através de leituras exploratórias¹⁵ que me ajudassem a redimensionar ideias preconcebidas sobre idosos/as em espaços públicos, não pude deixar de pensar, num primeiro momento, que iria encontrar uma população específica, não obstante saber que devia “dizer não à «ilusão da transparência» dos factos sociais, recusando ou tentando afastar os perigos da compreensão espontânea” (Bardin, 2011:30).

¹⁵ “A verdadeira função da teoria, concebida como parte integrante do processo metodológico, é a de ser o instrumento mais poderoso da rutura epistemológica face às pré-noções do senso comum, devido ao estabelecimento de um corpo de enunciados sistemático e autónomo, de uma linguagem com suas regras e sua dinâmica próprias que lhe asseguram um caráter de fecundidade” (Bruyne, Herman & Schoutheete, 1991:102).

Não tendo encontrado muitos estudos¹⁶ sobre vivências e socialidades de pessoas idosas em espaços públicos (e particularmente sobre o jogo da sueca), o meu trabalho de pesquisa constituiu-se como um desafio acrescido no sentido de compreender e interpretar um fenómeno intensificado na contemporaneidade.

A mente construía um quadro eclético, fruto das idiosincrasias naturais, mas em termos profissionais, socioeconómicos e níveis de escolaridade, antevia pessoas de origem operárias e com reduzida formação escolar. O tempo passado em conjunto com os frequentadores do espaço viria a demonstrar a pouca originalidade destes pensamentos, sustentados no senso comum mistificatório, principal obstáculo epistemológico à construção de conhecimento.

Assumindo que “o conhecimento é, sobretudo, inter-conhecimento, constrói-se no jogo das intersubjetividades” (Terrasêca, 2002:517), num segundo momento, a aproximação, abertura e confiança estabelecida, foram acompanhadas pelas técnicas de procedimento utilizadas em etnografia, a fim de procurar compreender¹⁷ as subjetividades das pessoas com quem interagi. Neste âmbito, a observação participante e as notas de terreno assumiram-se como instrumentos de investigação deveras importantes na estratégia integrada de pesquisa, porque constituem “a possibilidade para se imergir um pouco mais no mundo onde as pessoas estão imersas e de olhar as coisas por perto” (Silva,2010:69), dada a observação direta da atividade do grupo e as de culturas em presença.

Sabia desde o princípio estar a desenvolver um estudo exploratório, atendendo ao tempo exíguo definido para realizar o trabalho de pesquisa, acrescidas das dificuldades que as condições meteorológicas podiam trazer, uma vez que se trata de um contexto ao ar livre. O tempo útil devia, por isso, ser devidamente aproveitado se pretendia levar a bom porto o estudo abraçado.

Uma vez iniciada a pesquisa, tive consciência de que devia ser ouvinte atento, adaptável e flexível face a situações inesperadas que pudessem ocorrer, mantendo uma vigilância crítica para evitar o preconceito e estar atento na escrita produzida para que as questões éticas¹⁸ fossem salvaguardadas. Também senti a importância de

¹⁶ De realçar o estudo comparado efetuado por Clarice Peixoto (2000), na França e no Brasil, sobre a sociabilidade dos aposentados em espaços públicos.

¹⁷ “A abordagem compreensiva (...) procura conhecer os esquemas sociais de interpretação que organizam a forma de pensar e agir das pessoas e orientam as suas visões de mundo” (Silva,2010:57).

¹⁸ Nas questões éticas está implícita a presença de “um compromisso que nasce da constelação erguida à volta de noções como *proximidade*, *reconhecimento* e a *confiança* que permitem a *hospitalidade* como *gesto*” (Couto cit in Baptista,2005:8).

reconhecer as pessoas como sujeitos, portadores de saberes, até porque a vida é uma fonte de conhecimento fundamental. Não esquecendo que a minha posição não é neutra porque interfiro diretamente no processo de investigação onde estou implicado, quer me manifeste ou não, porque “quem investiga tem uma história que organiza as formas de olhar e, portanto, de pensar o mundo” (Silva,2010:53).

Ao entrar no terreno desejei encontrar informantes privilegiados que ajudassem no processo de integração, mas não consegui esse desiderato. Foi no dia-a-dia que estabeleci conexões de proximidade, entranhando-me gradativamente nas vivências da comunidade em presença, sendo com a ajuda das pessoas em contexto que fui “fazendo terreno, organizando a minha presença e familiarizando-me com rostos e rotinas” (Silva,2010:97).

A minha idade, aliada ao relacionamento simples e comunicação fácil, constituíram-se como elementos facilitadores de envolvimento no contexto. Não foi isento de sofrimento que me insinuei, vivenciei e integrei na plêiade existente, sentindo dificuldades iniciais, até ganhar a confiança de dois grupos de reformados que me «apadrinharam». Pelas características do vivido, não saí incólume duma experiência inovadora e gratificante.

Ao longo do tempo de permanência no contexto recolhi significativo material empírico, a partir da observação participante e das narrativas dos sujeitos sobre a forma de compreenderem e vivenciarem o mundo, que me permitiram proceder à interpretação e compreensão das culturas e da sua construção, no ambiente onde me inseri.

Para o efeito senti a necessidade de efetuar um trabalho complexo de tratamento e cruzamento de grande quantidade da informação obtida, qualitativamente diversa, analisando o conteúdo, que me permitisse compreender as intersubjetividades constituídas (a fim de construir conhecimento válido) de forma a conhecer as diferentes realidades experienciadas. Fundamentei esta parte do trabalho nas notas de terreno, na recolha de quatro narrativas biográficas e em conversas complementares que tive no terreno ao longo do tempo que demorou esta pesquisa.

Para análise dos dados obtidos, optei pela técnica da análise de conteúdo “ que aposta claramente na possibilidade de fazer inferências interpretativas a partir dos conteúdos expressos, uma vez desmembrados em categorias (...) com vista à explicação e compreensão dos mesmos” (Amado, 2013:300).

2. A importância dos princípios éticos na pesquisa

A minha postura sobre o ato de investigar advoga-me desde logo as questões éticas que têm de presidir no decurso da minha investigação. A presença do anonimato e a confidencialidade devem estar presentes na forma como escrevo e no meu horizonte, permanentemente, para que a produção de conhecimento não resulte em prejuízo do ponto de vista subjetivo dos intervenientes. Devo para tal, respeitar a individualidade de cada ser se pretendo fazer “ciência com consciência” (Morin, 2005).

Como pretendi interpretar e compreender as vivências desta população, construídas num ambiente em que a educação informal¹⁹ predomina, através dos conhecimentos e saberes adquiridos ao longo da vida, foi imperioso partir de uma:

“Racionalidade marcada pela atenção e pela importância conferida aos sujeitos, às suas experiências singulares, aos seus saberes e às suas narrativas subjetivas, isto é uma racionalidade que aceita e valoriza a implicação, a imprevisibilidade, a heterogeneidade, a subjetividade e a ausência de distância entre investigadores e sujeitos de investigação²⁰” (Terrasêca,2005:514).

Para tal, tive necessidade de recorrer a narrativas biográficas, a fim de aprofundar os saberes e conhecimentos²¹ de que eram portadores os sujeitos da pesquisa, de forma a melhor compreender os sentidos de vida dos mesmos, sabendo “que as histórias de vida permitem uma outra compreensão da história individual e coletiva, dos diferentes contextos em que as pessoas intervieram e participaram e das transformações sociais, políticas, económicas e culturais que influenciaram os seus percursos de vida (Medina, 2008:79).

¹⁹ “A educação informal está associada ao processo de socialização dos indivíduos, e, neste sentido, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar segundo valores e crenças do grupo a que se pertence ou se frequenta” (Bruno,2014:14).

²⁰ De forma a refutar a violência simbólica, descrita como “todo o poder que consegue impor significações e impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que são o fundamento da sua força, junta a sua força própria, i.e., propriamente simbólica, a essas relações de força” (Bourdieu, Pierre & Passeron, Jean Claude,1977) In a Reprodução.

²¹ Segundo Guy Berger “a tarefa de construção do saber, é precisamente ir buscar junto daqueles que sabem, o discurso de que são portadores” (2009:178).

3. A opção por uma metodologia qualitativa

Ao trabalhar com pessoas tenho presente a importância dos sentidos e significados que estas dão ao mundo onde estão inseridas, através das interpretações subjetivas que fazem do mesmo, porque reconheço “a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação” (Denzin e Lincoln, 2003:23). Segundo esta linha de raciocínio entendo que um projeto de investigação qualitativa, em termos epistemológicos, “trata da relação entre quem faz investigação e quer conhecer e aquilo que pode ser conhecido” (Silva, 2010:51). Não é de estranhar, portanto, que assente “numa visão holística da realidade (ou problema) a investigar, sem a isolar do contexto «natural» (histórico, socioeconómico e cultural) em que se desenvolve. Nesta perspectiva, importa reconhecer que os contextos influenciam as variáveis históricas, políticas, sociais e económicas em presença, e que, se a minha investigação ocorresse noutra época sócio histórica, os resultados seriam diferentes, o que me leva a concluir estar perante um tipo de “conhecimento situado” (Harding cit in Silva, 2011:62), produzido a partir de um ponto de vista, num determinado contexto. Neste quadro, o/a investigador/a e “objeto de estudo” interagem e influenciam-se reciprocamente, ou seja, são inseparáveis na produção de conhecimento, dado que “a vivência de outros ocorre na situação de frente a frente com outro, o protótipo da interação social” (Berger e Luckmann, 2010:40).

3.1 - A pertinência do paradigma fenomenológico-interpretativo

Foi minha intenção ao longo do processo, interpretar e compreender as diferentes formas de ser e estar das pessoas que acompanharam a investigação, “tomando como base os sentidos que os sujeitos conferem às circunstâncias e aos atos que de algum modo vivenciam” (Amado, 2013:31). Desse ponto de vista assumo como central:

“A compreensão das intenções e significações – crenças, opiniões, percepções, perspectivas, concepções, etc. – que os seres humanos colocam nas suas próprias ações, em relação com os outros e com os contextos *em que* e *com que* interagem. Procura-se *o que*, na realidade,

faz sentido *e como* faz sentido para os sujeitos investigados”
(Idem:40-41).

São na realidade as perspectivas dos sujeitos que me permitem compreender o fenómeno social resultante das interações produzidas em contexto, no qual também sou parte ativa, porquanto observo e implico-me nas diferentes experiências vivenciadas, sendo igualmente portador de um capital cultural e de ideias sobre e para com o mundo. Não sou um ser a-social e neutro.

Tendo consciência de que sou o principal instrumento da investigação (sou quem vai «traduzir» os resultados da investigação) devo possuir a humildade científica para reconhecer os saberes e os conhecimentos de que são portadoras as pessoas envolvidas, a heterogeneidade em presença e as diferentes histórias de vida dos participantes. Nesse sentido,

“a investigação a desenvolver implicava escutá-las e dar-lhes voz, aceder e dar visibilidade às suas reflexões e análises, aos seus relatos, discursos e argumentos, aos seus pontos de vista e subjetividades sobre os acontecimentos que vivenciaram e/ou protagonizaram (...)” (Medina, 2008:80).

Por essa razão tentei “distanciar-me” de ideias pré-concebidas sobre esta população, contando com a ajuda de leituras exploratórias sobre este tipo de problemática.

Ao tentar compreender fenómenos “através de processos inferenciais e indutivos” (Amado,2013:41), insinuo-me no paradigma fenomenológico-interpretativo²², porquanto observo comportamentos e atitudes, não procurando explicações e conseqüentemente relações causa-efeito para efetuar generalizações. Reconheço por isso que:

“A abordagem compreensiva visa apreender e explicitar o sentido da atividade social individual e coletiva enquanto realização de uma intenção. Ela se justifica na medida em que a ação humana é

²² Segundo Schwandt “a análise fenomenológica interessa-se principalmente em compreender a constituição do mundo intersubjetivo (...) quotidiano (2003:196).

essencialmente a expressão de uma consciência, o produto de valores, a resultante de motivações” (Bruyne, Herman & Schoutheete, 1991:139).

Pretendo desse ponto de vista “trabalhar o saber de que as pessoas são portadoras, e não produzir saberes sobre pessoas coisificadas que elas não seriam capazes de saber” (Berger, 2009:178), porque estou convicto de que a vida é uma fonte de saber fundamental.

3.2 - Ao encontro do método etnográfico

Ao decidir-me por um problema de investigação na área da ancianidade, optei por fazê-lo no exterior das instituições, porque pretendo conhecer diferentes formas de estar e ser por parte de uma população heterogénea, inserta em contexto público, onde realidades plurais são construídas e intersubjetividades partilhadas. O meu desafio também é sustentado por «rarearem»²³ estudos sobre idosos/as em contextos públicos (como já manifestei anteriormente neste trabalho). Como propugna Peixoto (2009), “o elo entre esses grupos sociais é a criação de manifestações espontâneas de sociabilidade nos espaços públicos, um aspeto ainda pouco explorado pelos pesquisadores” (2009:16).

Tive consciência que ia estar em presença de um grupo manifestamente masculino, mas o interesse manteve-se pela importância de conhecer práticas e perspectivas de existência neste contexto, através do meu modo específico de ver, ao fazer interpretações das interpretações dos sujeitos sobre a vida e o mundo.

Os objectivos que ressaltam das intersubjetividades permutadas apontam para a descrição e interpretação das diferentes culturas existentes que o terreno me vai dando a conhecer. Para tal escolhi o método etnográfico, porque é aquele que me dá mais garantias de produzir conhecimento válido nestes contextos. Assente na observação participante e nas notas de terreno (em que a escrita é contemporânea do método), tenho consciência de que sou o principal instrumento da investigação, porquanto (des) construo as «falsas» evidências que aparentemente identificam as

²³ Não obstante procurar em variadas fontes não consegui encontrar trabalhos significativos sobre vivências de pessoas idosas desinstitucionalizadas em locais públicos, particularmente em jardins.

múltiplas realidades emergentes de interações socioeducativas presentes nestes espaços.

A Etnografia foi a metodologia reconhecida porque “o objeto da etnografia é a cultura de um determinado grupo, e o objetivo principal da etnografia é a descrição e interpretação dessa cultura” (Amado & Silva, 2013:146). É o método que me permite observar as coisas de perto e observar o universo onde as pessoas estão imersas, de forma a procurar as “racionalidades locais e a compreensão que os sujeitos fazem da sua vida” (Silva, 2011:69). Esta autora, diz que enveredar por este método é confrontar o inesperado, não no sentido da fenomenologia do grandioso, mas a partir de reflexão outra perante diferentes formas de vida (Silva, 2011).

Compreendo a complexidade do método,

“que coloca o investigador numa tensão entre a situação de *estar de fora* e a de *estar dentro*. *Estar de fora* porque, quer queira quer não, ele não faz parte do território que vai procurar estudar e é, à partida, um intruso numa terra que não é sua; *estar dentro* porque só a naturalização da sua presença poderá evitar condicionamentos anormais do comportamento e da expressão de determinados atores, (...) o que evidentemente poria em causa as observações efetuadas” (Fernandes & Neves, 1997:6).

Consistindo numa estratégia integrada de pesquisa que orienta a minha investigação, o objetivo é tentar «descobrir» como é que as pessoas vivem num determinado contexto, interpretando reflexivamente os seus modos de viver, as suas subjetividades. É como se estivesse a interpretar a subjetividade das subjetividades, ao compreender como é que o sujeito ativo e pensante age e reflete, ou como interpreto “as minhas compreensões das compreensões deles/as de um mundo compreendido” (Willis cit in Silva, 2011:116). Segundo Silva (2011), “A estadia prolongada no terreno é uma condição que é inerente ao método etnográfico, ainda que não se considere que esta estadia seja a garantia da autoridade etnográfica para chegar à verdade, pois existe «uma confissão teórica que torna os dados significativos» ” (Willis cit in Silva, 2011:72). Como defende Woods acerca desta situação, existem “especialmente, os imperativos de tempo, quando, por exemplo, é preciso *apresentar um relatório da nossa pesquisa, responder ao pedido de um editor, preparar uma*

comunicação para tal seminário, uma conferência com data fixada...” (Woods cit in Lapassade, 1990:129), ou, neste caso, concluir o Mestrado.

Na verdade, o tempo limitado que me é imposto para a realização deste trabalho, impede-me de prolongar a estadia tal como gostaria, de forma a aprofundar as questões e a procurar outros entendimentos sobre o fenómeno, daí que tenha consciência do trabalho ser considerado exploratório e pretenda «abrir portas» para futuras reflexões neste domínio.

4. A entrada no terreno

Foi nos finais do mês de julho de 2015 que iniciei a pesquisa, concluindo-a no final de dezembro do mesmo ano, que permitiu a elaboração deste trabalho de investigação. Nunca vivenciei uma experiência do tipo etnográfico o que fez aumentar a curiosidade e espetativa no desafio emergente. Tinha consciência que estava num espaço público, onde não existe qualquer tipo de protocolo estabelecido e que por isso era mais complexo estabelecer contactos que servissem os meus propósitos de pesquisa. Só com paciência e espírito de abertura às pessoas em presença é que conseguiria a aproximação adequada ao endogrupo em que me queria introduzir. Após ter consolidado os propósitos da minha investigação, preparei-me para a entrada no terreno.

A aproximação ao contexto no primeiro dia foi deveras entusiasmante, porque como vivi relativamente perto do espaço e frequentei a escola do 1º CEB local, tinha a esperança de encontrar pessoas conhecidas de tempos idos. Foi, por isso, com naturalidade que encontrei um «velho conhecido» vizinho dos meus avós maternos. O reencontro permitiu reviver recordações antigas e perceber em comum os trajetos de vida que seguimos e daqueles que nos são próximos. Acalentei, de imediato, o ensejo de ter neste ator o informante privilegiado que tanto ambicionava, no sentido de me orientar nas rotinas dos frequentadores do espaço e concomitantemente constituir-se como o elo de ligação entre mim e os jogadores de sueca. Dado que reconheço, a importância e significado que os informantes privilegiados têm, porque é com a ajuda dispensada por eles “que vou fazendo terreno, organizando a minha presença e familiarizando-me com rostos e rotinas” (Silva, 2011:97).

Como conversamos bastante nesse dia, as pessoas presentes constataram a cumplicidade entre nós, o que facilitou a minha entrada no ambiente circundante. Mas,

desde logo, compreendi que não seria a pessoa que me ajudaria no processo de naturalização ao contexto, quando me disse:

-“Eu estou com uns problemas de saúde. aguardo intervenção cirúrgica ao coração. Tenho de substituir duas válvulas e também tenho problemas com o pâncreas.” (NT 1)²⁴

Percebi, no imediato, que razões de saúde o impediriam de frequentar o espaço com a assiduidade desejada, confirmada no tempo que passei entre as pessoas que me ajudaram à construção deste trabalho.

Apesar de não ter podido contar com a colaboração desta pessoa, enquanto informante privilegiado, como esperava, acabei por ser aceite na comunidade, após manter a assiduidade e estabelecer relações de proximidade com determinadas pessoas no espaço.

Compreendi, de imediato, que a minha faixa etária (mais próxima dos sujeitos a contactar, foi fator facilitador de aproximação), não tendo despertado qualquer tipo de surpresa as minhas intenções de procurar estabelecer alguma confiança junto das pessoas alvo da minha pesquisa.

A aproximação ao terreno é de variada ordem:

“física (idas frequentes ao terreno; permanência no local de estudo), cognitiva (leituras de bibliografia referente a investigações afins àquela que se realiza; conversas com indivíduos que conhecem bem os territórios a analisar), e afeto-cognitiva (estabelecimento de relações de confiança com determinados indivíduos cujo auxílio será precioso para o trabalho a desenvolver; descoberta progressiva de novos modos de pensar e viver determinadas situações) (Fernandes & Neves, 1997:6).

Os primeiros tempos permitiram a observação sistemática dos modos de vida, recolhendo informação e gradualmente obter a confiança das pessoas, fator essencial para conseguir entrar num meio diferente, que pretendia descobrir.

²⁴ Nota de terreno 1 de 21 de julho de 2015.

4.1 - A observação participante e as notas de terreno

O polaco Bronislaw “Malinowski define a observação participante como método da prática etnográfica que tem como sentido a imersão na prática quotidiana, onde se procura conhecer um lugar, um conjunto de relações e de mundos em movimento” (Silva, 2011:74). Foi o que fiz ao fazer observação participante, à medida que me embrenhava no terreno, atento aos detalhes, mesmo daquilo que aparentemente parecia irrelevante.

De forma gradual fui entrando no quotidiano dos grupos, atentando nas narrativas, expressões, ditos e não ditos, que ao meu redor se desenrolavam; divaguei de mesa em mesa observando hábitos, rotinas e comportamentos dos frequentadores do espaço, reconhecendo que “a observação participante tem como princípio a necessidade de o pesquisador manter sempre algum grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetada” (Amado & Silva, 2013:153).

Constatedei a existência de vários grupos de pessoas que, habitualmente, tentavam encontrar-se na «mesma mesa» para jogar e confraternizar e acabei por me fixar em dois grupos que me «atraíram mais» e passei a conviver, preferencialmente, com eles. Foi importante tentar compreender quais os processos de tomada de consciência de pertença a um grupo, "que está vinculada à permanência de certos comportamentos sociais desenvolvidos nestes territórios [criando] um sentimento de apropriação desse espaço” (Peixoto, 2000:48).

Deste modo, senti que “a figura do [investigador] cria-se na construção da sua presença no presente” (Silva, 2011:80). Questionei-me várias vezes porque escolhi aqueles sujeitos e não outros; recolheria dados diferentes com outros frequentadores do espaço? Provavelmente sim, mas foi uma opção e tinha de o fazer, porque não era possível acompanhar a totalidade dos participantes nesses encontros habituais.

Percebi, à medida que me embrenhava neste quotidiano, que a epistemologia da escuta mais que a do olhar iria estar presente na investigação, porque não tenho dúvidas que me envolvi “na ordem do aparecimento e desenvolvimento dos fenómenos a que nos tornamos sensíveis” (Berger, 2009:189); a epistemologia da escuta acompanhou-me sempre neste processo, porque atento ao mais ínfimo detalhe e memorizando o mais possível, compreendi que “a observação participante realiza-se a partir de um corpo que se movimenta e não apenas de um olho que vê” (Silva, 2011:80).

Diariamente contactei pessoas diferentes, conversei com elas, mas apenas as interpelei se necessitava de algum esclarecimento ou se fosse «convidado» a participar nos diálogos.

Reconheci a importância da brevidade de escrever as notas de terreno, que se constituíram mais tarde, como material empírico fundamental e de alto valor para trabalhar os dados ao fazer análise de conteúdo. A escrita é contemporânea do método ao longo do trabalho, porque o material percebido não é verbal: é o que escrevo com maior ou menor qualidade que me permite dar o testemunho dos relatos do vivido. Por isso tentei treinar a memória, para posteriormente reproduzir de forma mais fidedigna os discursos produzidos e as observações constatadas. As notas de terreno foram elaboradas de forma descritiva num primeiro momento, para num segundo momento interpretarem as diversas situações construídas em contexto, procurando por esse rumo dar sentido às vivências percebidas, ao permitirem “refletir sobre as várias fases que constituíram a estadia no terreno” (Silva, 2011:109). Acabaram por se constituir num “pequeno arquivo que pode dar conta da evolução no terreno, das perdas de «ingenuidade» e das opções que vão sendo tomadas” (Silva, 2011:109).

4.2 - As narrativas biográficas

Uma história de vida ou narrativa biográfica implica que uma pessoa conte o seu percurso existencial, de acordo com a sua própria orientação, dado ser expressão, na primeira pessoa, a experiências significativas que possibilitaram a construção de sentidos identitários, sempre relacionais, situacionais e determinadamente marcados pelos percursos educativos. Constitui-se como um processo de descoberta, na subjetividade e (re) construção do vivido ou como a mobilização de sentidos é importante para poder entender o que é narrado. Os relatos do vivido, a partir das narrativas dos indivíduos, permitem a reconstrução das experiências, acontecimentos e conteúdos que ocorreram em diversas etapas das suas vidas, sendo estes que

“através dos seus relatos, que nos permitem a reconstrução dos conteúdos de vida, ao considerarem-na do presente, filtrando-a por diversas categorias, desenvolvendo uma lógica narrativa que procura dotar de sentido o que se conta.” (Pais, 2001:107).

A necessidade de recorrer a narrativas biográficas surgiu como imperativo, com o objetivo de conhecer, com mais profundidade, os percursos de vida dos sujeitos em presença. Desde os aspetos mais significativos das suas vidas, que fizessem sentido para este trabalho, até à compreensão das razões da sua presença no contexto e das socializações e aprendizagens efetuadas. Só pelo facto de estes idosos se encontrarem e partilharem saberes num espaço público, desde logo é possível afirmar que processos educativos estão presentes,

“reconhecendo que muitas atividades da vida quotidiana, cujo objetivo não é explicitamente educativo [formal], provocam, em quem as vivencia, mudanças nos conhecimentos, nas capacidades e nos comportamentos, decorrentes da aquisição de conhecimentos na ação e da capitalização das experiências individuais e coletivas” (Medina, 2008:98).

Para melhor compreender as interações produzidas, as relações sociais e as relações culturais em presença e os fenómenos vividos e experienciados, foi importante recolher dados na primeira pessoa. Assim, solicitando a colaboração de alguns frequentadores do jardim e garantindo a confidencialidade, em nome de uma ética que se deseja num quadro de respeito mútuo e transparência, construí os alicerces para aprofundar o trabalho de pesquisa, «convidando» simultaneamente os biografados, a situar-se no universo que constitui a construção das suas diferentes perspetivas sobre as realidades sociais.

Espero deste modo contribuir para a interpretação e análise, de realidades e identidades intersubjetivamente construídas. Desta forma, ao reconhecer e interpretar o outro, dou sentido e realizo, pela via da socialização, a existência de diferentes realidades, interiorizando distintas perspetivas, que me ajudam a interpretar e dar sentido a fenómenos subjetivamente construídos.

Constatei nas conversas enriquecedoras, a recuperação de memórias por parte dos biografados, que os ajudaram a dar conta das diferentes perspetivas sobre as realidades sociais, que cada um tem em função das suas histórias de vida. Um testemunho da visão pessoal, dentro do emergente paradigma social, que personifica que “todo o conhecimento é local e total” (Santos, 2010:96).

CAPÍTULO III
COMPREENDENDO O CONTEXTO PELA VOZ DOS PARTICIPANTES -
VIVÊNCIAS CONSTRUÍDAS NAS INTERAÇÕES QUOTIDIANAS

Capítulo III – Compreendendo o contexto pela voz dos participantes - vivências construídas nas interações quotidianas

1. Apresentação do espaço público

O espaço público que selecionei para fazer a minha investigação é o jardim do Marquês de Pombal, situado na zona “alta” da cidade do Porto. A área é densamente arborizada por plátanos, existindo no centro uma fonte circular de dimensões acentuadas e na, ala norte, um coreto. Por baixo do coreto existem duas casas de banho independentes, para homens e mulheres, que estiveram encerradas durante muito tempo, não obstante estarmos num espaço público muito frequentado. Existia também uma pequena biblioteca, desde há muito encerrada. Decorreram obras de reestruturação e abriu durante o mês de agosto de 2015, com o aval da autarquia portuense, reconvertida em café. Os proprietários que exploram o serviço anexaram as duas casas de banho, apenas para utilização dos clientes. Neste espaço público distribuem-se bancos que convidam os visitantes à leitura, convívio, relaxamento e contemplação. Ao longo do rectângulo do jardim, sebes de arbustos dividem as várias entradas de acesso ao espaço. As duas entradas para o «metro», recentemente construídas nos topos sul e norte, também contribuíram para a alteração da estética paisagística deste espaço verde, modificada pela «intromissão» do novo meio de transporte. Do lado sul, à volta de uma enorme palmeira (único exemplar que contrasta com a vastidão dos plátanos) estão situadas quatro mesas de pedra, com igual número de bancos em cada uma, construídos com a mesma matéria. É importante realçar que a colocação destas mesas pela autarquia, não teve como finalidade a criação de “estruturas de apoio” para o uso que lhes é dado pela população que as frequenta, portanto não se destinaram a ser utilizadas, especificamente, para jogos de cartas (entretenimento), mas antes para que os/as visitantes do jardim tivessem um local para eventualmente merendar e conviver. Muito perto, existe um pequeno quiosque que vende produtos de tabacaria e funciona há muitos anos no local.

Para além de outras pessoas de diferentes faixas etárias²⁵, que frequentam o jardim, é a este contexto que diariamente afluem dezenas de idosos e outros curiosos/espetadores, onde interagem e convivem, tendo como mote o jogo da

²⁵ Os jardins “são espaços públicos (...) abertos a todos, independentemente do estatuto social ou da idade” (Peixoto:2009:20).

“sueca”. Apesar de provavelmente, e como diz Peixoto, a propósito de outros espaços públicos, “a motivação primeira para a criação desse espaço de sociabilidade [estar] fundada na vontade de ocupar o tempo livre, o grupo de aposentados foi progressivamente se organizando” (2009:129), através de normas tacitamente estabelecidas e escrupulosamente cumpridas. Constata-se, por isso, que “embora informais, esses grupos, entretanto, têm regras que podem ser passíveis de descrição-mesmo que obedecem a um esquema característico, em contraste com aquilo que normalmente se entende por «regras»” (Willis,1991:39).

É neste ambiente de características singulares que o jardim se foi transformando, literalmente invadido pelos idosos, que o transformaram em “*lugares de reformados* [a exemplo de] outras formações históricas do espaço público” (Rocha, 2015:39).

Sendo as experiências sociais e interculturais destes idosos no contexto, que me orientaram na investigação sobre as vivências, processos de socialização e aprendizagem, resultantes das interações construídas, é pertinente que a pesquisa se centrasse na interpretação e compreensão das intersubjetividades constituídas.

2. O jogo da sueca

2.1 - A zona de jogo: um espaço de sociabilidade e comunicação

Existe no jardim do Marquês de Pombal uma zona de convívio e lazer, literalmente «ocupado» por frequentadores quotidianos, que jogam às cartas. O espaço do lazer é desde logo identificado no contexto, no sentido em que “a valorização do jogo (...) estende-se hoje, cada vez mais à idade adulta (...) [tornando-se] um tempo de atividades que têm um valor em si” (Dumazedier, 1974:58).

Tendo por base o jogo da sueca, encontra-se na área onde decorre o jogo, um significativo grupo de pessoas na sua maioria idosas e reformadas. Para além destas, destaca-se, igualmente, a presença de um restrito número de pessoas, consideravelmente mais jovens e sem trabalho, que vivem da atribuição temporária do subsídio de desemprego, como tive oportunidade de saber ao longo do tempo em que decorreu a pesquisa.

Num ambiente onde predominam os indivíduos do sexo masculino, fui surpreendido pela presença de uma senhora, acompanhada de dois filhos menores.

Esta, em meados do mês de agosto deixou de estar presente e só muito mais tarde soube, por outro dos utilizadores do espaço, que fora morar para longe do jardim e por essa razão deixara de o frequentar.

Neste espaço encontram-se no quotidiano dezenas de pessoas que interagem e convivem em comunidade. Nos dias de grande afluência detetei a presença de mais de meia centena de frequentadores, entre assistentes e jogadores. Só a chuva interrompe estes encontros. O frio, calor e o vento desagradável que se faz sentir amiudadamente, não constituem fatores de intimidação para os «residentes» do espaço. O tempo passado no jardim, em convívio, era o que fazia sentido para muitos desses indivíduos, porque “vão escolhendo relacionar-se com as pessoas de quem se sentem mais próximas (independentemente de serem familiares ou amigos)” (Fonseca,2005:298). Talvez a principal razão do seu dia-a-dia.

Nessa área do jardim falam dos mais variados temas, enquanto aguardam vez para entrar em jogo, ou se a conversa estiver a ser interessante podem prolongá-la, cedendo a posição de entrada na mesa. Também estão presentes pessoas que normalmente não jogam, preferindo seguir atentamente o desenrolar das partidas e opinar quando a ocasião se proporciona. Estou em concordância com Clarice Peixoto, quando constato que estamos em presença de um “ritual quotidiano [que] manifesta a intenção de desenvolver relações voluntárias, buscando encontrar companheiros e contar as histórias do dia-a-dia, falar da vida” (Peixoto,2009:10).

2.2 - A organização do espaço de jogo

É de importância central para este estudo referir a forma como se auto-organizam no contexto os jogadores de sueca. Na ausência da normatividade existente nas instituições, orientadas por regras previamente estipuladas por via de uma estrutura implementada, os sujeitos que frequentam o jardim estabelecem e praticam normas e procedimentos tacitamente acordados, que conseguem fazer prevalecer de forma organizada e democrática.

Respeitam o tempo de entrada dos jogadores na mesa e as regras definidas para o jogo. Reconhecem, portanto, a ordem de chegada dos intervenientes junto das mesas e o número de jogos a efetuar durante uma partida («a melhor de sete» como dizem). Defrontam-se duas duplas de jogadores, em cada mesa, são de uma maneira geral inflexíveis na aplicação do acordado e denunciam «abusos» quando detetados.

São exemplos das situações apresentadas, a de uma «passagem» involuntária:

“O Ao fez uma renúncia a dada altura que foi notada. Com os quatro jogos de penalização a sua equipa foi eliminada.” (NT 28)²⁶; e a referente a uma anormalidade constatada:

“O Ma apercebe-se que na mesa já tinham ultrapassado «os sete jogos instituídos» e desata a barafustar com os intervenientes. As regras tacitamente acordadas são normalmente respeitadas por todos os jogadores. Pergunta-lhes se os outros estão ali a fazer figura de palhaços e que o espaço é de todos e não só de alguns. Só um dos elementos da mesa trocou umas palavras impercetíveis com o Ma. Acaba por dizer que se quisesse jogava toda a tarde, o que contribuiu para enfurecer mais o Ma:

-“Isto é de todos. Venho aqui para jogar e há lugar para todos, olha o diabo!”

Os restantes mantiveram-se calados enquanto decorria o oitavo jogo.”
A mesa «desfez-se» no final do mesmo.” (NT 36)²⁷

Durante as partidas podem ceder a vez a alguém com quem tenham relações de proximidade ou usuais companheiros de mesa, que entretanto haviam chegado. Portanto, ao ausentar-se pontual ou definitivamente por razões pessoais, pode acontecer serem substituídos por quem aguarda vez de entrar, mas normalmente atribuem o lugar a quem assim entendam.

É importante também realçar, como determinados elementos, trazem papelão para forrar as mesas e os bancos e a maioria está munida de baralhos de cartas e canetas para apontarem os «riscos» das partidas, que escrevem nas margens do papelão.

Ao compreenderem que devem aceitar e respeitar os princípios “instituídos”, manifestam entender as regras de vivência em comum e procuram preservar os laços de pertença à comunidade, com a qual se identificam, porque “a qualidade das relações sociais na velhice tende a ser determinante para a satisfação de vida das pessoas” (Fonseca,2005:298).

²⁶ Nota de terreno 28 de 13 de novembro de 2015.

²⁷ Nota de terreno 36 de 2 de dezembro de 2015.

Na atmosfera da área de jogo, «sente-se» a importância de pertencer a este numeroso grupo, porque “estes indivíduos estão sujeitos às mesmas normas morais que definem as práticas coletivas do comportamento público, expressas nos contactos face a face” (Peixoto, 2009:18), como que à procura de uma cidadania e participação, que sucessivamente lhes é coartada, particularmente daqueles (a maioria) que estão afastados da «vida ativa», pela passagem à situação de reformados, num tempo em que “parece claro que se os idosos estiverem informados e integrados à vida social, serão capazes de acompanhar as transformações da sociedade” (Ferrigno,2003:72).

2.3 - A organização de grupos

Relativamente ao jogo em si, dir-se-ia que todos os jogadores se podem defrontar sem obstruções de qualquer espécie. Aparentemente. É que, no interior deste grupo de pertença, existem subgrupos formados a partir das diferenças que os unem. A proveniência de origem, as relações laborais e as amizades constituídas são exemplos de aproximação que permitem estabelecer laços de reconhecimento no outro, facilitadores de relações de cumplicidade no jogo e na vida, porque:

“A única forma de tentar aceder ao mistério de cada outro, aprendendo com a sua diferença, é entrar em relação, é tentar entrar em contacto com esse seu mundo muito pessoal através de um movimento de aproximação contínua ” (Baptista,2005:53).

Pode-se considerar no seio dos frequentadores do espaço, grosso modo, a existência de dois grandes grupos: «o dos jogadores» e o dos «outros».

No primeiro joga-se com destreza e habilidade, não é «permitido o erro»:

“Aqui, interiorizavam demasiado a postura, como se de uma competição se tratasse. Por vezes, despoletavam grandes discussões, derivadas do mau perder de alguns destes elementos. Sempre que terminava um jogo, não se lamentavam com a falta de sorte, como acontecia em muitas ocasiões com as pessoas que jogavam noutras mesas, preferindo discutir o erro e a má tomada de decisão que contribuía para a derrota. Sem sombra de dúvida, consideravam-se «a nata dos jogadores» que frequentavam o espaço. Só partilhava a

mesa «um grupo de eleitos», que se consideravam «jogadores de sueca». Inflexíveis nas normas tacitamente estipuladas. Outra diferença que notei é que os assistentes só se manifestavam quando terminavam os jogos e de forma categórica sempre que detetavam falhas inequívocas.” (NT 27)²⁸

O outro grupo de maiores dimensões era constituído por subgrupos com características específicas que, com pequenas exceções, podiam sentar-se à mesa para jogar uma partida. Não obstante terem equipas preferidas, se um dos parceiros estivesse ausente, jogavam com quase todos os frequentadores do espaço.

Constatei diferença de atitude em relação à senhora (por discriminação de género) quando sentia dificuldade em entrar numa das mesas:

-“Parece que ninguém quer jogar comigo?”, Dizia ela.

-“Eu, por mim jogo com qualquer pessoa!” Comentou um senhor em pé ao seu lado.

-“Nunca pensei que existisse tanto preconceito com as mulheres!”, Argumentou a senhora.” (NT 3)²⁹

E a dois ou três outro frequentadores devido a hábitos e comportamentos indesejados (falta de higiene e abuso do álcool):

O Ma vai urinar debaixo de um plátano. Fica indignado por ele após urinar tirar fruta do saco e comer, enquanto caminha em direção à mesa. Não se contendo acrescenta:

-“Que falta de higiene!... E quando está com a bebedeira dá com as «manápolas em cima da mesa de pedra». É burro que se farta! O Ma recomeça a jogar enquanto vai comendo.” (NT 39)³⁰

Não obstante, partilhavam o espaço com alegria e pelo prazer de jogar, como explicita um dos participantes:

-“Eu vim aqui para me divertir e eles levam isto a sério”, transmitindo a dimensão lúdica presente neste tipo de interações (NT 13)³¹.

²⁸ Nota de terreno 27 de 12 de novembro de 2015.

²⁹ Nota de terreno 23 de julho de 2015.

³⁰ Nota de terreno 39 de julho de 2015.

2.4 - As aprendizagens no jardim

Sendo capazes de se auto organizar, estes idosos, obedecem a princípios aceites na «comunidade» onde desempenham papéis nas rotinas implementadas, porque “a realidade da vida quotidiana contem esquemas tipificadores em termos dos quais apreendemos os outros e «lidamos» com eles nos encontros frente a frente” (Berger & Luckmann,2010:42).

As relações que estes idosos estabelecem, tendo como base o jogo da sueca, são capazes de potenciar aprendizagens, quer decorrentes do jogo de cartas, quer através da partilha de experiências diversas que vivenciaram ao longo da vida.

Conhecedores das regras do jogo, em que dois pares se defrontam até terminar a partida, os indicadores que transmitem durante a realização do jogo testemunham a agilidade cognitiva e a exercitação da memória. A contagem ponderada do jogo, os movimentos corporais, enfatizados na troca de olhares cúmplices, a atenção «às passagens», os toques astutos na mesa com ou sem cartas e a forma de baralhar, partir e dar cartas, insinuam as competências que são capazes de mobilizar a fim de conseguirem os seus intentos. Constituem um conjunto de mnemónicas, bem treinadas entre os jogadores, que denunciam os «truques» apreendidos ao longo de muito tempo de prática. Não obstante ser um jogo «calado», muitas vezes acontecem as picardias e trocas de palavras mais contundentes, que geram tensões pontuais, que conseguem ultrapassar através do diálogo. Representam, portanto, um espetáculo digno de ser assistido e desfrutado, que promove em simultâneo o desenvolvimento intelectual, social e afectivo.

A partir desse contexto, relações intersubjectivas são construídas e capacidades cognitivas estimuladas. A forma como vivem³² e interpretam o jogo permite-lhes espicaçar a atividade mental, nos raciocínios efetuados e nas interações partilhadas³³.

Enquanto jogam vão estimulando as capacidades intelectuais, nomeadamente pela atenção prestada às cartas jogadas e à contagem do jogo. Conforme se pode inferir num momento de um jogo:

³¹ Nota de terreno 31 de julho de 2015.

³² “ A experiência vivida é uma maneira bem caracterizada de perceber a existência de uma realidade” (Bruyne, Herman & Schoutheete, 1991:141).

³³ As atividades lúdicas e de ócio entre estas pessoas permitem “considerar o valor que têm para estimular [os sujeitos] de várias formas, com a finalidade de provocar estados emocionais positivos e para se envolverem em ações que mantenham a possibilidade da atividade, a integração no ambiente e que proporcionem sentido à vida” (Jacob,2013:24).

“O Mn reinava com o Z a propósito deste o ter aconselhado a ir para a escola primária aprender a contar. Ora o Mn era daqueles jogadores que contavam sempre o jogo e apologista de que «um jogo contado estava meio ganho».” (NT 30)³⁴

A ocupação no jogo permite-lhes continuar a exercitar competências cognitivas, acentuadas inclusive nas vivências partilhadas que quotidianamente constroem. As trocas experienciadas possibilitam igualmente manter as pessoas ao corrente do que se passa na vida e no mundo.

Por outro lado, ao inserirem-se no contexto, conseguem diminuir os sentimentos de solidão em que por vezes se encontram, porque existem casos de pessoas que vivem sozinhas, e permite, em simultâneo, aumentar a auto-estima e melhorar a comunicação entre eles nas interações construídas.

Só pelo facto destes idosos frequentarem este espaço de lazer, “pressupõe uma seleção das pessoas, permitindo que uma relação quase imediata se produza” (Peixoto,2000:162), ao traçarem cumplicidades, na proximidade e afetos que desenvolvem entre si. São momentos especiais em que se “preservam ainda certos comportamentos antigos e manifestações sociais que refletem a necessidade de uma sociabilidade e solidariedade quotidianas” (Idem:178).

Na atmosfera da área de jogo, «sente-se» a importância de pertencer a este numeroso grupo, porque “estes indivíduos estão sujeitos às mesmas normas morais que definem as práticas coletivas do comportamento público, expressas nos contactos face a face” (Idem:18), como que à procura de uma cidadania e participação, que sucessivamente lhes é coartada, pelos imperativos das políticas de desigualdade socialmente distribuídas na contemporaneidade.

Os neófitos aceitam as regras estabelecidas e aprendem a conduzir-se neste intrincado jogo, seguindo as orientações dos mais experimentados nas técnicas específicas do jogo.

Quando estão apenas a assistir, ou aguardam vez de entrar na mesa de jogo, ocorrem conversas sobre temas variados, que em função do interesse e gosto percecionado, permitem construir sociabilidades que potenciam aprendizagens através do relato das experiências vivenciadas e sentidas intersubjetivamente.

³⁴ Nota de terreno 30 de 20 de novembro de 2015.

3. Temas de conversa

O tema de conversa mais usual no espaço é dedicado ao jogo e suas práticas. Afinal, é o motivo principal que justifica o encontro no local de uma vasta quantidade de pessoas, que interage e cria laços de proximidade, quotidianamente.

A temática da saúde, por via de inúmeras circunstâncias de vida, também foi abordagem recorrente, nos discursos produzidos.

À medida que avancei na investigação, pude perceber diferentes temas presentes nas conversas, ora por representarem acontecimentos atuais, ora porque evocavam memórias de tempos passados, que distendiam em tons nostálgicos. Relativamente aos primeiros, era hábito falarem da vida difícil que as poucas reformas ou subsídios atribuídos lhes protagonizavam, a falta de condições no espaço, o futebol ou discorrerem sobre os atentados perpetrados pelo Estado Islâmico, que ceifavam vidas inocentes. Quanto aos segundos, recordavam antigas histórias de relações amorosas, os tempos passados na Guerra Colonial ou as saudades da terra natal.

3.1 - As abordagens em torno do jogo da sueca

O tema de conversa transversal a todas as mesas é sem dúvida o decorrente do jogo da sueca, principal motivo da presença no espaço por parte de todos os frequentadores. A sorte ou azar na distribuição das cartas, as más jogadas dos participantes, os macetes, a forma de “partir as cartas”, a par das renúncias pontualmente detetadas e dos «sinais» trocados durante os jogos, são alvo de acesas discussões, principalmente no final dos jogos, entre jogadores e muitas vezes entre assistentes. Normalmente as zangas acontecem, particularmente entre parceiros de jogo, que se culpabilizam mutuamente pelas más jogadas efetuadas. Como é exemplificado neste excerto:

“Quer a carta que se lança «varrida» (atirada com desprezo para a mesa), a colocada com o acento do polegar ou a arremessada com força, obedecem a códigos bem estruturados que aqueles jogadores dominam. Quando alguém não obedece, quer por distração ou má

interpretação, no final voltam as críticas e as chamadas de atenção.”
(NT 14)³⁵

Ninguém quer abster-se de participar no «espetáculo», sempre que a ocasião se proporcione. Afinal, o jogo e as suas incidências constituem o pretexto para a partilha de relações que efectuam através de intersubjetividades construídas.

Embora alguns já sejam septuagenários e octogenários e situarem-se nas denominadas 3ª e 4ª idade, envolvem-se nas rotinas diárias com destreza e perspicácia, apresentando uma autonomia que apraz reconhecer.

3.2 - Questões de Saúde

É perfeitamente compreensível que, na fase descendente do período ontogenético, fruto da idade cronológica avançada e de variadas situações ocorridas durante a vida (idade biológica), os problemas de saúde sejam abordados e discutidos.

As intervenções cirúrgicas a que foram sujeitos, diagnósticos recentes que aconselham prudência e vigilância perante situações de risco ou a simples rotina diária na absorção de fármacos, são temas frequentes de conversa.

Segundo as palavras de um sujeito, alvo de uma intervenção cirúrgica, a doença não escolhe idades:

“Ouvi-o contar que tinha sido operado a uma hérnia na passada sexta-feira e que tinha de fazer radioterapia. Salientou que quando entrou na enfermaria viu dois rapazes operados que podiam ser netos dele. Passava a mensagem de que os mais novos também têm graves problemas de saúde.” (NT 16)³⁶

De outro que foi a uma consulta de rotina e relata as indicações do médico e os cuidados alimentares que devia seguir:

-“Tive sorte, a consulta estava marcada para as 8:30; cheguei lá, estava uma senhora antes de mim. Fui logo atendido e às 9:20 já estava na «baixa» à porta da farmácia para aviar a receita. O médico

³⁵ Nota de terreno 14 de 24 de setembro de 2015.

³⁶ Nota de terreno 16 de 24 de setembro de 2015.

passou-me o «P1», para fazer a análise que entendeu necessário. As minhas tensões estavam a «14-9», a mínima é que estava um bocado alta, disse-me o médico”.

“Começou de seguida a falar da alimentação revelando o cuidado que tinha, embora não deixasse de «beber o seu copito de vinho».” (NT 12)³⁷

Ou simplesmente de quem reconhece que a doença acontece e afeta toda a gente ao longo da existência:

-“A vida deixa marcas em toda a gente!” (NT 37)³⁸

Exemplo de quem vive ou viveu experiências idênticas ou distintas, mas cujo sofrimento deixou máculas (no corpo e na mente) muitas vezes irreversíveis.

3.3 - Estigmas de guerra

A guerra colonial iniciada em 1961 e que terminou pela Revolução de abril de 1974, deixou marcas indeléveis em muitos dos frequentadores do espaço. Familiares e companheiros de combate perderam a vida ou ficaram incapacitados, numa guerra violenta e injusta que deixou traumas irrecuperáveis em tantos outros participantes. É num quadro de tristeza e dor reprimida que recordam episódios desse tempo, instigados pelos acontecimentos que marcam a atualidade, referentes aos atentados perpetrados pelo Estado Islâmico.

Os relatos do vivido atraíram vários sujeitos para a temática, criticando em simultâneo as políticas fascistas instituídas:

-“A guerra rebentou em Angola em dez de Março de 1961...olhe só não iam cegos e mancos, é verdade ou não é? Bem, algum manquito até ia naquele tempo” Um dos sujeitos disse algo que não percebi muito bem sobre os «básicos» e o Mn prosseguiu:

-“A mim da guerra ninguém me ensina, nem a mim nem a este amigo aqui!”, Acenava para o sujeito na mesa ao seu lado, o Ao. O Q também entrou na conversa:

-“Muitos não ficaram lá por sorte. Eu assentei praça em Fevereiro e o meu irmão em Agosto”, explicava ao recordar os seus

³⁷ Nota de terreno 12 de 1 de outubro de 2015.

³⁸ Nota de terreno 37 de 3 de dezembro de 2015.

tempos da tropa. Continua o jogo e discutem por momentos sobre as incidências da partida. Recomeça nova partida e o Mn regressa ao tema da guerra:

-“Eu e este é que sabemos! Eles armadilhavam as minas debaixo da terra. Naquele tempo de sessenta a sessenta e sete foram massacres que você nem queira saber... nem sonha! Eu passei aquilo tudo!” O F, um dos que iniciara a conversa sobre o tema replica:

-“Uma vez numa companhia nossa, numa emboscada morreram dezassete de uma assentada”, repetindo o que dissera há pouco. E sem se interromper:

-“Aquilo funcionava assim! Hoje entendo o que era a guerra no Ultramar, mas naquele tempo não entendia porque eles não explicavam nada. A gente ia para ali...isto aqui era uma ditadura que ninguém sabia nada; O Salazar não dava a informação, era tudo proibido, não se podia ouvir nada (referia-se às notícias e outros tipos de informação censurados e altamente vigiados pela PIDE), nada.

-“ Era o princípio de servir a Pátria”, adiantei.

Ele retorquiu de imediato:

-“Mais nada: Deus, Pátria e Família! E acabou a treta!”, Sentenciou, e prosseguindo:

-“A gente chega ali, eles têm as suas vidas, as suas tribos, as suas regras! E a malta foi para lá impor regras, está a ver?”; nesta altura já conversava diretamente comigo e os elementos da mesa ouviam com certeza, mas embrenhados no jogo alhearam-se e não se manifestavam. E continuou a discorrer:

-“A instrução que a gente tinha era uma mentalidade de que tudo o que fosse «preto» era para matar! Está a ver, aquilo era assim! Víamos um preto a correr e a gente «tau tau», está morto...era assim!” E apontava como se estivesse a utilizar a «G3». O F continuou:

-“Para que é que serviu Angola para Portugal? Queria que alguém me explicasse? Vigaristas que andaram lá a roubar os outros.” (NT 10)³⁹

A indignação e revolta também perpassavam nos discursos produzidos, acusando governantes poderosos de usar o povo para servir interesses capitalistas e

³⁹ Nota de terreno 10 de 24 de setembro de 2015.

impedindo o desenvolvimento de um país retrógrado e marginalizado da semiperiferia europeia. As vontades de um governo fascista e fascizante podem ser testemunhadas no discurso duro e crítico de um dos jogadores, que defende a independência dos autóctones das províncias ultramarinas:

-“Quem esteve no Ultramar é que sentiu, mas aquilo não era nosso! Ainda no outro dia eu dizia para um angolano, ao falar sobre estes assuntos: «Quando viemos embora vocês não se governaram sozinhos?»; a Administração julgava que aquilo era nosso. Você veja, há uma pessoa que está «presa» a uma instituição qualquer, uma pessoa reles que é odiada por toda a gente...de repente sai e entre outra, tem de mudar alguma coisa! Depois há pessoas que chegam e a sua presença cria respeito, a maneira como atua, com mão de ferro e sem contemplações. Era o caso do Salazar! Era uma pessoa que era odiada por quase toda a gente! Quando sai, o Marcelo Caetano tinha que mudar o sistema e não mudou. Não acontecia o que aconteceu e se calhar nem se dava o 25 de Abril. Era preciso mudar as coisas, a situação... e saber negociar e entregar aquilo mais lentamente, mais em paz...como fizeram em Macau, por exemplo. Portanto, doutra maneira, porque da maneira como fizeram a descolonização foi mau para toda a gente.” (NT 10)⁴⁰

As conversas sobre a guerra por vezes iniciavam e incidiam sobre os atentados suicidas na França, Síria e no Mali, tendo como protagonistas elementos do proclamado Estado Islâmico:

“Num dos intervalos entre jogos, o Z falou sobre os atentados suicidas que cada vez eram mais frequentes. Na Síria e no Mali, num hotel em que foram confirmados 18 mortos recentemente. E na situação que atravessava a Europa. Dizia que existiam «22 mil suicidas espalhados pela Europa». Um dos assistentes questionou sobre a mentalidade dos suicidas. Discordaram entre eles se era ou não fanatismo que orientava esse tipo de ações.

-“Que tipo de vingança era aquela de matar inocentes?”

⁴⁰ Nota de terreno 10 de 24 de setembro de 2015.

Perguntava outro, em resposta a alguém que entendia ser essa a razão dos atentados. No obstante estavam de acordo que estes atos eram muito cruéis.

-“Se estiverem numa guerra, ainda se compreendiam as mortes...”

Argumentava outro sujeito sobre o assunto. Intervim dizendo que para eles a razão era mesmo essa:

-“Estavam em guerra com o Ocidente”. Disse outro sujeito:

-“Pois, eles matam «catraios», pessoas de idade...matam tudo”. Tornei a intervir:

-“Em França, estiveram 15 minutos a disparar na discoteca, tipo «tiro ao boneco». Foi uma chacina.” O Z disse que atacavam inesperadamente, apesar de concordar que muitos «terroristas» estavam sinalizados pelas autoridades.” (NT 30)⁴¹

A Guerra do Iraque que culminou com a queda e morte de Saddam Hussein, também fez parte de conversas sobre confrontos bélicos:

“Talvez, porque visse «má cara em alguns», calou-se e começou a conversar comigo sobre a Guerra do Iraque. Manifestou que o Saddam Hussein era um ditador, só reinando através da força das armas e do terror difundido. Dizia que mandara fuzilar 1200 presos numa prisão só porque não eram seus apoiantes. Recordei-lhe que os americanos também cometeram atrocidades e não encontraram armas de destruição maciça, porque só estavam interessados no petróleo. De qualquer das formas defendia a mudança de sistema no Iraque porque o ditador já estava há muito tempo no poder e só prejudicava o povo.” (NT 34)⁴²

Qualquer abordagem à temática de guerra tinha o condão de atrair diferentes pessoas, ou porque tivessem vivido e sentido experiências semelhantes ou porque as consequências dos confrontos no Ultramar os tivessem afetado colateralmente. Também compareciam no espaço elementos «mais novos», que gostavam de opinar sobre a temática, recordando as experiências de avôs, pais ou irmãos mais velhos.

⁴¹ Nota de terreno 30 de 20 de novembro de 2015.

⁴² Nota de terreno 34 de 30 de novembro de 2015.

A guerra da Bósnia foi discutida num dia em que estiveram presentes dois elementos que tinham efetuado comissões na região:

“Envolveu-se numa discussão com o Am, afirmando que este não sabia do que estava a falar. Questionou-o se fora para a Guerra Colonial, porque ele estivera em duas comissões na Bósnia, «a beber água contaminada, enfrentando a Guerra Química». O Am respondia-lhe com sarcasmo dizendo «que não estivera em lado nenhum, já que ele é que sabia tudo». Os olhos salientes do Fe e a espuma que lhe aparecia nos cantos da boca, deixavam transparecer o incómodo que essas recordações lhe traziam. Acusava nervosismo crescente e dizia-lhe na cara que «matava mais a guerra química do que a guerra colonial». Ao ouvir dizer que todas as guerras são terríveis, não se fez rogado e culpou o Estado de «dar mais aos combatentes do ultramar do que aos que estiveram na Bósnia». Enquanto «os primeiros recebiam 500 euros ele só tinha direito às consultas e tratamentos de rotina para despiste do aumento da reatividade adquirida.» Em resposta a um dos presentes que se tinha aproximado e introduzido na conversa disse que «em 94 fora obrigado a ir para a Bósnia, não tinha sido voluntário». Perante a insistência do sujeito, continuou a insistir que quem foi mobilizado em 93/94 e 95, não foi como voluntário, só acontecendo a partir de 96.” (NT 34)⁴³

A discussão nesse dia foi bastante acesa, com posições distintas de dois dos intervenientes, em função dos pontos de vista que cada um defendia relativamente ao tipo e características entre a Guerra Colonial e a Guerra Química.

3.4 - Representações Políticas

As eleições legislativas de 4 de outubro constituíram tema de conversa, principalmente pelo quadro representativo encontrado, que perspetivava um tempo de mudança na política nacional e, por consequência, nas políticas públicas. A situação precária das reformas, as deficientes políticas de saúde e o desinteresse autárquico em criar condições mínimas de higiene e habitabilidade nos jardins, foram aspetos aflorados nas conversas emergentes. Por essas razões, foi discutida entre os

⁴³ Nota de terreno 34 de 30 de novembro de 2015.

frequentadores do jardim com quem interagi, a necessidade de mudanças que refletissem estratégias orientadas para esbater as dificuldades com que se deparam as pessoas idosas no nosso país. Acalentavam a esperança que a nova legislatura cumprisse as promessas eleitorais, a partir de uma perspectiva mais humana, que atendesse às necessidades dos mais desfavorecidos.

Não era costume assistir a diálogos diretamente relacionados com política, como aconteceu nesse dia:

“A conversa relacionava-se com a moção de censura que ia ser apresentada ao governo, pelos três partidos da oposição PS/PCP/BE, no sentido de pressionar o Presidente a dissolver o mesmo, já que não conseguira a maioria absoluta nas últimas eleições. Apesar de ser uma situação inédita, ao dialogar com as pessoas presentes, percebi que a mudança era necessária e todos comungavam desse princípio. Um governo diferente que orientasse o país rumo à estabilidade e se preocupasse com os mais desfavorecidos. Era a primeira vez que falavam junto a mim de política. Embora tivessem decorrido as eleições recentemente, só por uma vez assisti à distribuição de panfletos por parte de um partido político, que não mereceram grandes comentários dos que os receberam, com exceção de um sujeito que manifestou o seu desagrado devido a não acreditar nas promessas aí contidas, pela saturação sentida ao longo dos anos, reflectida no incumprimento eleitoral dos partidos políticos que governavam. Continuando a conversa aceitaram que o Presidente da República só tinha um caminho: dissolver o Parlamento. Posteriormente convidar António Costa a formar governo conjuntamente com os partidos da coligação. A despesa exorbitante que os governos faziam ao logo dos mandatos, levou a fazer comparações com o governo das suas casas. Quem gasta mais do que ganha indubitavelmente acaba por ter que pedir emprestado e endividar-se. Por isso uma boa gestão é importante para equilibrar as contas públicas. Os altos vencimentos dos políticos foi uma questão abordada, tal como o excesso de deputados com assento na Assembleia da República:

-“Não se justificaria a redução dos deputados? E não seria importante baixar os seus vencimentos e mordomias?” Ao longo de 40

anos de Democracia foram sempre os mesmos partidos a dominar a cena política portuguesa. Apesar de ser uma situação inédita:

-“Agora é que vamos ver o que estes vão fazer! Alguma coisa tem de mudar!” (NT 25)⁴⁴

3.5 - Assuntos de futebol

O desporto, em geral, mas em particular o futebol, é tema de conversa recorrente pelo significado e importância que os idosos lhe atribuem. Conversam sobre os clubes da sua preferência, as incidências das jornadas do campeonato e as provas europeias. Saudosistas, por vezes evocam jogadores de outros tempos que marcaram a diferença pelo desempenho, ou equipas e treinadores que se distinguiram por feitos gloriosos.

Nos dias de competições europeias trocam informações acerca dos horários dos jogos e da formação base das equipas. Não descutam a performance dos melhores jogadores em quem depositam confiança para ajudar a ganhar as partidas e criticam severamente os árbitros sempre que detetam erros que os levam prejudicar o jogo.

Num dia de taça de Portugal, comentavam o adiamento de um jogo na Madeira:

“As condições climatéricas da Madeira, particularmente do campo do União, onde o intenso nevoeiro que com frequência se formava impedia a realização dos jogos. A razão da conversa era o adiamento do jogo União vs Benfica. Um dos sujeitos que conversava adiantou que na zona do campo do Nacional era pior. Outro dos assistentes corroborou esse facto. Um dos interlocutores disse:

-“O campo do Marítimo é Municipal. Porque é que eles não foram lá jogar?”

-“São os interesses e as rivalidades, porque os clubes locais não se entendem e fazem com que este tipo de coisas aconteça”, disse o outro. A ideia de que o Benfica era o único clube prejudicado fez-me intervir:

-“Os clubes tinham 24 horas para jogar, o Benfica é que não quis!”

⁴⁴ Nota de terreno 25 de 9 de novembro de 2015.

Dois dos sujeitos responderam-me de imediato:

-“E as selecções? Não são só os jogadores nacionais, e os estrangeiros como é que resolviam a situação?” Concordei com a explicação, porque não pensei nos compromissos internacionais dos jogadores de outros países.

-“Só se o Benfica jogasse com os juniores. Era o que eles queriam!” Adiantou outro dos presentes. E prosseguiu:

-“A meu ver não é este ano que disputam o jogo. Só se forem eliminados da Taça de Portugal e arranjam uma vaga.” O Mn adiantou que não eram só as 24h, porque havia a possibilidade das 48h e 72h e depois as três semanas, mas podia ser muito mais devido às deslocações dos diferentes internacionais.” (NT 15)⁴⁵

Ou recordando jogadores que passaram e deixaram saudades no futebol nacional e dos interesses financeiros adjacentes à indústria do futebol:

“Falavam de futebol e de dois jogadores do Chelsea que «não davam cartas», embora fossem grandes jogadores: Falcão e Diego Costa. Ineri-me na conversa e recordamos a passagem do primeiro pelo Porto e Atlético de Madrid e do segundo por Braga e também pelo Atlético de Madrid. Estivemos de acordo em que eram campeonatos diferentes. O J contou que vira ontem uma reportagem com o empresário Jorge Mendes, adiantando que havia muitos jogos de interesse.” (NT 26)⁴⁶

Os tempos antigos eram recordados, nomeadamente o reconhecimento do trabalho de um treinador que marcou um tempo no futebol nacional:

-“Você sabe lá o que está a dizer! O Meirim nunca treinou o Salgueiros.”

-“Olha-me este! Então não é o meu clube? Eu não sei que ele treinou lá? E olhe que tenho 70 anos, enquanto você parece ter 80.”Defendeu-se o B (salgueirista). Ouviram-se risadas.

⁴⁵ Nota de terreno 15 de 9 de outubro de 2015.

⁴⁶ Nota de terreno 26 de 11 de novembro de 2015.

-“Oitenta não tenho, mas vou fazer 77 para o mês que vem...Deixe lá isso! O Meirim treinou o Varzim! Ainda me lembro de uma vez que veio ganhar às «Antas» por 1 a zero. O Meirim «acabou» sem se saber o clube em que terminou a carreira.”, Respondeu o interlocutor.

-“Na verdade foi no Varzim que se notabilizou. O guarda-redes era o Benje. Defendia tudo, o artista ”, Disse, intrometendo-me na conversa.

-“Deixem lá isso! Então não sei que ele treinou o Salgueiros muito tempo! Os jogadores tinham que subir e descer os degraus da bancada superior nos treinos. Ele dava-lhes cabo do «cortiço», Vá aos jornais e veja, ou pergunte a quem quiser! ” Insistia o B.

-“É verdade, o Benje era um grande guarda-redes. O Meirim ganhou fama foi no Varzim”, Persistiu o outro sujeito.

As conversas sobre futebol aconteciam regularmente, nomeadamente após o fim-de-semana ou nos dias das jornadas europeias.” (NT 14)⁴⁷

As competições europeias eram enfatizadas pelo prestígio que traziam ao país e pela recompensa monetária que significava para os clubes portugueses envolvidos:

“Chega outro e começa a falar de futebol, particularmente a questionar sobre os horários dos jogos das equipas portuguesas na Taça UEFA. Os comentários acontecem mas de forma comedida. Falam da derrota do Benfica para a Liga dos Campeões com o Atlético de Madrid no estádio da Luz e do consequente prejuízo financeiro.” (NT 22)⁴⁸

O tema do futebol era muita vez abordado, conversando sobre as mais variadas incidências do desporto-rei. Nunca vislumbrei qualquer tipo de discussão que ultrapassasse os limites, pese embora constatar como era previsível, existirem idosos simpatizantes e adeptos de diferentes clubes.

⁴⁷ Nota de terreno 14 de 8 de outubro de 2015.

⁴⁸ Nota de terreno 22 de 22 de outubro de 2015.

3.6 - Discursos sobre a Família

É um tema pouco abordado nas conversas do jardim. Só aparecem em poucas situações, nomeadamente em diálogos com três dos sujeitos que acompanhei, ou nas narrativas biográficas realizadas e que serão discutidas neste trabalho. Penso que a falta de tempo para acompanhar mais de perto as pessoas com quem me relacionei, impediu de aprofundar as questões relacionadas sobre a família.

Do ouvido e observado, menciono a presença da esposa de um dos jogadores que, pontualmente, ia ao jardim levar-lhe a merenda ou aparecia ao fim da tarde para acompanhá-lo de regresso a casa. O sujeito fora alvo de uma intervenção cirúrgica e portanto necessitava de acompanhamento, razão pela qual a mulher se apresentava em diferentes períodos da tarde, a fim de apurar as necessidades do marido:

“De repente, apareceu a esposa de um dos sujeitos, segredou-lhe algo ao ouvido e passou-lhe para a mão um saco, que ele depositou a seus pés. Pensei que podia ser o lanche. Despediu-se do marido e afastou-se.

[Mais tarde], a esposa chegou e o sujeito que tinha o saco no chão pegou nele e despediu-se amavelmente dos presentes, anunciando que ia registar o totoloto.” (NT 16)⁴⁹

Ao longo do percurso de investigação constatei uma situação de cuidado e tratamento de um dos jogadores em relação à mulher dependente.

A preocupação que demonstrou em diferentes momentos sobre a necessidade de sair para tratar de assuntos domésticos, indiciou responsabilidade e atenção relativamente à falta de autonomia da esposa:

“O sujeito na mesa, adversário do J, reafirmou que tinha de ir tratar da higiene da mulher e tratar do jantar. O seu tom sério, acompanhado de um «não estou a brincar», levou-me a pensar que a esposa estava com problemas de saúde e por isso dependente dele.” (NT 33)⁵⁰

⁴⁹ Nota de terreno 16 de 13 de outubro de 2015.

⁵⁰ Nota de terreno 33 de 27 de novembro de 2015.

O indivíduo com quem mais conversei foi o J ex-emigrante na Holanda. Gostava imenso de falar sobre diferentes temas. Abordou a questão da família, demonstrando a preocupação que teve no sentido de preparar o futuro dos filhos, particularizando a procura da autonomia e emancipação em relação às filhas. Empenhou-se desse modo em conceder-lhes os meios para a obtenção de um título académico:

“O J com três filhos (duas raparigas e um rapaz) assumiu a preocupação que a independência das filhas lhe causara. Sabendo a importância do facto, não descansara enquanto não conseguira que as filhas tivessem um curso e arranjassem emprego, na procura da autonomia. Hoje uma está casada e outra junta há 5 anos e sente que cumpriu os seus propósitos. Quanto ao rapaz não especificou nada que permitisse perceber qual o rumo seguido. Ainda abordou a vida de um casal português na Holanda que se separaram perto dos 50 anos de idade, mas mais tarde retomaram a relação.

O facto de ter sido criado só com a mãe pode ter influenciado na forma como vê a posição da mulher na sociedade, porque cresceu com o pai ausente, penso, sem comentar.” (NT 35)⁵¹

A ausência do pai deixou a mãe com encargos duplos. Nas dificuldades sentidas na casa materna, o J retirou ilações úteis que lhe permitiram perspetivar a educação das filhas de forma a alcançarem a autonomia, pela via da independência económica obtida pelo trabalho.

Na conversa desse dia estava presente outro indivíduo que também decidiu partilhar assuntos de família connosco:

“O F esteve a contar a sorte que os filhos tiveram com os cônjuges, assim, como de uma afilhada. O filho deixou-o endividado, após ter perdido as bombas de gasolina e o restaurante por se ter envolvido com uma brasileira. A filha foi abandonada pelo marido ao fim de 17 anos de casamento, por se ter relacionado com uma funcionária do «bingo» de um

⁵¹ Nota de terreno 35 de 1 de dezembro de 2015.

clube. Teve de a receber em casa, com dois filhos menores, para resolver a situação. Por fim uma afilhada, residente em Viseu, fora trocada pelo marido por uma brasileira.

O F sentiu necessidade de desabafar e narrou um episódio da vida em que esteve quase a envolver-se com uma mulher, pensando inclusive comprar-lhe uma casa. Recuou após pensar nas consequências, embora confidenciasse que nunca lhe passara pela cabeça separar-se da esposa.” (NT 35)⁵²

A mágoa que manifestou durante a conversa indicou o sofrimento que lhe causou e à esposa, os desenlaces dos filhos. Admitiu, no caso do filho, que não fora os laços de sangue que os uniam, teria apresentado queixa na justiça por o ter endividado e delapidado património.

Quando os pais estão separados por vezes os filhos passam a viver com um dos progenitores. No caso presente a mãe ficou com o encargo deles, quando o casal seguiu rumos diferentes. O pai ausente, em conversa comigo, demonstra a preocupação com o futuro dos descendentes menores e “ recorda os filhos e a vontade que tem de os ajudar. Sente muita saudade deles. Tem esperança de arranjar trabalho e melhorar as condições de vida.” (NT 41)⁵³ Foi a única situação que vivenciei que envolveu crianças pequenas, filhos de um dos frequentadores do jardim. O P com 63 anos de idade, foi pai já cinquentenário, o que não constitui regra quando se aborda um contexto em que os sujeitos estão em faixas etárias próximas da idade de reforma ou até bastante acima dela.

3.7 - Conversas do feminino

O jardim é um local de passagem de dezenas de pessoas diariamente. Pontualmente um ou outro elemento presente (normalmente os menos idosos) teciam comentários sobre um elemento feminino que lhes chamava a atenção.

O J foi o indivíduo que mais se referiu sobre o sexo oposto, nas conversas que comigo manteve. Gostava de enaltecer a beleza da mulher e discorria sobre a mulher ideal para si. A estatura, cor de cabelo, feições, tez e medidas corporais, faziam a

⁵² Nota de terreno 35 de 1 de dezembro de 2015.

⁵³ Nota de terreno 41 de 21 de dezembro de 2015.

delícia da sua imaginação fértil, recordando em simultâneo os “corpos esculturais” de mulheres que conhecera. Não se importava de manter este tema de conversa e chegou a abdicar de entrar na mesa de jogo, para melhor poder explicar o assunto.

Quando estávamos a assistir ao jogo, em determinado dia, passou um casal junto a nós. Como estava atento ao que se passava na mesa, não reparei no par, mas de imediato:

“O J comentou comigo a dada altura que um sujeito o «mirara de cima a baixo», por ter reparado na mulher que o acompanhava e que exibia de «forma provocatória», umas roupas muito justas ao corpo. Disse-lhe que não me apercebi, enquanto me confidenciava que «quem não quisesse exhibir a mulher não a deixava andar assim vestida». O sujeito da «voz rouca», posicionado ao nosso lado, ouviu o comentário e argumentou que ele o olhara com uma cara de quem diz: «estás a olhar para onde?».” (NT 26)⁵⁴

Outra ocasião falou-me que fora levar umas roupas para arranjar e que simpatizara com uma das funcionárias que o atendeu. Apreciador nato de mulheres desde a adolescência, não perdia o ensejo para entabular conversa com mulheres que lhe agradassem. A visita à loja foi o mote para novo discurso sobre mulheres:

“Nesta parte da conversa o J discorreu sobre os seus gostos relativamente ao sexo oposto e como «a arte da sedução o atraía desde novo.»

Depois começou a falar da simpatia das empregadas que o atendiam e aproveitou para elogiar a beleza das mulheres portuguesas.” (NT 33)⁵⁵

Noutra altura falou sobre Amsterdão e a zona onde imperava a prostituição e sem se interromper de seguida sobre a vida noturna portuense. Ainda aproveitou para se posicionar relativamente à atitude das mulheres bragantinas perante a «invasão de brasileiras na região» que lhes seduziam os maridos:

⁵⁴ Nota de terreno 26 de 11 de novembro de 2015.

⁵⁵ Nota de terreno 33 de 27 de novembro de 2015.

“O J deu uma explicação sobre as mudanças no afamado bairro desde que chegou àquela cidade em 72 e os dias de hoje (onde predominam os travestis). No princípio dizia ser espanhol, dada a má impressão que tinham dos portugueses. Recorda o comportamento dos árabes, face à desinibição das holandesas, contrastando com a cultura de proveniência, onde as mulheres muçulmanas se tapam completamente. Falou das fortunas gastas por alguns visitantes na procura de prazer.

Pouco depois já estavam a falar da vida noturna no Porto e na imagem de mulher que o atraía. O J estava no seu mundo e passou largo tempo a descrever «a beleza da mulher ideal» para ele, desde as medidas corporais, roupas e perfumes que se enquadravam no seu imaginário. Lembrou-se da «invasão das brasileiras em Bragança», condenando a atitude das mulheres bragantinas ao acusarem as mesmas de desviarem os maridos, em vez de se afirmarem perante estes por desrespeitarem compromissos assumidos.” (NT 35)⁵⁶

3.8 - Terra natal

As histórias sobre as origens dos idosos foram motivo de conversa, variadas vezes, nos encontros do jardim. Sentia-se o prazer das pessoas ao falar dos locais onde nasceram e nas gentes que com elas conviveram e os ajudaram no processo de crescimento. De todos aqueles que convivi, só um é natural do Porto. Quase a totalidade veio para a cidade à procura de uma vida melhor. Um aspeto interessante que realça o fenómeno da desertificação do interior, como chegaram a expressar, que desde novos optaram para as suas vidas.

Assisti a uma conversa entre dois conterrâneos:

“Dois dos assistentes, naturais de Celorico de Bastos, conversavam e recordavam vivências antigas da sua terra. Conhecia os dois de vista e um deles até costumava cumprimentar-me de mão. Sendo o mais idoso dos dois, normalmente aparecia apenas a meio da tarde, o que me levava a pensar que desenvolvesse alguma atividade, apesar de reformado. O outro, de meia-idade, raramente jogava as cartas,

⁵⁶ Nota de terreno 35 de 1 de dezembro de 2015.

preferindo conversar com os frequentadores do espaço seus conhecidos. Ia contando a história dos namoricos de infância, mencionando uma rapariga em particular, solteira ainda hoje, que trabalha num consultório de advogados. Recordava que não continuou o namoro, porque ela tinha muitos irmãos rapazes que não permitiam essa relação. Só tivera anos mais tarde um namoro que falecera de acidente.

O interlocutor depois de ouvir a história passou a discorrer sobre as grandes mudanças rodoviárias e passou a explicar o trajeto que habitualmente seguia até chegar à sua aldeia. Relembrou que a estrada que existia entre Amarante e Celorico era horrível, cheia de buracos e não passava um carro pelo outro. Continuaram a trocar lembranças da terra com saudade durante bastante tempo.” (NT 21)⁵⁷

Também o J nas conversas que tivemos fez alusão à terra que o viu nascer, recordando tempos passados em que as mulheres, em maioria, ficavam viúvas comparativamente aos homens que morriam precocemente, pelas doenças mortais que os acometiam, muitas vezes causadas por hábitos alimentares desregrados:

“Sem se interromper, contou-nos que nascera numa aldeia perto de Lamego (Tarouca). Nessa altura a maioria dos habitantes da terra eram mulheres. Muitas delas viúvas. “ Ia tudo à vida”, acrescentou, referindo-se aos homens. Pelos vistos começavam o dia com bagaço; cerca das 9 horas comiam carne de porco frito e batatas e «muito bem regado.» Quando matavam a sede no campo, era com vinho, não com água. À noite quando jantavam, também comiam e bebiam muito. Ao domingo iam para a taberna jogar ao «pino» (jogo tradicional), sempre acompanhados com o copo de vinho e saíam de lá bêbados. Em consequência apareciam as cirroses, icterícia, etc.

-“Claro que acabavam por morrer relativamente novos, os que bebiam moderadamente até conseguiam chegar aos cem”, rematou.” (NT 31)⁵⁸

⁵⁷ Nota de terreno 21 de 20 de outubro de 2015.

⁵⁸ Nota de terreno 31 de 20 de novembro de 2015.

As conversas sobre a infância e adolescência na terra natal evocavam as saudades de tempos idos, embora difíceis, por via das circunstâncias socioeconómicas (trabalho árduo e mal remunerado) e geográficas (fenómeno da interioridade), onde aprenderam a «fazer-se homens».

4. Os frequentadores do jardim, histórias e percursos de vida

A necessidade de aprofundar aspetos da vida das pessoas que me permitissem compreender outras realidades, difíceis de conhecer no tempo limitado em que decorreu esta pesquisa, induziram-me a convidar seis pessoas a colaborar no trabalho académico que desenvolvi, através da realização de narrativas biográficas⁵⁹. Apenas quatro participaram, porque as restantes acabaram por não o fazer. Se num dos casos a doença perturbou esse desiderato, no outro foi a procrastinação que se manifestou, impedindo o bom termo da mesma.

Não obstante, recolhi ainda outros depoimentos singulares em conversas de circunstância, que me permitiram obter diferentes olhares sobre a vida destes sujeitos, ajudando a complementar a recolha de dados que perspetivei.

A minha entrada no terreno, o contacto com as pessoas e as vivências partilhadas, ajudaram-me a compreender melhor a população idosa, não institucionalizada que escolhi para este estudo. Era de relevante importância desconstruir a imagem negativa que se tem sobre as pessoas idosas, observar as suas práticas e conhecer as suas ideias sobre a vida e o mundo. Num espaço em que não foram criadas infra estruturas para servirem os frequentadores do jardim, adaptando-o com as condições necessárias para o lazer e a sã convivência, está bem presente o entendimento que conseguem entre si, através de normas e regras que estabelecem por osmose e aceites por todos/as os/as que pretendem entrar no grupo, o que evidencia um modo de viver e estar no jardim específico, onde a troca de saberes e afetos adquire um sentido e propósito de vida.

As histórias e os percursos de vida contados na primeira pessoa, revelaram tratar-se de um grupo heterogéneo, embora com traços em comum, onde me aprouve registar a autonomia e a capacidade de se auto-organizarem no espaço que

⁵⁹ Quando “o objetivo é o de captar a interpretação que determinada pessoa faz da sua própria vida, o estudo designa-se por *história de vida*” (Bogdan & Biklen, 1991:17).

«ocuparam», criando, em simultâneo, redes de sociabilidade e aprendizagem que contribuem para estabelecer relações profícuas entre si, tendo como mote o jogo da sueca.

Apresento como testemunho, os excertos que considerei mais pertinentes das narrativas, tendo o cuidado de introduzir nomes fictícios a fim de salvaguardar os princípios de confidencialidade assumidos.

4.1 - Narrativas Biográficas

4.1.1 - Leonardo Dias

Perscrutar a vida do Leonardo é situarmo-nos na irrequietude das vivências mundanas. Nasceu nos Carvalhos, Vila Nova de Gaia. Tem 74 anos de idade. Fez a escolaridade obrigatória (4ª Classe), na altura, e passados 4 meses começou de imediato a trabalhar nas «obras». Na construção civil a vida era dura. Vinha todos os dias a pé dos Carvalhos para o trabalho, na serra do Pilar cerca de meio ano nesse serviço.

A família era numerosa: os pais, 3 rapazes e 2 raparigas. O pai trabalhava na construção civil e a mãe vendia produtos hortícolas no mercado de Gaia. Diz que não teve infância. Nascido num contexto onde imperava a pobreza, desde muito novo teve que desbravar caminho para garantir a sobrevivência.

Muito cedo abandonou a casa paterna para conhecer o ofício de «afinador de tintas» com um tio. Conseguiu um emprego na arte que lhe possibilitou estabilizar. Na oficina do tio, trabalhou/aprendeu até aos 14 anos. Ingressou numa empresa dos 15 até aos 18 anos.

O serviço militar cumpriu-o em três regiões: Santa Margarida, Porto e Braga. Teve a sorte de não ser requisitado para a guerra colonial.

Quando regressou da tropa foi trabalhar para a casa «Parafuso», na rua do Almada, onde esteve 9 anos como empregado de balcão. Depois passou a comercial da firma onde esteve 29 anos. Aos 59 anos a firma faliu e ficou desempregado. Foi para a Cooperativa Árvore trabalhar.

Foi delegado sindical durante 17 anos, num sindicato membro da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses (CGTP). A entrada no sindicato

deu outro sentido à sua vida. Saiu das reuniões muitas vezes à uma e duas da manhã. Não obstante, no dia seguinte cumpria o horário de trabalho.

Desejo que me fale mais sobre a política urbana e mudo o assunto para o comércio tradicional em queda. Responde-me prontamente:

-“Sabíamos, desde 78, que o comércio tradicional estava condenado quando entrassem as grandes superfícies. Os patrões já estavam a preparar-se para a vinda dos grandes hipermercados. Os sindicatos já discutiam o assunto.”

Somente algumas mercearias finas é que escaparam, comento, porque têm produtos de qualidade e um certo setor da sociedade que as fez prevalecer. Concordou e adiantou:

-“ E aquelas que ainda «fiam» vendem para o livro. As pessoas vão pagando ao fim do mês. Mas antigamente geravam muita aldrabice.”

A “vida desregrada” impediu-o de casar e constituir família. Hoje é um homem arrependido e só. Gostava de morrer longe, não na sua casa sozinho. Lamenta a solidão em que vive.

Teve uma vida sempre ligada ao jogo e frequentava casas de prostituição, o que o levou a contrair diversas doenças venéreas. Conta-me que não «media a altura dos gajos» e que avançava para a «porrada» quando era preciso. Só por volta os 50 anos é que começou a acalmar. Diz que hoje já não repetiria determinados comportamentos precipitados.

Fala-me da vida noturna que fazia, principalmente antes de entrar para delegado sindical e das companhias, algumas com carácter duvidoso, que tinha. Bebia bastante e provocava confusão nas *boîtes* que frequentava. Era ajudado por dois polícias à paisana da Secção de Justiça. Entravam sempre depois dele e «amparavam-lhe os golpes». Também conseguiu que apanhassem determinados «meliantes» com essa estratégia. Só que o temperamento violento levava-o a exceder-se e a provocar estragos nos locais que frequentava. Comia e bebia em diversos locais da noite portuense. Fala-me de diversos sujeitos conhecidos da noite portuense à altura. Diz que um deles suicidou-se por ter sido traído pela companheira. Os jornais fizeram notícia do acontecimento porque se tratava de um pugilista reconhecido. Quase todos os dias ia para a cama por volta das 3 da manhã. Mas não faltava ao trabalho e à hora certa cumpria a tarefa. Sente-se arrependido das atitudes desses tempos. A vida boémia que gostava de fazer teria repercussões no seu futuro. O dinheiro ganho quase

não lhe chegava para as despesas. Mas até perto dos 40 anos continuou com vida devassa e promíscua, como arrependido confessa:

-“ Tive uma vida perigosa, se fosse hoje não fazia aquilo que fiz”.

Aos 30 anos fumava 4 maços de cigarros por dia. Começou a fumar com 10/11 anos de idade. Apanhava as beatas do chão e consumia-as. A saúde ia-se deteriorando e teve de retirar um rim. Abandonou o tabaco aos 70 anos, na altura fumava 2 maços de cigarros por dia. Tem os pulmões afetados pelo excesso de tabaco consumido. “Toma medicação para o colesterol e para as tensões, mas às vezes esquece-se. Tenta fazer anualmente análises de rotina, para «vigiar a saúde». (NT42)⁶⁰

Continua o discurso dando conta da importância do exercício físico na manutenção da saúde. Faz longas caminhadas, de trajetos predefinidos.

Depois de uns minutos sem falar passou a discorrer sobre o seu jantar: sardinhas com arroz branco. Foi o mote para entrar no tipo de alimentos que come e confeciona em casa. Procura alimentar-se de forma saudável. Come à base de cozidos e grelhados. Denomina-os:

-“ Comeres antigos e saudáveis.” E acrescenta, “ O que importa é sentir-me bem!”

Reformado, apesar de não ter grande reforma, diz que é o suficiente porque sabe geri-la. Além disso, não paga água, luz e renda. Vive na zona da Fontinha (Porto), sozinho, num quarto.

Adora fazer caminhadas. Gosta de se levantar cedo e ir tomar o pequeno-almoço a Valadares. Com frequência vai a pé até Valongo. Descansa um pouco e come fruta. Quando regressa ao Porto, se estiver cansado vem de transporte público.

Frequenta o Jardim do Marquês, não porque goste de jogar à «sueca», mas para passar um bocado de tempo. Admite que simpatiza com algumas pessoas, mas para ele, «são todos uns convencidos».

Não comentou o tema, porque não é importante para si, o jogo de cartas. Apenas joga pontualmente, quando lhe pedem para formar dupla com outro jogador.

4.1.2 - Eduardo Costa

Falar do Eduardo significa retratar uma experiência comum neste país, decorrente do abandono da terra natal rumo ao litoral, em busca de melhores

⁶⁰ Nota de terreno 42 de 22 de dezembro de 2015.

condições de vida. Nasceu em Resende, em 1952. Tem 63 anos de idade. Tem o 4º ano de escolaridade. A família era numerosa: os pais e nove filhos: 5 rapazes e 4 raparigas. A mãe tinha a profissão de padeira, mas quando casou passou a trabalhar na agricultura com o marido.

Concluído o primeiro ciclo escolar, passou de imediato, a trabalhar no campo com os pais, até aos 14 anos. Nessa altura, veio sozinho para o Porto, trabalhar num supermercado e entregava encomendas nos domicílios. Vivia num quarto alugado. Um irmão mais velho acabou por lhe seguir os passos e partilharam o espaço na pensão se acolhimento. Permaneceu na empresa até ir para a tropa.

Foi colocado em Moçambique, onde serviu como soldado, no aquartelamento das bazucas. Como conhecia a «arte», foi barbeiro em simultâneo, durante esse período. Ainda estava nas antigas colónias quando se deu a revolução do 25 de abril de 1974. Enquanto cumpria o serviço militar, faleceu-lhe o pai. Regressou a Resende e casou com a namorada, uma jovem conterrânea. Do matrimónio nasceram três filhas. Mas vida começou a correr-lhe mal (investimentos falhados) e acabou por abandonar o lar, com 40 e tal anos. Relativamente às filhas vai-se encontrando pontualmente com elas, particularmente com a única que se formou, em Direito.

No «Justino Teixeira» permaneceu dez anos, até aos trinta e tal anos, onde esteve sempre como empregado de armazém.

Então, decidiu estabelecer-se por conta própria. Foi para as «Antas» e tomou conta de uma mercearia que tinha ao lado uma taberna.

Os negócios corriam-lhe bem e decide comprar um terreno e mais tarde uma casa. Compra uma casa em Visconde Setúbal, para tentar ter um porto de abrigo, numa altura em que a vida persiste em ser-lhe “madrasta”. Começa a viver de pequenos trabalhos, e vai sobrevivendo com ajuda de pessoas amigas (do sexo feminino). As ajudas que tinha de pessoas amigas e de trabalhos ocasionais permitiram-lhe sobreviver.

Conseguiu vender o terreno pelo dobro do custo e pensou em dedicar-se aos negócios de compra e venda. Instalou-se na casa da cidade e vendeu a mercearia. Mais tarde, a vida «dá-lhe a volta» e para subsistir consegue arranjar trabalho numa cabeleireira «a fazer recados», que conhecia desde a infância. Ali, juntamente com outros pequenos trabalhos conseguiu «sobreviver» cerca de dez anos.

Conhece uma rapariga e passam a viver juntos. Desta união nascem 2 rapazes. A vida continua a correr-lhe mal e separa-se da companheira por traição.

A prática da construção civil incentivou-o a coletar-se e a criar uma empresa. Estava perto dos 50 anos de idade. Mas o «mercado» em crise não teve contemplanções e anos mais tarde encerrou a atividade.

Discorre sobre a situação atual e comenta:

-“Agora, por exemplo, não estou a fazer nada. Vou vivendo, só com o bocadito da reforma que tenho, porque atualmente...a dona da casa onde eu estou a viver, não quer dinheiro nenhum. Continua abordando a saúde e diz:

-“Sinto-me saudável, até o médico se admira como tenho o sangue assim, faço análises anuais; diz-me o médico:

-“Tem de me explicar esse segredo, eu ando aqui foleiro e você anda aí impecável e tem a minha idade? Cuidado, tem um sangue para dar e vender!”

Aborda de seguida a vida quotidiana:

-“Faço as minhas refeições, não tenho problema nenhum...ando a comer bem, também; durante a minha vida sempre comi de tudo. Às sete horas da manhã acordo, lavo-me e começo logo a comer fruta. Como logo quatro ou cinco maçãs; pego numa navalhita, descasco-as e «bota abaixo». Por volta das dez horas, uma boa sande de queijo ou de presunto e uma copada; venho até aqui ao marquês e vou almoçar a casa, às vezes sem apetite nenhum porque já trago no «papo»; o jantar faço-o sempre em casa...o almoço fora só quando estou por aqui no Marquês mais cedo, vou ao restaurante. Quando o dinheiro dá, felizmente ainda vai dando, quando não dá...agora come-se barato.”

Fala-me do espaço, das amizades e das técnicas de jogo:

-“Eu comecei a vir aqui para o Marquês ainda era novo. Agora jogar as cartas, jogo aqui há mais de dez anos. O meu irmão também joga ali a «sueca». Eu lembro-me de me dizer: “ao mano vamos ali divertir-nos um bocado”; eu a jogar as cartas com ele é de rir, porque é difícil as pessoas ganharem-nos. Ele sabe muito o meu jogo e eu sei o dele. Eu jogo uma «bisca», por baixo do ás e as pessoas perguntam-me: “como é que sabias que ele tinha o ás?”; ele gosta de ir para lá e eu também gosto. Tenho ali muitas pessoas amigas.”

-“O ambiente aqui no marquês ultimamente tem sido bom, não tem havido nada assim para o duelo, há barulhos, tu pegaste com alguém mas é normal. No jogo da «sueca» é difícil, por vezes, as pessoas darem-se bem porque há uma picardia, não é? É natural, porque é assim quando a pessoa perde três, quatro, cinco vezes, começa a pensar assim... estou com estes indivíduos e estou sempre a perder, não pode ser,

alguma coisa está mal. Claro que vão tentar saber porque é que perdem, e chegam ao ponto de dizer assim: “ não temos hipóteses”. Eu sento-me a jogar ali as cartas, com o Lo, não sei se você conhece? E ele é assim para mim: “ já sabes como é que é! Não há hipóteses de ninguém nos ganhar, se a gente quiser!”; eu levo isso para a brincadeira, ...” E continua:

-“ (...) há maneiras de embaralhar e por vezes a gente dá quatro. Porque as cartas ao apanhar, eu ponho-as sempre direitas em cima da mesa e ponho-as todas juntas, depois só lhes faço assim... só as traço a meio. A pessoa vai partir e parte as cartas a meio e até logo... é que elas vão logo divididas. Ficamos com cinco trunfos e cinco cartas de outro naipe, por vezes damos logo quatro. É o jogo, é uma tática, quase como a dos jogadores de futebol. Por vezes ganham sete, porquê?”; Os amigos ocupam um lugar especial:

-“Atualmente tenho muitas amizades aqui no Marquês. Ali na «sueca», não sei se tem reparado, toda a gente gosta de falar comigo. Questionei-o sobre a senhora que em julho e princípios de agosto frequentava o local e jogava a «sueca» e depois nunca mais frequentara o espaço. A senhora que jogava aqui as cartas, teve uma casita e foi para longe daqui, é um bocadinho longe daqui. Mas já estive comigo já.”; Fala sobre a solidão que sente:

-“Eu agora sinto-me só...tenho ocasiões...mas eu normalmente ocupo o meu tempo em casa. Estou em casa e não dou conta das horas passar... tenho rádios para dar um jeito a ver se tocam melhor ou uma televisão que não está bem aqui e tenho que a por noutro lado, estou sempre a inventar coisas em casa. É onde eu consigo «matar» melhor o tempo.

-“Quer tomar mais alguma coisa?” Pergunto-lhe, entretanto...

-“Agora só lá para as seis horas da tarde com qualquer coisa... e depois à noite, por volta das 8 horas, como a sopa...normalmente vou aqui à «Galinhola»; chego lá e mando vir uma tacinha de vinho, um pão e uma «malguinha» de sopa...e fico bem; depois vou para casa, entretenho-me sempre a fazer qualquer coisa e de repente vem o soninho e toca a dormir, não é?”

Reformou-se aos 56 anos. Tem como pensão de reforma 277 euros. Vive numa casa arrendada e permanece sozinho. Espera encontrar pequenos trabalhos que o ajudem a melhorar as condições de vida.

4.1.3 - Fernando Silva

Nasceu no Hospital de Santo António em 1945, freguesia de Miragaia, na cidade do Porto. Tem 70 anos de idade. Filho de pai incógnito. A mãe entregou-o à nascença no Hospício de Antero de Quental (Porto). Foi criado sem pai, nem mãe. Uma infância muito dolorosa: aos 5 anos de idade foi entregue a uma família de acolhimento. Depois conheceu mais dois lares. Em Vila Nova de Gaia, no segundo lar, concluiu a 4ª classe na Escola Soares dos Reis.

Começou a trabalhar aos 11 anos, numa empresa de trinchas e pincéis, em Gaia, mudando uns anos mais tarde para uma empresa de tecidos. Dali, mudou para uma filial na rua do Lugarinho (Porto), onde permaneceu até ir para a tropa.

Cumpriu o serviço militar em Portugal Continental, cumprindo 36 meses e tirou a especialidade de enfermeiro hospitalar. Na altura, por ter sido indicado para essa função, conseguiu evitar a ida para a Guerra Colonial.

Quando regressou, voltou a trabalhar na empresa de tecidos.

Casou aos 25 anos. Dois anos mais tarde nasceu uma menina.

Com a ajuda de um colega conseguiu mudar de emprego e passou a trabalhar numa firma de metalo-mecânica, em Lordelo do Ouro (Porto), como operador de máquinas durante 20 anos. Ao fim desse tempo mudou-se para uma filial da empresa em Canelas (Vila Nova de Gaia), durante 11 anos, como operador de máquinas de furar radial.

Para ajudar nos proventos domésticos, particularmente na educação da filha, Assistente Social, trabalhou em *part-time* como segurança na «Securitas» e massagista em distintos clubes de futebol. Também exerceu num hotel da cidade, esta última função.

A esposa vendia produtos hortícolas (esteve 20 anos no mercado do Bom Sucesso).

Quando encerrou o mercado do Bom Sucesso, para requalificação, estabeleceu-se com a esposa numa pequena loja de frutas e produtos hortícolas.

Aos 58 anos, por mútuo acordo, desvinculou-se da empresa. Reformou-se aos 60 anos de idade. Continua a ter uma vida ativa e preenchida, aos 70 anos de idade.

Passou a discorrer sobre o que o motivou a frequentar o jardim:

-“Comecei a frequentar o Marquês há cerca de três anos. O primeiro contacto foi mau, porque quando perguntei se podia jogar, disseram-me que não, que eram sempre os mesmos que jogavam”.

E caracterizando o ambiente no espaço:

-“Amizades não tenho, são conhecimentos normais. Existe um ou outro que me «atrai» pela postura, mas não tenho amizades com ninguém.”

-“Aqui aparece de tudo. Irritei-me com um sujeito e estive quase a perder a cabeça, porque ele me pressionou. Nunca bati em ninguém. Estava com uma crise de coluna e custava levantar-me. Ele enervou-me. Não gosto de injustiças. Quando vejo alguém a ralar, fico nas horas do «caraças».”

-“Eu sento-me quando vejo que tenho uma vaga. Não me importo de jogar com o Ma. Não discrimino ninguém. É a minha ideologia. Alguns não gostam do Ma, mas jogam as partidas se houver uma vaga. A mim tanto me faz, havendo uma vaga.”

Contando um episódio em que se sentiu ofendido:

-“Uma vez «berrou» para mim e levantou-se da mesa. Sentiu-se provocado. Disse-me: o senhor comigo não joga mais. Eu respondi-lhe: Olhe a minha caricatura de preocupado.” Conversa de seguida sobre as técnicas de jogo e as representações pessoais face ao mesmo:

-“Tem a mania que só ele é que sabe, joga muito bem, sabe as cartas todas que saem.”

-“Vai-me desculpar, você joga com o seu jogo, não quer dizer que jogue melhor do que eu, o que não lhe admito é que «berre» comigo. Também faz asneira. Ó amigo não estou habituado a jogar assim.”

“Gosto de mandar umas secas de vez em quando.”

“Diz-me que não joga a dinheiro.”

“Mas a minha maneira de jogar é não dar sinais nenhuns.”

“Claro que quem está de fora vê pelo menos dois jogos. Mas eu não dou palpites”

“Ontem esse indivíduo deu uma carta «varrida» e ralhou comigo.”

Posiciona-se relativamente às políticas da autarquia para com as pessoas idosas:

-“O presidente da Câmara devia ter uma postura mais social, demonstrar mais respeito e atenção pelas pessoas. Ter um certo carinho pelas pessoas idosas. Embora sejamos considerados uns «trapos», merecíamos mais consideração.”

4.1.4 - Artur Rodrigues

Nasceu em Castro de Daire, perto de Viseu. Tem 69 anos de idade. Fez o primeiro ciclo do ensino básico. Os pais também concluíram a 4ª classe. A família é numerosa: os pais, 4 filhos e 2 filhas.

Gradualmente foi aprendendo a arte de confeccionar calçado, na pequena fábrica dos pais. É favorecido pela estrutura familiar e condições socioeconómicas que lhe asseguraram desde novo uma estabilidade promissora. Como provinha de uma família de comerciantes teve até à entrada na tropa condições de vida bem sustentada. O pai morre quando tinha 15 anos e a mãe passa a ser a única responsável pelo futuro dos filhos e da gestão do negócio. Anos mais tarde, dois irmãos emigram para África e uma irmã para a Alemanha. Entretanto, casara-se com uma rapariga duma aldeia do concelho e já tinha dois filhos, um rapaz e uma menina com um mês de idade, quando embarcou para Angola.

Cumpriu a tropa em Angola, onde o irmão mais velho se estabelecera com uma grande sapataria em Luanda, o que o ajudou a «amenizar» a estadia.

Recorda com amargura os tempos passados em campanha e os colegas mortos em combate. Nesta etapa da vida, sofreu grande revés, por ter de cumprir o serviço militar no regime da ditadura salazarista e sofrer as consequências da guerra colonial, particularmente a nível psicológico. Quando acabou a prestação do serviço militar regressou a Portugal, em 1970. Retoma a vida na Metrópole com a mulher e os filhos, onde continua a privilegiar de rendimentos e bens.

A irmã emigrada na Alemanha, com quem trocava correspondência habitualmente, seduziu-o com o nível de vida deste país. Partiu para a região de Estugarda e foi trabalhar para uma empresa de produtos químicos. Foi subindo de posição e chegou a encarregado de secção. A mulher também conseguiu trabalho e juntos conseguiram uma vida estável. Estiveram cerca de 10 anos e apesar da recusa dos filhos que gostavam de viver lá, regressaram a Portugal. Não quis ficar na aldeia natal, onde construía uma vivenda, por estar habituado a uma vida mais citadina. Foi com a família para Lisboa onde esteve cerca de um ano. Comprou um andar e estabeleceu contactos no sentido de procurar um negócio que o atraísse. Os «ares» da capital portuguesa não o seduziram e regressou ao Porto. Acabou por montar um restaurante – churrasqueira na zona da Senhora da Hora. Adquiriu anos mais tarde umas bombas de gasolina, na zona da Mealhada, na auto-estrada Porto-Lisboa. Estes

afazeres diários preencheram-lhe a vida durante cerca de 25 anos, tornando-se um comerciante de sucesso, o que lhe permitiu grande desafogo económico, a par de oportunidades diversas de viajar e conhecer outros países e culturas.

Consegue que os filhos obtenham um grau académico superior.

Está há 40 anos no Porto e reformou-se por volta dos 64 anos, passando os negócios para o filho.

Os momentos significativos e perturbadores da vida surgiram com o divórcio da filha e principalmente com o desbaratar do património por parte do filho. Embora possua rendimentos que lhe permitem ter uma vida «sossegada», ficou marcado negativamente por esse desenlace.

Sobre as técnicas de jogo e as representações pessoais em relação à sueca não especificou nada relativamente ao tema. Não é frequentador assíduo e apenas joga se surge oportunidade. Não é pessoa de estar junto de uma mesa «a marcar vez». Por essa razão gosta de ser dos primeiros a chegar ao jardim, das poucas vezes em que está presente. Não é habitual frequentador do jardim, embora sempre que pode passe para jogar uma «suecada».

Abordando o quotidiano, confidencia:

-“Passo muito tempo com o meu sobrinho, dono de uma churrasqueira. Se eu não apareço telefona-me logo: «ó tio, por onde é que anda?»”

-“Costumo ir às terças com ele à caça.”

-“Acompanho o meu neto aos treinos de futebol na escola Hernâni Gonçalves, na rua Alves Redol.”

Relativamente às motivações pessoais que o levam a frequentar o espaço:

-“Não tenho aqui pessoas amigas, só conhecidos. Gosto de me distrair sempre que posso, mas prefiro uma boa conversa, se se proporcionar.”

“Se jogar as cartas está bem, mas se não jogar também está bem.”

Mas não se incomoda se não jogar, preferindo uma boa conversa. E caracteriza o ambiente como satisfatório, não tendo razões de queixa.

Atualmente vive com a mulher, filha e netos. Acompanha os netos à escola e às atividades que frequentam. Partilha a existência de igual modo com um sobrinho, de quem é muito amigo. Frequenta o jardim esporadicamente, preferindo uma boa conversa se a ocasião se proporcionar.

4.2 - Diálogos complementares com outros frequentadores do espaço

No espaço de tempo em que decorreu a minha pesquisa tive, pontualmente, conversas com frequentadores do jardim que me ajudaram a compreender melhor a maneira de perceber a vida das pessoas inseridas no contexto. Diversos assuntos foram abordados em que experienciei o sentido que davam aos mesmos, a partir de um posto de observação em que constatei a frontalidade e a ausência de reservas perante distintas situações de vida. Os nomes foram propositadamente omitidos e substituídos por iniciais representativas dos sujeitos.

4.2.1 - Diálogo com o Fe

Foi uma segunda-feira, dia 30 de novembro, que conheci o Fe pela primeira vez. A temática da guerra espicçou-lhe a curiosidade e parou junto ao grupo que a discutia. Durante mais de uma hora discutiu com os presentes a sua presença na Bósnia e os efeitos nefastos da guerra química. O Am não concordava com ele e acabou por afastar-se, quando não chegaram a acordo sobre a designação do aquartelamento dos paraquedistas em Tancos.

“O Fe decidiu concentrar-se em mim, talvez porque constataste o meu interesse no seu relato. Depois de discorrer sobre as vivências de guerra por mais algum tempo, passou a falar-me da sua vida na atualidade. Anualmente tinha que realizar exames médicos no Hospital Curry Cabral (Lisboa), a fim de saber se os efeitos da guerra química se manifestavam no organismo. Nascera em Tomar em 1973. Estava no Porto há cerca de vinte anos. Não tinha emprego fixo, vivendo de «biscates» na área da restauração. No mês de dezembro já tinha alguns serviços em vista e estava grato por isso. Assumi que já vivera na rua. A questão dos sem-abrigo, um problema social que não é encarado com a seriedade e responsabilidade que representa na urbe, foi analisado em consequência de ter sentido na «pele» o flagelo. Comparou as manifestações espanholas de há um ano com a passividade dos portugueses, pouco interventivos, na procura de mudanças sociais. Entendia que as políticas sociais eram praticamente inexistentes para com a população ostracizada que vivia nas ruas. Os atos caritativos de associações religiosas e solidárias, não conseguiam suprimir as necessidades reais de todos/as os/as que se encontravam nas

franjas da sociedade. O mês de Natal que se aproximava, «prometia dádivas que não se deviam esquecer, mas e depois?»

- «Estas pessoas têm experiências de vida riquíssimas, que não são aproveitadas...é uma vergonha para o país.» Discorria sobre os sem-abrigo e muitos daqueles que frequentavam o jardim que tinham «reformas de miséria».

Regressando às questões do trabalho alimentou esperanças que o abaixamento da taxa na restauração, a acontecer, representaria melhorias para o setor, nomeadamente na criação de mais empregos. Criticou as refeições demasiado baratas por não representarem a consistência necessária para uma boa alimentação. Elucidou com exemplos de carne e peixe em condições deterioradas que eram servidos nessas condições. Na sua perceção, o pobre e o sem-abrigo estavam sempre prejudicados em relação aos favorecidos pela sociedade. Salientou que desempenhava uma profissão “bonita, mas ingrata, onde tinha horas de entrar, mas não de sair. Onde, por vezes, era confidente, amigo e «psicólogo», de pessoas afetadas pelas contingências da vida.” Quando trabalhava o mês inteiro, ganhava o ordenado mínimo e não tinha direito à refeição. Sentia que os «trabalhadores estavam cada vez mais desprotegidos, relativamente aos patrões que eram beneficiados pelo Governo». Não obstante procurar a mudança, não era apologista que o Presidente da República convidasse a maioria de esquerda para governar. Alegava que deveria haver novas eleições para eleger um novo governo maioritário. Defendeu que deveria existir «outro 25 de abril para que as coisas mudassem de rumo.»

“A sua vida familiar é afetada pelo pai ter a doença de Alzheimer e as dificuldades que passam para cuidar dele. Esteve num Lar de Acolhimento, mas fugiu 3 vezes. Disse que para ele era difícil ajudar monetariamente, «porque se não tinha dinheiro para comer, quanto mais para contribuir para o Lar, onde estava o progenitor».” (NT 34)⁶¹

4.2.2 - Diálogo com o Am

Desde o primeiro dia no jardim que me cruzei com o Am constatei que já o conhecia de vista há muitos anos. Talvez porque quando viera residir para a cidade do Porto, se instalasse nas imediações da Praça Marquês de Pombal. A aproximação paulatina que fui fazendo para entabular conversa com ele, só surtiu efeito quando o J

⁶¹ Nota de tereno 34 de 30 de novembro de 2015.

serviu de intermediário nesse desiderato. A partir desse dia passamos a cumprimentar-nos de mão, sempre que estávamos no espaço de jogo. Gostava de intercalar as partidas de cartas (não jogava muito) com as caminhadas «para desentorpecer as pernas» como gostava de dizer.

Um dia abordou-me e “começou a contar histórias sobre a sua vida. Discorreu sobre a preferência que tinha por mulheres maduras; contou que tinha vivido 6 anos junto à praia de salgueiros (V. Nova de Gaia), frequentara o café local, mas nunca o areal; jogara futebol no Vilanovense (na 2ª divisão nacional na altura) até aos 26/27 anos, mas um problema no joelho esquerdo, acabou precocemente com a atividade, embora nunca se tivesse dedicado inteiramente à modalidade, devido às noitadas na discoteca e *karaoke* em Miramar, das 22 às 4 da manhã; «emborcava» cerveja e comia demais sem se preocupar com a saúde; ganhava 10 contos por mês, mas a carreira de futebol também se ressentiu dos excessos; contou os campos onde jogara; lamentou o falecimento da mãe, principal pilar e guia que tivera.

Nunca ninguém o ajudara a seguir outro rumo, tomando decisões, por vezes precipitadas;

Aos fins-de-semana as noitadas em casa com os amigos só lhe trouxeram dissabores e gastos acrescidos: «luz e água no banheiro»; sentiu que a tropa não lhe foi benéfica prejudicando «a saúde mental»;

Aos 17 anos iniciara a vida noturna na cidade do Porto. Discorreu sobre o nome dos bares que frequentara. Morava nos Carvalhos e deitava-se todos os dias de madrugada. Conheceu um sujeito da terra que lhe pagava umas cervejas e regressava a casa na camioneta da 1 da manhã. Acompanhado por cinco compinchas ia para o Casino de Espinho, por vezes, beber «fínos e comer pregos» e da última presença recorda «a fuga sem pagar». Nunca descurara, porém, o trabalho, até porque o pai nesse particular era severo. (NT 34)⁶²

Deu-se uma vaga na mesa ao nosso lado e aproveitou para fazer uma partida.

Noutra ocasião “já tinha avistado o Am a cirandar no espaço. Deduzi que tivesse ido dar a caminhada do costume e estivesse de regresso. Acaba por chegar à minha beira e cumprimenta-me. Estabelece conversação e passo a ouvi-lo com atenção.

⁶² Nota de terreno 34 de 30 de novembro de 2015.

Discorre sobre o pessoal que pára no jardim e diz-me que não gosta de dar confiança à maior parte dos que o frequentam. Assume que tem um feitio difícil. Conta-me que só fala com o J, Ml e comigo.

- «O resto ouço e sigo, não gosto de dar confiança», repete fitando-me os olhos para ver se eu acompanho o raciocínio.

Sei que o M também pertence à sua rede de relações, mas não comento e continuo a ouvir. Se sente necessidade de me contar algo da sua vida espontaneamente, é sinal que lhe inspiro confiança. Sinceramente pensei contar-lhe as razões da minha frequência no espaço e convidá-lo a colaborar comigo. No entanto, preferi ouvi-lo e deixar a abordagem para outra ocasião. Continuou a discorrer sobre diversos aspetos da sua vida.

Tem 57 anos de idade, 32 dos quais foi vendedor na indústria metalomecânica. Conhece o país de uma ponta a outra, devido à atividade profissional. Também frequentou algumas feiras no estrangeiro, particularmente em Barcelona, onde foi diversas vezes. Esteve casado 24 anos e divorciou-se há 9 anos. Do matrimónio nasceu uma filha. Diz com firmeza que nunca mais quer ter mulher para viver consigo. Não obstante, confia-me que teve uma relação marcante de 8 meses com uma mulher, que o marcou negativamente. Alega que era uma oportunista e interesseira, o que o levou a expulsá-la de casa. Sabe de alguns casos de pessoas que frequentam o jardim que saem de um relacionamento e arranjam logo outro. Gastou cerca de 12 mil euros a restaurar uma casa, para «viver com essa vigarista» e está arrependido:

- «Tudo do bom e do melhor!» Remata com expressão de quem viveu momentos dolorosos. Está há três anos sozinho e sente-se bem assim:

- «Tenho a minha casa, tomo o meu café e leio o jornal diariamente, sem ninguém a incomodar-me», desabafa enquanto mira o meu casaco e vai retirando uma linha suspensa do mesmo.

O voluntariado ocupa-lhe as manhãs no «Coração da Cidade», gostando de ser útil aos mais desfavorecidos. Da parte de tarde frequenta o jardim e vai jogando de vez em quando para passar o tempo. Gosta de fazer caminhadas porque precisa de «desentorpecer as pernas».

A filha está na Marinha Portuguesa e fala todos os dias com ela. Quando não consegue conversar, trocam mensagens. No momento está em alto mar para ir a um barco que esteve (está?) avariado, batizado com o nome de «Torpedo».

E diz que não se chateia, leva a vida de que gosta:

- «A minha falecida mãe dizia que a gente quando não tem que fazer, deita-se a dormir. E é verdade! É o que eu faço».

Prossegue sem interrupção dizendo que o senhorio é espectacular (percebo que está num quarto alugado), são cinco pessoas na casa e o ambiente é bom. Tem computador e quando não tem sono vem ter com o senhorio à sala de estar e juntos fazem pesquisas na internet sobre os mais variados assuntos. No Natal, que já se aproxima, juntam-se todos à mesa e não sente solidão.

Sente-se a nostalgia quando recorda tempos idos. Viveu em Lavadores a 50 metros da praia, mas nunca foi ao areal. Saía à 2ª feira e regressava à 6ª feira. Gostava de ir jantar na zona dos Carvalhos. Todos os dias conduzia e é disso que sente saudade.

- «Pensa que se tivesse carro estava aqui?» E discorre sobre os carros que já teve na vida. Recorda o Lancia que comprou para a mulher (2007) antes de se divorciar. Conta que todos os meses dá à filha entre 250 a 400 euros, para uma conta «à parte», para uma emergência se for necessário. Comprou um Clio para a filha, mas como ela teve um acidente, embora sem consequências graves, deixou de conduzir. Já foi a Lisboa uma vez ter com ela e trouxe o carro para o Norte. Aproveitou para ir almoçar a Almeirim a um restaurante/pensão que frequentou no decurso da profissão e foi muito bem recebido.

Não se queixa do dinheiro que recebe do fundo de desemprego, mais de mil euros, por isso sente-se sortudo, relativamente à vida que tem. Analisa as magras reformas que muitos dos frequentadores têm e diz que não sabe como vivem. Alega que já tem emprestado dinheiro a pessoas que lhe merecem confiança.

- «Eu ganhava cerca de 4 mil euros mensais. Fazia descontos enormes, entre 1500 e 1700 euros por mês. E se descongelarem as reformas em janeiro de 2016, como está previsto, vou receber entre 1500 a 1600 euros.»

“Conta-me que em termos de saúde tem duas hérnias discais que o incomodam, mas não quer ser operado. A primeira vez que recorreu ao hospital durante uma «crise de coluna», ouviu o médico contar ao irmão que podia ficar entevado e decidiu abandonar o Hospital Santos Silva, sem autorização médica. Foi infiltrado e ficou melhor. Tem um amigo que foi operado com 49 anos e já vai na 4ª cirurgia. Por isso receia ser operado.” (NT 38)⁶³

⁶³ Nota de terreno 38 de 15 de dezembro de 2015.

4.2.3 - Diálogos com o J e o F

Como já referenciei neste estudo o J foi o indivíduo com quem conversei mais. A aproximação foi fácil devido a ser um conversador nato. Gosta de abordar diferentes assuntos, tendo no entanto um tema de especial agrado: a beleza feminina. Emigrou novo para a Holanda, onde casou e constituiu família. Quando regressou definitivamente na condição de reformado, instalou-se na casa arrendada que tem na cidade do Porto. Sempre que se proporciona desloca-se à terra natal.

“O J é natural de Tarouca, perto de Lamego. Passa a discorrer sobre a terra natal e o F acompanha-o na narrativa, porque conhece bem a zona. O J fala de uma casa que tem em Mondim da Beira. Trocam ideias sobre a melhor maneira de chegar ao local, recordando as dificuldades e tempo gasto de outrora para fazer o percurso, antes da construção da nova rede rodoviária. Participo na conversa dizendo que o meu pai é natural da freguesia de Queimada (perto de Lamego). O J de imediato disse-me que sentira logo que eu era diferente, «porque tinha sangue de lá».

O J conta que existem dois conventos, um dos quais ainda está bem conservado. A rota da gastronomia também é abordada e falam sobre vários restaurantes e pensões que conhecem.

A desertificação do interior do país é um tema recordado pelo F, pelo facto de «não haver ninguém a trabalhar a terra». É um mal do país em que vivemos, lamentam os dois. Antigamente quem tivesse uma quinta que produzisse 50 pipas de vinho era rico. Hoje já não é assim. Os gastos enormes em maquinaria e produtos agrícolas inviabilizam a ideia de arriscar na agricultura. Para além «da falta de braços», dos que eram nos tempos antigos e por gerações, representados pelos «caseiros», que trabalhavam a terra uma vida para enriquecer os proprietários. Davam tudo (as rendas) aos senhores e viviam miseravelmente. O J recordou o surgimento das «reformas de velhice», no princípio dos anos setenta, implementada por Marcelo Caetano, que fez a alegria das pessoas da terra nessas condições, ao passar a receberem 300 escudos mensais. Em alguns casos até conseguiram fazer com a ajuda dos conterrâneos uma casa e sentiram-se felizes. “As pessoas da geração do J que ficaram na terra e puderam usufruir dos «Fundos Europeus conseguiram singrar», com maquinaria apropriada. Aproveita o ex-emigrante na Holanda para dizer que esteve 39 anos sem vir a Portugal e constatou as «mudanças enormes», particularmente na rede de estradas. Um irmão

revolucionou a indústria das molduras em Portugal. Abriu uma fábrica na zona da Boavista e prosperou. Hoje o sobrinho que tomou conta do negócio encontra muitas dificuldades em aguentá-lo em função da forte concorrência dos mercados europeus. A economia sofre as consequências porque «se as pessoas têm poder de compra, gastam mais.» (NT 35) ⁶⁴

4.2.4 - Diálogo com o F

Poucas vezes encontrei o F no jardim. Não é um frequentador habitual, preferindo conviver com um sobrinho com quem tem grande afinidade. Quando aparece, gosta de o fazer cedo, para ter mais hipóteses de jogar uma partida. Mas, se uma boa conversa acontece, aceita-a de bom grado e deixa o jogo para segundo plano. É amável e de bom feitio. Tem a mágoa dos filhos que continua a apoquentá-lo: o rapaz, porque contribuiu para lhe delapidar património, a rapariga porque se divorciou com dois filhos pequenos e que tem a seu cargo. No 1º de dezembro de 2015 encontramos-nos no jardim e entabulou breve conversa comigo e com o J, que me apraz registrar:

“O F diz que o sobrinho tem grandes terras. Fala muitas vezes nele, dando a entender a amizade que os une. Prossegue dizendo que tem uma quinta na terra que dá boa fruta. A discussão sobre a produção de fruta e os gastos inerentes surgiu espontaneamente, onde percebi que sabiam como verificar a qualidade do produto.

O avô do F teve uma «cantina» (uma casa de venda, que funcionava como mercearia e tasco). Como tinha uma serração, os trabalhadores frequentavam a cantina. Contou que em mercearias e vinho gastavam o ordenado e ainda ficavam a dever. Estavam sempre dependentes. Era uma vida de miséria. O F recorda o tempo em que tinha as bombas de gasolina na Mealhada e o restaurante na Senhora da Hora, dizendo que ganhou muito dinheiro. Após se ter reformado, já em tempo de crise, deixou os negócios ao filho que «deu cabo de tudo», lamenta.

“Recorda, entretanto, tempos idos em que acompanhava um grupo de amigos, as idas ao Algarve e à caça ao Alentejo, os momentos de prazer partilhados à mesa com um bom cabrito ou uma sardinhada. E relembra, também, o tempo em que «grelhou 45 Kg de camarão para cerca de 40 pessoas no seu restaurante e consumiram

⁶⁴ Nota de terreno 35 de 1 de dezembro de 2015.

10 garrações de vinho». Fala depois dos restaurantes do sobrinho e da afluência que continuam a ter, tanto no Porto como na Rechousa.” (NT 35)⁶⁵

4.2.5 - Diálogo com o Ma

É indubitavelmente a figura mais carismática que frequenta este espaço. Amado por muito poucos, tolerado por alguns e desprezado pela maioria, possui uma personalidade forte e afronta quem quer que seja, sabendo que é um homem de direitos e respira liberdade. O álcool e o tabaco (que intercala com liamba), o aspeto sujo, de cabelo comprido e desleixado, num corpo obeso e mal tratado, constituem os sinais que o estigmatizam e afastam das boas graças de muitos frequentadores do espaço. A sua voz tonitruante e a boa disposição contrastam com a imagem decrépita que apresenta. Tem 57 anos e dir-se-ia estar perto dos 70. Trabalhador da Câmara Municipal do Porto, está com baixa há uns anos e está convicto que vai conseguir a reforma em breve. Para tal, basta no seu entender, continuar com o aspeto desleixado e ébrio que apresenta, para conseguir os seus intentos. Registei três momentos que vivenciei com ele:

“O Q disse-me que era «ganza» (liamba). Nunca me havia apercebido, mas o odor libertado não era de tabaco.

- «Daqui, continuou, vai buscar o «tachinho» e depois até às 22:30 ainda vai arrumar carros para junto do Hospital de S. João.» Chamou-o para confirmar que no dia anterior (domingo) ganhara 15 euros das 11 ao meio-dia. Após confirmar explicou como controlava determinada área, de forma a não perder o lugar. O Q questionou-o sobre a bebida e o tabaco que consumia em excesso, ele não se fez rogado e disse:

- «Desde 78 (21 anos), que fumava «charros» todos os dias.» Disse-lhe que tinha a minha idade e fora nesse ano que entrara para a tropa. Confirmou que ele também mas foi dado como refratário.

“O Ma disse que se aproximava a hora de ir buscar o jantar. Com boa disposição ia convidando os que o iam acompanhar para ir buscar o repasto. O Z aproximou-se e juntou-se a nós. Antes de nos despedirmos o Ma ainda contou que em 16 de dezembro tinha que se apresentar numa junta médica para tentar novamente a reforma:

⁶⁵ Nota de terreno 35 de 1 de dezembro de 2015.

- «E bêbado como sempre!» Rematou, sorrindo.” (NT 34)⁶⁶

Outra ocasião após assistir a várias partidas dirige-se a mim, inesperadamente, para me apresentar o documento da baixa médica:

“A partida acaba e o Ma sai. Vai ao bolso e tira um documento e pede para eu ler em voz alta. Acato o pedido e dou conhecimento de que está com baixa desde 7 de outubro e tem que se apresentar dia 16 de dezembro a nova junta médica. Diz que ao dia 26 tem o ordenado na conta. Só lhe retiraram o subsídio de refeição. Adianta que vai comparecer bêbado como sempre, porque ajuda a influenciar o parecer dos médicos. Depois só lhe resta acatar as indicações, senão «é despedido com justa causa». O sujeito de Celorico estava próximo e comenta que o Ma já está bom e pode trabalhar. O Q diz que não porque «parece um aleijadinho.» O Ma entra em confronto com Q alegando que o PR também é funcionário público como ele e «não ganha para pagar os impostos». «É a maior gafe que ouvi em toda a minha vida, vinda do principal responsável da nação», remata.” (NT 35)⁶⁷

Destaco ainda a exposição detalhada que fez sobre uma namorada de outrora, a propósito do número que obteve, após a contagem das cartas no final de um jogo:

“A história de um antigo amor da rua das Flores, cuja porta era identificada por aquele número, fez reviver a paixão de outrora, cujas peripécias entendeu partilhar. O jogo ia decorrendo mas o foco estava nos detalhes da experiência da juventude do Ma.” (NT 37)⁶⁸

4.2.6 - Diálogo com o Ag

O Ag era um indivíduo reservado, que frequentava habitualmente o jardim, sempre com os auriculares nos ouvidos e que se sentava num banco da área, ora a observar, ora imerso nos seus pensamentos. Raramente jogava e comunicava particularmente com o Ja de quem era próximo. Num determinado dia, aproximou-se e imiscuiu-se na conversa que se desenrolava sobre as necessidades das pessoas idosas:

“O Ag alimenta a conversa com as experiências de apoio que presta a uma vizinha dependente. Ele e a mulher. Apesar de ter apoio domiciliário (higiene pessoal e uma refeição ao almoço), o isolamento a que está sujeita é deprimente, só esbatida

⁶⁶ Nota de terreno 34 de 30 de novembro de 2015.

⁶⁷ Nota de terreno 35 de 1 de dezembro de 2015.

⁶⁸ Nota de terreno 37 de 3 de dezembro de 2015.

pelo acompanhamento que principalmente a mulher dele lhe faz. A roupa que usa é quase toda oferecida pela sogra do Ag, que recentemente também lhe deu um edredão. O Ag fez questão em oferecer-lhe uma Tv e improvisou uma cadeira sanitária para as necessidades fisiológicas, dado a dificuldade que tem em locomover-se. Forneceu-lhe electricidade passando um cabo de casa para a dela. O domingo passa-o em casa dele. Os filhos estão emigrados e não a visitam. Só uma sobrinha que vive no Algarve é que vai aparecendo e fez questão de a levar com ela, mas o convite foi rejeitado. A senhora prefere estar na sua casa.

O Q diz que «ela sabe onde está, não sabe é para onde vai».

O chefe da polícia local escreveu uma carta ao filho residente em França, mas este não respondeu. Pelos vistos vem passar férias a Portugal e não visita a mãe.

O Ag lembra o pai que esteve 5 anos a viver em casa dele acamado até falecer. Conta que não gostava de contribuir e enquanto pode gastava tudo na bebida e com mulheres. Reformado do exército e ainda com 50% da reforma da mulher, aos 83 anos ainda «andava atrás de saias», comenta o Ag.

- “É o que a gente leva da vida» disse o Q, rindo-se. Recordei que também teve muitas experiências do género. Adiantou ainda:

- Há pais que têm de dizer dos filhos e vice-versa, infelizmente.

A conversa ficou por ali porque vagaram lugares na mesa o fez movimentar as pessoas presentes. Acaba por entrar o Ao emparceirado com o Co, porque esperavam há mais tempo.” (NT 37)⁶⁹

4.2.7 - Diálogo com o Q

O Natal aproxima-se e as pessoas aparentam ter mais alegria. Talvez a quadra tenha favorecido de alguma maneira os frequentadores do espaço, penso para comigo. Convido o Q para irmos ao café e ele aceita. Recordo alguns momentos que passamos juntos.

“Quando termina a partida sai o Ma e o Q. Convido o Q para tomar um café. Aceita e acompanha-me ao café. O ruído é intenso neste espaço. Algumas pessoas fumavam e estranhei. Disse-me que com ar condicionado e cumprindo os requisitos legais tinham autorização. No canto poente do café tem um quiosque. Duas senhoras

⁶⁹ Nota de terreno 37 de 3 de dezembro de 2015.

compram raspadinhas e alerta o Q para o ato, dizendo que joguei em raspadinhas quando «apareceram no mercado», por curiosidade. Não gosto de jogar; ele diz-me que também não.

Fala-me do Ma e da vida feliz que leva, à sua maneira. A mulher deixou-o por causa da droga e do álcool (algo que já me tinha dito noutra conversa).

-“Não viu a pedrada com que estava hoje?”, Questiona admoestando o visado por não saber cuidar da saúde. Concorde com ele, dizendo que percebi que estava muito embriagado.

São 18 h e a noite caiu. Pergunto-lhe onde vai passar o Natal. Conta-me que acompanhado com os patrões que são seus amigos. Está habituado a estar sozinho, por isso vai ser uma noite diferente.

Fala-me das compras que já fez e do cuidado que tem com a alimentação. Tem pão-de-ló e vinho do Porto para as festas. Mas, habitualmente, só come cozidos, grelhados e estufados de vez em quando. Raramente bebe álcool.

Dá-me a relação pormenorizada do que tem no armário e no frigorífico. Desde o bacalhau até às sete tabletes de chocolate. É guloso, tal como eu, e digo-lhe isso.

Constato que se prepara antecipadamente com os alimentos necessários, para a eventualidade de não poder sair por qualquer razão. Os olhos brilham-lhe de satisfação porque sabe gerir bem a sua vida.

4.2.8 - Diálogos com o Lo e o Q

Estou sentado ao lado do Q a conversar quando um sujeito se aproxima de nós. “Cumprimenta-nos e o Q pergunta-lhe pela mulher. São conhecidos, embora nunca tenha visto o senhor no espaço.

A resposta de que a mulher estava melhor serviu de entrada para falar sobre as doenças diversas que o têm apoquentado. Fala de dores nas pernas e de duas hérnias discais que lhe causam problemas de saúde.

A seguir critica a área de jogo por ser muito ventosa e a falta de casas de banho para os frequentadores do jardim. Diz que no Verão há locais com odores insuportáveis porque há pessoas que urinam junto às árvores. Depois vão jogar as cartas e cumprimentam as pessoas sem lavar as mãos. Quando vem ao jardim é só para passar um bocado de tempo a observar, nunca se senta para jogar. Critica a sujidade dos bancos e a sua construção ergonómica que «dão cabo das costas». Defende um

abaixo-assinado para a autarquia no sentido de alterar as situações deploráveis que se encontram no jardim.

A conversa foi fluída e soube que já morara perto de minha casa. Nos prédios junto ao edifício da Soares da Costa, hoje reconvertido em hotel. Os problemas que várias firmas atravessam, nomeadamente a Soares da Costa, foram tema de conversa. A transferência de empresas para países onde as regalias fiscais são apetecíveis e a mão-de-obra mais barata, prejudicam as economias dos países mais fracos. Quem ganha são os países ricos (Alemanha e França, por exemplo), com as instabilidades económicas criadas em Portugal, Espanha e Grécia.

Preocupa-se com a precariedade laboral e o desemprego:

-“Afiml porque é que nos fartamos de trabalhar para dar um curso aos filhos? Acabam por não conseguir colocação e emigram há procura de melhora sorte”.

Muda o tema e recorda ao Q o tempo passado nas coletividades (fala nos Passarinhos da Ribeira entre outras) e as práticas saudáveis de camaradagem que os unia em tempos saudosos. Dá vida à primeira televisão a preto e branco que apareceu numa coletividade e recorda a alegria que sentiu. Ainda retrocede mais no tempo e compara as brincadeiras na rua e os jogos tradicionais, tão diferentes dos de hoje, onde os jovens “já nascem para mexer nos telemóveis”, com hábitos e gostos “diferentes do seu tempo.”

O Q despede-se porque ainda tem de fazer umas compras.

Continuo a conversa e falamos dos recentes atentados em França e comenta que a guerra convencional (Angola) em que participou era totalmente diferente da de guerrilha, praticada pelo Estado Islâmico. Destaca no entanto, que no Ultramar as nossas baixas não foram maiores porque tínhamos uma vantagem sem relação às tropas opostas, bem servidas de armamento: os veículos de transporte que nos ajudavam a deslocar com mais rapidez em detrimento daquelas que se moviam apeadas.

Vê o Ma a fazer mistura de cerveja e maduro branco, acendendo um cigarro de seguida e não se contém:

-“A gente a olhar pela nossa saúde e continuamos com problemas e estes abusam e nada lhes pega.” Comento que por vezes não é bem assim, há pessoas que não têm cuidado consigo e as doenças quando são detetadas já são tarde de mais. Conta-me que o Q também apanhava grandes bebedeiras, mas não era mau rapaz. Sempre se dera bem com ele.

Telefona-lhe a mulher e o Lo (nome do sujeito), diz-lhe onde está e que vai em breve para casa.

Diz-me que foi tipógrafo de profissão e fala-me de um rapaz que trabalhou com ele e que nunca mais viu, apesar de serem grandes amigos.

“Também lhe digo que profissão desempenhei e o que fazia agora. Parabeniza-me pela audácia e que teve muito gosto em conhecer-me. Despedimo-nos dizendo que um destes dias tornava a passar pelo jardim e que esperava tornar a encontrar-me.” (NT 39)⁷⁰

4.2.9 - Diálogo com o MI

Com o MI, adversário do Ma no quotidiano em função das crispções constantes entre ambos, tive ocasião de conversar com ele, em duas vezes que fomos ao café com outros elementos. Trabalhou a vida toda na construção civil e esteve emigrado em França. Discorro uma passagem da conversa que tivemos:

“O MI explica que já foi muito explorado. Trabalhou a vida toda na construção civil, esteve emigrado em França e atualmente está reformado. Teve recentemente uma proposta de trabalho temporário, mas recusou porque só lhe pagavam 30 euros por dia. Diz que é o que se paga a um servente e não a um trolha de 1^a que é o seu caso.

Afinal, os 300 euros que recebe por mês, bem geridos, dão para pagar as despesas. Paga 160 euros pelo quarto, com direito a banho. Os restantes 140 «têm de dar para a comida, roupa quando necessário e cigarros.» Possui Tv e um pequeno fogão para cozinhar. Quanto ao «copito vai tomando sempre que um amigalhaço lhe oferece.»

Antes de se reformar recebia o rendimento mínimo. Conseguiu trabalho nuns prédios na zona do Palácio de Cristal e apenas avisou que não queria trabalho muito pesado porque as forças começavam a escassear. Estas empresas, na altura, recebiam 3000 euros por cada trabalhador que contratassem por um período mínimo de três meses. Fizeram-lhe «a vida negra» para se chatear e abandonar ao fim daquele tempo. Porque depois contratavam outros e recebiam nova quantia. O encarregado, para além de maus tratos a nível verbal, até lhe escondia as botas de trabalho, sendo obrigado a laborar de sapatos, inadequados para a profissão. Depois de várias quezílias, acabou por se vir embora. Deixou de receber fundo de desemprego e esteve dois meses assim. Já não tinha dinheiro para pagar o quarto. Dirigiu-se no terceiro mês aos serviços

⁷⁰ Nota de terreno 39 de 17 de dezembro de 2015.

competentes (Segurança Social) e soube que a empresa não havia dado baixa dos seus serviços. A indicação que possuíam era a de que estava a trabalhar. Teve que ir à empresa levantar a carta para a S. Social para justificar a situação laboral e só no quarto mês sem receber é que lhe regularizaram a pensão. Com 26 anos de descontos candidatou-se à reforma que conseguiu ao fim de alguns meses. Caracteriza a existência como «alegre e de fato rôto: faz uma vida melhor que muitos outros».⁷¹ (NT 41)

5. Contributo das narrativas biográficas e das conversas complementares para melhor conhecimento do grupo e de cada um

A realização de 4 narrativas biográficas e de 9 conversas complementares situou-se numa perspetiva de conhecer melhor as pessoas com quem convivi, e que frequentam regularmente o jardim da praça Marquês de Pombal.

A heterogeneidade das pessoas envolvidas e os diferentes trajetos de vida permitiram observar alguns contrastes significativos para este estudo e romper com ideias estereotipadas que tendem a ver os frequentadores do jardim como um grupo homogéneo.

A partir da informação mais detalhada das 10 pessoas⁷² com quem foi possível conversar de uma forma mais aprofundada, é possível afirmar que se trata de um grupo fundamentalmente masculino, com baixa escolaridade (1º CEB), com idades compreendidas entre os 42 e os 74 anos de idade, e com situação familiar diversa. São indivíduos na maioria casados (6), com filhos e filhas. Existem três separados sem filhos, 1 divorciado com uma filha e 1 solteiro sem filhos.

Está presente uma tendência, entre os que têm filhos e filhas, de os/as ajudarem a obter um título académico, no sentido de conseguirem melhores condições de vida. Deste modo, a filha de um dos sujeitos é formada em Direito e outra é Licenciada em Serviço Social. Dois irmãos, filhos de outro idoso, também possuem cursos superiores. Por fim, um dos elementos, tem a filha na Marinha Portuguesa.

Quanto ao estilo, vivências e oportunidades nas suas vidas, evidenciam dissemelhanças caracterizadas pelos contextos onde nasceram e pelas opções que tomaram, em função das oportunidades com que se depararam. Só 2 destes elementos

⁷¹ Nota de terreno 41 de 21 de dezembro de 2015.

⁷² São apenas 10 pessoas, porque 3 pessoas das conversas complementares coincidem com 3 das narrativas biográficas.

são naturais da cidade do Porto; a maioria daqueles com quem interagi, de uma forma mais próxima, nasceram no interior do país, no seio de famílias pobres, que migraram para o litoral, à procura de melhores condições de vida; apenas 1 deles é proveniente de uma família de comerciantes, o que lhe proporcionou situação económica favorável desde a infância. Outros dois tiveram empregos estáveis, o que os levou a poderem construir projetos de vida consistentes. Num outro caso, embora conseguisse emprego estável, as opções de vida e tomadas de decisão descontroladas, orientaram-no para «situações de vida desgovernadas e inconsequentes», como ele próprio afirma. Os restantes, porque conseguiram trabalho mal remunerado, procuraram sucessivamente outro melhor, recorrendo inclusive à emigração como alternativa. O indivíduo de 42 anos tem trabalho precário, na área da restauração, recorrendo, por isso, com frequência, a instituições de solidariedade social para sobreviver.

A maioria está reformada (8) e dois na situação de pré-reforma. Se, por um lado, a maioria destas pessoas vive em função das poucas possibilidades económicas, tendo ajuda preciosa de instituições de solidariedade social ou da família, por outro, existe um restrito número de seniores que possuem rendimentos que lhes permitem ser auto-suficientes.

Os anos de descontos, em muitos casos, foram bastante abaixo dos mínimos exigidos pela S.S., o que, acompanhado de salários exíguos, desenharam quadros de reforma insustentáveis para permitir fazer face à vida condignamente. Daí a importância do papel de instituições de apoio social e congregações religiosas, no sentido de minimizar perdas e contribuírem para melhorar a vida destes seniores. Expressaram, também, que, quando ocasionalmente aparecem pequenos trabalhos, aproveitam-nos a fim de se sentirem úteis e obter algum benefício monetário.

Decorrente destes pressupostos, esteve presente uma inconstância de vida, resultante da alternância emprego/desemprego, família/sem família, com filhos/sem filhos, que ajudou a descaraterizar a vida de alguns destes sujeitos, quer relativamente à constituição de família, quer à sua estabilidade económica e afetiva. Os difíceis e oscilantes trajetos de vida contribuíram para situações de vulnerabilidade existencial.

Para além destas conversas, tive oportunidade de me relacionar com outros indivíduos que me ajudaram a compreender holisticamente o quadro sociodemográfico dos frequentadores do espaço. Estão presentes, no contexto, outras pessoas que, vivendo com a família, conseguem ter condições de vida sustentáveis derivadas da entajuda existente entre elas. Ainda frequenta o jardim um restrito número de

sujeitos que possuem condições de vida acima da maioria, ou porque conseguiram estabilidade por emigrações bem-sucedidas, ou porque desenvolveram atividades bem remuneradas, que lhes permitem auto-suficiência e estabilidade. Normalmente são casados, com filhos e netos. Nesta situação preocupam-se particularmente com o bem-estar dos netos e netas, que acompanham no processo de crescimento, prestando-lhes apoio diverso.

Tive conhecimento de dois seniores reformados que ainda trabalham parcialmente. Um deles é natural da Porto, o outro de Celorico de Bastos. Acompanhei um deles que partilha com a mulher as tarefas num pequeno estabelecimento hortícola que exploram. Tem uma filha com formação académica superior, desempregada no momento em que convivi com ele. Por esse motivo, continua a auxiliar a filha e neta, na medida das suas possibilidades.

Existe um aspeto que é transversal a todos estes seniores: a sociabilidade e partilha diária que procuram ao conviver tendo como mote o jogo da «sueca». É por demais evidente o sentido que estes encontros têm na sua vida, justificados na assiduidade com que frequentam o jardim. Seja porque têm necessidade de revitalizar afetos, evitar a solidão e o isolamento social, ou porque pretendam desenvolver ações onde a tomada de decisão e o reconhecimento estejam presentes, procuram estabelecer laços pelo convívio, onde simultaneamente estimulam aspetos cognitivos e partilham saberes e conhecimentos inestimáveis.

Considerações Finais

Após pesquisar diversos jardins da cidade do Porto, no intuito de procurar aqueles onde se reuniam idosos/as para interagir, tendo a atividade do jogo da sueca como atração, decidi-me por aquele mais perto da minha residência e que conhecia melhor: o Jardim Marquês de Pombal. É importante, desde já recordar, que a autarquia não concebeu este espaço para o jogo de cartas, sendo pelo contrário o resultado da apropriação por parte dos idosos das mesas existentes que, literalmente ocuparam, para recrear o jogo da sueca, construindo, em simultâneo, redes de sociabilidade e de aprendizagem.

Constatei, ao longo do tempo, no terreno, que a dimensão educativa⁷³ no contexto, com carácter informal, está desde logo presente, configurada nas trocas diárias intersubjetivas entre os frequentadores deste espaço confinado, porque “as relações interpessoais são fonte constante de aprendizagem e de construção de significações sociais partilhadas” (Torremorell,2008:70).

O contexto em que me insinuei permitiu-me conhecer distinta realidade sobre as vivências e aprendizagens de pessoas idosas num espaço público. A partilha de saberes e conhecimentos adquiridos ao longo da vida estabelecem pontes de proximidade ao mobilizar interesses comuns e acrescentam a plausibilidade do vínculo social. “De facto, [não se pode] existir na vida quotidiana sem estar sempre em interação e comunicação com os outros” (Berger & Luckmann,2010:35). Estão presentes memórias e subjetividades, saberes feitos com valor intrínseco inestimável, por quem vivenciou situações e acontecimentos próprios, que os ajudaram a crescer como pessoas e cidadãos: a construir identidades. Entrementes, os relatos do quotidiano, permitiram observar a atenção que demonstram pelos acontecimentos variados da vida e do mundo, espelhando preocupações inquietantes nos raciocínios que constroem, em consequência das disfunções perturbadoras da contemporaneidade em múltiplas dimensões (economia, política, trabalho, segurança, justiça). São informações de grande riqueza antropológica (política, económica, cultural e social) que desmistificam a conotação a-social derivada de visões estreitas sobre os/as

⁷³ Se o que caracteriza uma situação educativa “é o facto de ela não ser só o que se me dá a mim a ouvir ou a ver, mas também tem um sentido para aqueles que nela estão envolvidos, então, o sentido da situação é um dos elementos que devo apreender para que eu próprio seja capaz de lhe dar sentido” (Berger,2009:190).

idosos/as, que obstaculizam os princípios de participação e intervenção nos destinos da cidade.

Foi na assiduidade dos idosos e nos interstícios dos seus discursos que compreendi a importância de pertença ao grupo e a razão sentida de ali estar. A capacidade de autogestão e o sentido de comunidade só vieram reforçar os princípios de cidadania que os consagram como sujeitos de direitos e de deveres, porque o *direito à cidade* (...) só pode formular-se como *direito à vida urbana*, transformada e renovada” (Lefebvre,2012:19).

A cidade do Porto «consagrou-lhes» o ano de 2016. Mas, num espaço literalmente «ocupado» pelos gerontes, em zona particularmente ventosa e sem infra-estruturas adequadas para os tempos de lazer, onde pontifica a ausência de casas de banho e está presente a insalubridade, importa sensibilizar os poderes públicos sobre os desejos e aspirações destes idosos, de forma a integra-los na *pólis* reconhecendo-lhes o valor, com o intuito de promoverem a sua qualidade de vida, fazendo em simultâneo, sentirem-se úteis e reconfortados.

Pese embora vivermos num tempo em que as cidades educadoras e as cidades amigas das pessoas idosas, almejam dar outros sentidos a uma população em crescendo, as vivências e as práticas demonstram o muito que há fazer para inverter tendências segregacionistas e de marginalização, de que sofrem estes gerontes. Existe uma evidente desqualificação e uma estranha noção de cuidar, que inviabilizam o bem-estar e a qualidade de vida, consignados nos anais das CED E CAPI.

A autarquia portuense pertencendo à rede das Cidades Educadoras, deve ter como missão criar em todos os jardins da cidade condições que permitam aos idosos usufruírem de atividades recreativas, promotoras de tempos de lazer e convívio, que tenham como objetivo o bem-estar e a melhoria de qualidade de vida dos gerontes, porque “o conceito de cidade educadora muda com a mudança própria das vidas da cidade e dos seus habitantes” (Pozo,2013:25).

Não obstante a boa vontade manifestada e os registos das ações louváveis de diferentes instituições, em termos concretos o que foi feito? Ou o que irá ser feito?

É verdade, que já foram realmente criadas as condições necessárias, que procurem a mudança social, promovendo ações concretas para melhorar a qualidade de vida desta população? Certamente que a autarquia estará atenta e cumprirá o estabelecido no Guia Global das Cidades Amigas das Pessoas Idosas, com a ajuda da comunidade em geral; porque, as iniciativas que têm levadas a efeito não soarão a

esperanças vãs, a mais do mesmo, orquestrando palestras de inconformismo, mas inconsequentes na vida prática dos/as idosos/as.

Recordo que convivi quase diariamente com seniores em «autogestão», entregues a si próprios, ocupando as mesas existentes no espaço para jogarem a sueca, segundo normas e regras tacitamente estabelecidas, a fim de confraternizarem e partilharem saberes adquiridos ao longo do tempo de vida. A importância do envelhecimento bem-sucedido passa por dotar os jardins da cidade com as infra-estruturas necessárias que potenciem um sã convivio, melhorando concomitantemente a qualidade de vida destes seniores.

A Câmara Municipal do Porto vai com certeza criar infra-estruturas nos espaços públicos (particularmente nos jardins), de maneira a que os frequentadores/as (neste caso específico a população idosa) possam usufruir saudavelmente desses locais, contribuindo, em simultâneo, para aumentar a auto-estima e o autoconceito dos mesmos.

É meu propósito, perante o equacionado, sensibilizar a autarquia, no sentido de otimizar as condições de vida dos idosos/as frequentadores/as dos jardins da cidade do Porto.

Relativamente ao jardim da praça do Marquês de Pombal, local onde decorreu este estudo, as melhorias passam por:

Colocar mesas devidamente preparadas para os/as idosos/as poderem jogar às cartas, dominó ou xadrez (as 4 mesas e os 16 bancos de pedra existentes, não foram concebidos com esse propósito, podendo, no entanto, ser adaptados); A ausência de casas de banho, que impede as pessoas de, para além de não poderem satisfazer as necessidades fisiológicas, possam igualmente tratar da higiene pessoal, também constitui uma necessidade urgente; Os sanitários existentes, que serviram os frequentadores do jardim durante décadas, estão adstritos ao café/esplanada que começou a funcionar em 2015; A presença de um fontenário com água potável, para que possam saciar a sede, deve fazer parte dos equipamentos a instalar; O vento agreste, que normalmente se faz sentir no jardim do Marquês de Pombal, tem feito com que vários frequentadores adoeçam, numa fase da vida em que as «defesas pessoais» estão mais debilitadas, deve ser combatido com taipais (resguardos), estrategicamente posicionados, para combater as correntes de ar indesejáveis; Sabendo que este espaço teve durante muitos anos uma pequena biblioteca, hoje reconvertida

em café, era importante preservar esse espaço cultural, o que não impede que um café exista em simultâneo.

Certamente sensibilizado para estas e outras premissas, devidamente justificadas, o município portuense demonstrará interesse e vontade, em dotar os jardins da cidade, que, hoje, são «lugares de reformados», das valências adequadas para servir condignamente uma população em crescendo. Estou consciente que os custos da proposta não serão onerosos. A sociedade civil também dará, certamente, o seu valioso contributo, para a realização deste projeto, porque a população da cidade do Porto nos momentos importantes, sempre fez jus a fortes princípios solidários. Todos/as temos consciência que os jovens e os adultos de hoje serão os seniores de amanhã.

E, também constatei, que a autonomia e organização que demonstraram os idosos, com quem convivi, indicia que não necessitam de ninguém a supervisionar o espaço, carecendo somente de condições dignas que sirvam devidamente os seus interesses.

As recomendações são muitas e os desejos também. Urge um novo olhar para a situação destes «inquilinos» dos jardins da Cidade do Porto, no sentido de concretizar os princípios contidos no Guia Global das Cidades Amigas das Pessoas Idosas e na Carta das Cidades Educadoras. Tenho consciência da apoquentação que estes escolhos transmitem a todos/as aqueles/as que frequentam estes espaços públicos, por isso, um sentido de mudança é necessário que contribuía para uma civilidade que urge ter presente. É pela pluralidade da envolvimento de todos os agentes integrados no sistema social da cidade, que se deve apelar, no sentido de contribuir para alterar o rumo dos acontecimentos.

Deste modo, é imperativo uma mudança de paradigma que proporcione outro olhar para com os/as idosos/as, que reconcilie a administração local com os propósitos e anseios dos gerontes. Os centros de decisão devem contemplar e ouvir as ideias deste público específico, e, dar-lhes voz, porque eles sabem o que os apoenta, o que é melhor para a sua vida.

Os frequentadores do jardim manifestaram nas diferentes conversas que tivemos, desenvolver um variado tipo de atividades que contribuem para o bem-estar social, como o apoio a vizinhos e à comunidade, o trabalho voluntário e os cuidados prestados a amigos e familiares, assim como o acompanhamento dos netos na vida diária. Dessa forma, para além de se sentirem úteis, sentem a compensação a nível

emocional e mental e ajuda-os, simultaneamente, a retardar o processo de envelhecimento. Assim, comungo dos seus ideais, porque continuo a acreditar que “não se deve apenas dar mais anos à vida (...) mas também dar mais vida aos anos concedidos por uma maior esperança de vida” (Osório e Pinto, 2007:8).

O propósito da investigação, ao tentar contribuir para a construção do saber, foi precisamente ir buscar junto dos sujeitos, os discursos de que são portadores e os processos de interação construídos em contexto. Neste sentido constituiu-se como um processo de descoberta, em que enfatizei a intersubjetividade e as experiências vivenciadas pelos participantes, através da compreensão das suas práticas sociais, que são elas próprias saberes sobre a sociedade, num contexto onde prevalece a educação informal. E por esta via, tentei compreender os sentidos que estes atores sociais atribuem e percebem na construção das múltiplas realidades sociais.

No interior destes pressupostos, realizar a primeira experiência etnográfica foi gratificante. Envolver-me na ordem das coisas incertas, onde o imprevisto acontece, permitiu-me compreender os sujeitos a partir daquilo que deram a conhecer de si, da semiótica utilizada e do ambiente em que são recriados. Existe uma simbiose perfeita, entre as interações intersubjetivas e os sentidos que os idosos atribuem às experiências e circunstâncias das suas vivências, em que “a realidade da vida quotidiana é admitida como sendo a *realidade*” (Berger & Luckmann, 2010:35). Era impossível percorrer-se este efeito fora do cenário de pesquisa, porque só estando dentro do endogrupo é possível aquilatar-se a dimensão heurística do fenómeno.

Igualmente importante, foi o afastamento do contexto, afim de refletir e reinterpretar o vivenciado, de forma a compreender os significados velados, as mensagens ocultas, porquanto analisado à luz de uma perspetiva hermenêutica e relacional, nos introduz em novas lógicas interpretativas para dar sentido ao experienciado.

Tenho consciência de que o conhecimento se vai constituindo, pelas práticas do quotidiano, em confrontação com as teorias, de uma forma controlada e crítica. Por essa razão procurei que a observação fundamentasse as teorias, num primeiro momento, preparando o trabalho para a confrontação com os dados empíricos, no momento seguinte.

As Ciências da Educação têm de pugnar por dimensões estruturantes de racionalidades teórico-práticas que visem a mudança social. É na interseção das transferências e contratransferências construídas no processo de interação

desenvolvido, que nos implicamos, mas também que internalizamos envolvências “cegas”, impedindo-nos de constatar as múltiplas realidades existentes. Foi neste enquadramento, em que experienciei diferentes perspetivas de um público heterogéneo, do qual me afastei para processar reflexivamente o vivido, que percebi o contraste *claro-escuro* da produção de conhecimento.

As Ciências da educação constituem-se como um campo privilegiado para o estudo dos fenómenos sociais e humanos porque a sua cientificidade se funda nas suas próprias ambiguidades, já não encaradas

“como perturbações ou défices epistemológicos que as afastara de um ideal de cientificidade, mas são consideradas como riscos inerentes ao exercício de uma atividade crítica suscetíveis de se tornarem numa vantagem acrescida” (Correia,1998:189).

As Ciências da Educação são um campo de saber fundamentalmente mestiço, em que se cruzam, se interpelam e, por vezes se fecundam, de um lado, conhecimentos, conceitos e métodos originários de campos disciplinares múltiplos (inter e transdisciplinares) e do outro, saberes, práticas, fins éticos e políticos. A especificidade é sustentada na mestiçagem (hibridez) da disciplina. É uma disciplina capaz de afrontar a complexidade e as contradições características da contemporaneidade.

Neste sentido, a investigação apresentada desenvolve-se no campo das Ciências da Educação, pese embora o seu carácter exploratório, pelos tempos e modos em que a experiência se constituiu. Por essas razões não foram abordadas outras dimensões que permitissem aprofundar e conhecer distintas perceções importantes para estes idosos, dos quais são exemplos: o contexto familiar, as relações intergeracionais e o impacto de classe no problema de pesquisa apresentado.

O envelhecimento enquanto fenómeno educativo (no quadro da Gerontologia Educativa) deve ser reequacionado por parte das Ciências da Educação, tendo a capacidade de analisar situações a partir de várias entradas, com a ajuda de um racional teórico, em que são transgredidas fronteiras, pelo carácter multi-referencial diretamente relacionado com o reconhecimento da complexidade e da heterogeneidade que caracterizam as *práticas sociais* (Ardoino,1998), a fim de estudar as questões da ancianidade. A fim de corroborar esses princípios, reforçarei com Silva (2010:55) que

“a própria cientificidade educativa pode hoje construir-se a partir das narratividades, constituídas pelas ousadias das margens esquecidas, impurificáveis, no sentido de elaborar uma outra ordem e de tornar ruidosos alguns silêncios”.

E um universo significativo de idosos está nessas margens.

Bibliografia

AAVV (2009). *O Tempo da Vida. Fórum Gulbenkian de Saúde sobre o Envelhecimento 2008-2009*. Cascais: Príncipeia.

Amado, João (2013). A Investigação em Educação e Seus Paradigmas. In João Amado (Coord.), *Manual de Investigação Qualitativa Em Educação* (pp.19-71). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Amado, João (2013). A Investigação em Educação e Seus Paradigmas. In João Amado (Coord.), *Manual de Investigação Qualitativa Em Educação* (pp.299-351). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Baptista, Isabel (2005). *Dar Rosto ao Futuro. A educação como compromisso ético*. Porto: PROFEDIÇÕES, Lda.

Bardin, Laurence (2011). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: EDIÇÕES 70, Lda.

Bandeira, Mário Leston (2014). Introdução. In Mário Leston Bandeira (Dir.) *Dinâmicas Demográficas e Envelhecimento da População Portuguesa: 1950-2011 Evolução e perspectivas* (pp.17-28). Odivelas: Guide-Artes Gráficas, Lda.

Bandeira, Mário Leston (2014). Síntese retrospectiva e questões atuais acerca do processo de envelhecimento da população em Portugal. In Mário Leston Bandeira (Dir.) *Dinâmicas Demográficas e Envelhecimento da População Portuguesa: 1950-2011 Evolução e perspectivas* (pp.403-428). Odivelas: Guide-Artes Gráficas, Lda.

Bauman, Zygmunt (2013). Espaço Público. In Eulália Bosch (Ed.), *Educação e Vida Urbana: 20 anos de cidades educadoras*, (pp.51-62). Torres Novas: Gráfica Almondina.

Berger, Guy (2009). A Investigação Em Educação: Modelos socioepistemológicos e inserção institucional. *Educação, Sociedade & Culturas* (28), 175-192.

Berger, Peter e Luckmann, Thomas (2010). *A Construção Social da Realidade: Um tratado da sociologia do conhecimento*. Lisboa: Dinalivro.

Bellot, Pilar Figueras (2013). Cidades Educadoras, uma Aposta de Futuro. In Eulàlia Bosch (Ed.), *Educação e Vida Urbana: 20 anos de cidades educadoras*, (pp.17-21). Torres Novas: Gráfica Almondina.

Bogdan, Robert & Biklen, Sari (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora

Bruyne, Paul de, Herman, Jacques & Schoutheete, Marc de (1991). *Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais. Os pólos da prática metodológica*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S.A.

Cabral, Manuel Villaverde & Silva, Pedro Alcântara (2012). Relações entre grupos etários e capital social. *Rediteia-Envelhecimento Ativo. Revista de Política Social* (45), 79-89.

Correia, José Alberto (1998). *Para Uma Teoria Crítica Em Educação*. Porto: Porto Editora.

Costas, Antón (2013). Os Novos Desafios da Vida Urbana. Jovens para sempre: a nova realidade das pessoas idosas. In Eulàlia Bosch (Ed.), *Educação e Vida Urbana: 20 anos de cidades educadoras*, (pp.123-131). Torres Novas: Gráfica Almondina.

Denzin, Norman & Lincoln, Yvonna (2003). Introdução: A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In Norman Denzin & Yvonna Lincoln (Orgs.), *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e abordagens* (pp.15-41). Porto Alegre: Artmed Editora S.A.

Dumazedier, Joffre (1974). *Sociologia Empírica do Lazer*. São Paulo: Editora Perspetiva.

Esteves, António Joaquim (2010). *Nas Fronteiras da Sociologia: Epistemologia, Política, Ética, Secularização e Gerontologia*. Porto: Edições Afrontamento.

Eurostat (2009). *2009 Ageing Report: Economic and budgetary projections for the EU-27 Member States (2008-2060)*. Bruxelas: European Communities.

Fernandes, Ana Alexandre (1997). *Velhice e Sociedade: Demografia, Família e Políticas Sociais em Portugal*. Oeiras: Celta Editora.

Fernandes, Luís & Neves, Tiago (1997). Periferias Urbanas, Sentimentos de Insegurança e Controlo Social. Relatório integrado na investigação *Insegurança Urbana na Cidade do Porto – estudos interdisciplinares*, realizada no âmbito do Observatório Permanente de Segurança do Porto.

Ferrigno, José Carlos (2003). *Co- Educação Entre Gerações*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, Lda.

Fonseca, António M. (2005). O Envelhecimento Bem-Sucedido. In António Fonseca, & Constança Paúl (Coords.), *Envelhecer em Portugal* (pp.281-311). Lisboa: Climepsi Editores.

Gaspar, Jorge (2009). O Envelhecimento e a Dinâmica Demográfica na Europa – Posicionando Portugal. In AAVV, *O Tempo da Vida. Fórum Gulbenkian de Saúde sobre o Envelhecimento 2008-2009* (pp.51-76). Cascais: Principia.

Harper, Sarah (2009). Uma Abordagem às Implicações do Envelhecimento Global. In AAVV, *O Tempo da Vida. Fórum Gulbenkian de Saúde sobre o Envelhecimento 2008-2009*, (pp. 77-104). Cascais: Principia.

Jacob, L. (2013). *Animação de Idosos*. Porto: Legis Editora

Kalache, Alexandre (2009). O Envelhecimento e a Cidade. In AAVV, *O Tempo da Vida. Fórum Gulbenkian de Saúde sobre o Envelhecimento 2008-2009* (pp.213-229). Cascais: Principia.

Lapassade, George (1990). La méthode ethnographique. *Pratiques de Formation*, (20), 119-131.

Lefebvre, Henri (2012). *O Direito à Cidade*. Lisboa: Estúdio e Livraria Letra Livre.

Leuschner, António (2009). A Doença na Solidão. In AAVV, *O Tempo da Vida. Fórum Gulbenkian de Saúde sobre o Envelhecimento 2008-2009* (pp. 325-330). Cascais: Principia.

Martín, Antonio Victor (2007). Gerontologia Educativa: Enquadramento Disciplinar para o Estudo e Intervenção Socioeducativo com Idosos. In Agustín Requejo Osório & Fernando Cabral Pinto (Coords.), *As Pessoas Idosas: Contexto social e intervenção educativa* (pp.47-73). Lisboa: Instituto Piaget.

Medina, Teresa (2008). *Experiências e Memórias de Trabalhadores do Porto. A Dimensão Educativa dos Movimentos dos Trabalhadores e das Lutas Sindicais*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Moreira, Pe. Jardim (2012). Nota Introdutória. *Rediteia-Envelhecimento Ativo. Revista de Política Social* (45), 11-15.

Morin, Edgar (2005). *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Osório, A. Requejo (1998). Animação Sociocultural na Terceira Idade. In Jaume Trilla (Coord.), *Animação Sociocultural – Teorias, programas e âmbitos*. (pp.251-263). Lisboa: Editorial Ariel.

Osório, A. Requejo (2007). Os Idosos na Sociedade Atual. In Agustín Requejo Osório & Fernando Cabral Pinto (Coords.), *As Pessoas Idosas: Contexto social e intervenção educativa* (pp.24-25). Lisboa: Instituto Piaget.

Pais, José Machado (2001). *Ganchos, Tachos e Biscates*. Porto: Âmbar – Complexo Industrial Gráfico, S. A.

Paúl, Constança (2012). Solidão em pessoas mais velhas. *Rediteia-Envelhecimento Ativo. Revista de Política Social* (45), 33-44.

Peixoto, Clarice Ehlers (2000). *Envelhecimento e Imagem – As fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro*. São Paulo: ANNABLUME EDITORA.

Pinto, F. Cabral (2007). A Terceira Idade: Idade da Realização. In Agustín Requejo Osório & Fernando Cabral Pinto (Coords.), *As Pessoas Idosas: Contexto social e intervenção educativa* (pp.75-103). Lisboa: Instituto Piaget.

Pozo, Joan Manuel (2013). O conceito de «cidade educadora», hoje. In Eulàlia Bosch (Ed.), *Educação e Vida Urbana: 20 anos de cidades educadoras*, (pp.23-33). Torres Novas: Gráfica Almondina.

Rocha, Pedro (2015). “*A fábrica da Vista Alegre, pá! A Vista Alegre até tem lugar dos reformados*”. *As conversas de pessoas idosas num jardim público: processos de (re) construção dos contextos/culturas da velhice/envelhecimento nas 3^a/4^a Idades*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Porto, Portugal.

Rosa, Maria João Valente (2012). *O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

Salselas, Teresa (2007). *Política Social da Velhice. Texto complementar ao manual: introdução à gerontologia*. Lisboa: Universidade Aberta.

Santos, Boaventura de Sousa (2005). Os Processos da Globalização. In Boaventura de Sousa Santos (org.), *Globalização – Fatalidade ou utopia?* (pp.31-106). Porto: Edições Afrontamento.

Santos, Boaventura Sousa (2010). *Um Discurso Sobre As Ciências*. Porto: Edições Afrontamento.

Santos, Boaventura (2014). *Se Deus Fosse Um Ativista Dos Direitos Humanos*. Coimbra: Edições Almedina, S.A.

Schwandt, Thomas A. (2003). Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa. Interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In Norman Denzin & Yvonna Lincoln (Orgs.), *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e abordagens* (pp.193-217). Porto Alegre: Artmed Editora S.A.

Silva, Sofia Marques (2010). *Da Casa da Juventude aos Confins do Mundo: Etnografia de fragilidades, medos e estratégias juvenis*". Porto: Edições Afrontamento.

Terrasêca, Manuela (2002). *Avaliação dos Sistemas de Formação – contributos para a compreensão da avaliação enquanto processo de construção de sentido*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Porto, Portugal.

Torremorell, Maria Carme (2008). *Cultura de Mediação e Mudança Social, Descrição do Processo Mediador*. Porto: Porto Editora.

Veloso, Esmeraldina (2011). *Vidas depois da reforma: Políticas públicas no contexto português e práticas educativas numa Universidade da Terceira Idade em Portugal*. Lisboa: Coisas de Ler Edições.

Villar, Maria B. C. (2002). *A Cidade Educadora: Nova perspectiva de organização e intervenção municipal*. Gaia: Instituto Piaget.

Willis, Paul (1991). *Aprendendo a Ser Trabalhador: Escola, resistência e reprodução cultural*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Wilson, Chris (2009). O envelhecimento no séc. XXI- Perspetivas Demográficas. In AAVV, *O Tempo da Vida. Fórum Gulbenkian de saúde sobre o envelhecimento 2008/2009*, (pp. 33-49). Cascais: Edição Principia.

Webgrafia

Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento (2002). Retirado em maio 27, 2016 de <https://www.unric.org/html/portuguese/ecosoc/ageing/idosos-final.pdf>

Bruno, Ana (2014). Educação formal, não formal e informal: da trilogia aos cruzamentos, dos hibridismos a outros contributos. *Mediações – Revista Online*, Vol.2 (2), 14. Retirado em setembro 7, 2016 de

<https://www.google.pt/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=contextos%20educativos%20informais>

Câmara Municipal do Porto. Retirado em setembro 28 de <http://www.cm-porto.pt>

Carta das Cidades Educadoras (2004). Retirado em agosto 29, 2016 de <http://comunidadesdeaprendizagem.org.br/Cartadascidadeseducadoras.pdf>

Constituição da República Portuguesa de 1976, artigo 72º. Retirado em maio 27, 2016 de <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>

Guia Global das Cidades Amigas das Pessoas Idosas de 2007. Retirado em agosto 29, 2016 de http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/43755/3/9789899556867_por.pdf

Instituto Nacional de Estatística (INE) Censos de 2011. Retirado em maio 27, 2016 de http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=2&ved=0CC8QFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.ine.pt%2Fngt_server%2Fattachfileu.jsp%3Flook_parentBoui%3D156022957%26att_display%3Dn%26att_download%3Dy&ei=YSnhUsDLCs3G7Aadu4DICA&usg=AFQjCNFZM8D5MwGIyI6leky1u4ryKOJzUw&bvm=bv.59568121,d.Yms

Instituto Nacional de Estatística (INE) Dia Mundial da População, 11 de julho de 2015. Retirado em maio 27, 2016 de [file:///C:/Users/Luis%20Gouveia/Downloads/10Dia_Mundial_Pop_2015%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Luis%20Gouveia/Downloads/10Dia_Mundial_Pop_2015%20(3).pdf)

Jornal de Notícias *on-line* (2012). Retirado em setembro 2, 2016 de

<http://www.jn.pt/local/noticias/porto/porto/interior/mais-de-metade-dos-idosos-do-porto-vivem-sos-2349425.html>

O portal de notícias do Porto. Retirado em setembro 2, 2016 de

<http://www.porto.pt/noticias/porto-cidade-amiga-dos-idosos>

Organização Mundial de Saúde (2002). Retirado em agosto 27, 2016 de

http://www.who.int/whr/2001/en/whr01_djmessage_po.pdf